

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E EM
MATEMÁTICA

DENISE APARECIDA LIMA PEREIRA

**EXPERIÊNCIA, SINGULARIZAÇÃO, ECOSOFIA: CARTOGRAFIA DE PROCESSOS
DE FORMAÇÃO**

CURITIBA
2015

DENISE APARECIDA LIMA PEREIRA

**EXPERIÊNCIA, SINGULARIZAÇÃO, ECOSOFIA: CARTOGRAFIA DE PROCESSOS
DE FORMAÇÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática, linha Educação em Ciências, da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação em Ciências e em Matemática.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Kátia Maria Kasper

CURITIBA
2015

P436e

Pereira, Denise Aparecida Lima

Experiência, singularização, ecosofia : cartografia de processos de formação/ Denise Aparecida Lima Pereira. – Curitiba, 2015.
127 f. : il. color. ; 30 cm.

Dissertação - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Exatas, Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências e em Matemática, 2015.

Orientador: Kátia Maria Kasper .
Bibliografia: p. 90-93.

1. Aprendizagem. 2. Ecologia - Filosofia. 3. Autobiografia. 4. Caracterização. 5. Gonçalves, Ilton. I. Universidade Federal do Paraná. II. Kasper, Kátia Maria. III. Título.

CDD: 304.201



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS EXATAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E EM MATEMÁTICA

PARECER

Defesa de Dissertação de **DENISE APARECIDA LIMA PEREIRA**, intitulada **"EXPERIÊNCIA, SINGULARIZAÇÃO, ECOSOFIA: CARTOGRAFIA DE PROCESSOS DE FORMAÇÃO"**, para obtenção do Título de Mestra em Educação em Ciências e em Matemática.

De acordo com o Protocolo aprovado pelo Colegiado do Programa, a Banca Examinadora composta pelos professores abaixo-assinados arguiu, nesta data, a candidata acima citada. Procedida à arguição, a Banca Examinadora é de Parecer que a candidata está **apta ao Título de MESTRA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E EM MATEMÁTICA**, tendo merecido as apreciações abaixo:

BANCA	ASSINATURA	APRECIÇÃO
Profª. Drª. Kátia Maria Kasper (orientadora)	<i>Katia M Kasper</i>	<i>aprovada</i>
Profª. Drª. Maria Rosa Rodrigues Martins de Camargo	<i>M. R. Martins de Camargo</i>	<i>aprovada</i>
Prof. Dr. Marcos Aurélio Zanlorenzi	<i>M. A. Zanlorenzi</i>	<i>Aprovada</i>

Curitiba, 26 de Fevereiro de 2015.

Prof. Dr. Emerson Rolikowski
Vice-Coordenador do Programa de Pós-Graduação
em Educação em Ciências e em Matemática



AGRADECIMENTOS

Este trabalho só foi possível pelos encontros que vivenciei. Por isso, também foi construído com muitas vozes e mãos.

E neste espaço agradeço a todos que me ajudaram nessa caminhada, mais em especial nomeio algumas delas que tiveram contato constante.

À minha família, meus irmãos, em especial meus pais José e Valdete, que a sua maneira me apoiaram e contribuíram para minha caminhada. Amo vocês.

À Kátia Maria Kasper pelas orientações, pelas inúmeras contribuições nesse processo. Pelas conversas, pelas caminhadas a beira mar que me marcaram significativamente.

Ao meu amigo Juliano, do qual agradeço imensamente sua ajuda e principalmente seu apoio.

Ao professor Ilton Gonçalves, pela acolhida em sua casa, pelas conversas. Agradeço imensamente sua abertura e sua disponibilidade, foram fundamentais para realização desta pesquisa.

À professora Ana Josefina, grande responsável pelos encontros alegres que vivenciei com professor Ilton.

À Prof. Dr^a Maria Rosa e ao Prof. Dr. Zan, pela leitura cuidadosa, e pelas indicações preciosas no momento do exame de qualificação.

Aos meus amigos e colegas do grupo de pesquisa, Emerson, Murillo, Geceoní, Flávia e Pollyana, pelas trocas, pelas leituras, pelo apoio nos momentos de produção da escrita.

Aos amigos de longa data, onde sempre pude contar com um espaçinho em suas casas, na minha estadia em Curitiba, Joice, Mônica, Vanessa, Fernando, Caren, Marilde e Luís Henrique, agradeço pelo apoio, carinho e amor com que sempre me acolheram. Também pela escuta nos diferentes momentos que passei nessa caminhada. Amo vocês.

À CAPES, que financiou esta pesquisa através da bolsa de estudos. E ao Programa de Pós Graduação em Educação em Ciências e Matemática da UFPR .

Agradeço todas as pessoas que durante esse tempo de caminhada contribuíram de alguma forma, direta ou indiretamente.

De que valeria a obstinação do saber se ele assegurasse apenas a aquisição dos conhecimentos e não, de certa maneira e tanto quanto possível, o descaminho daquele que conhece? Existem momentos da vida onde a questão de saber se se pode pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê, é indispensável para continuar a olhar ou a refletir.

Michel Foucault

RESUMO

Esta pesquisa envolve processos singulares de formação. Processos educativos e de formação entendidos como processos de construção de subjetividades. Elege a cartografia como metodologia de pesquisa, pois permite um acompanhamento de processos, composições, produções marcadas pelos encontros. Uma configuração cartográfica a partir dos processos de formação da pesquisadora e a escritura-vida dos trajetos de formação do professor quilombola Ilton Gonçalves, em Guaraqueçaba, estado do Paraná. Um encontro a partir da leitura do livro autobiográfico “Minha Triste e Alegre História de Vida”; e a produção de depoimentos do professor e autor do livro, a propósito de sua trajetória de formação e da construção de suas práticas pedagógicas. Inspira-se nas noções de formação e experiência, de Jorge Larrosa. Operando na perspectiva ecosófica de Félix Guattari, composta com a interação ético-política entre os saberes dos três registros ecológicos: ambiental, social e mental. Com Guattari, questiona-se os modos de vida, abrindo possibilidades para alterar, reinventar essas maneiras de ser e atuar nos diferentes espaços e movimentos da vida. Fugir dos padrões e moldes da lógica dominante, que nos quer conformes. Apresenta-se através de narrativas marcadas pela criação de outras possibilidades de vida, implicando em outras pedagogias, que não se restringem a cursos de formação continuada ou à escola, à sala de aula. Interessa-nos as possibilidades abertas pelos processos, as experimentações. Experiências singulares e singularizantes de formação, provocando uma abertura para outras possibilidades, outros modos de agir, sentir, pensar.

Palavras-chave: Formação. Ecosofia. Escrita de si. Singularização. Ilton Gonçalves

ABSTRACT

This research involves singular training processes educational and training processes considered as involving constructions of subjectivities. Mapping is selected as the research methodology, thus allowing to accompany processes, compositions, and productions marked by encounters. A mapping configuration uses training processes of the researcher and the life story of the training paths of the Quilombola teacher, Ilton Gonçalves, in Guaraqueçaba, Paraná. An encounter with his autobiographical work entitled “My Sad and Happy Life Story” as well as interviews with the author of the book facilitate an understanding of his training path and construction of his pedagogical practices. It draws inspiration from the notions of training and experience by Jorge Larrosa, and incorporates Félix Guattari’s ecosophic perspective that includes the ethical, political interaction between the knowledge of the three ecological fields: environmental, social, and mental. With Guattari, we question ways of life, opening up possibilities to alter and reinvent these ways of being and acting in the different spheres and movements of life, to reject the standards and moulds of the dominant logic, which aims at standardizing us. It presents itself through narratives marked by the creation of alternative ways of life, implied in other pedagogies which are not restrained to life-long training courses, school, or the classroom. We are interested in the possibilities opened up by the processes and the experiments. Unique training experiences that will engender a mindblowing reflection on other possibilities and other ways of acting, feeling, and thinking.

Key words: Training, Ecosophy, Self-writing, Singularization. Ilton Gonçalves

SUMÁRIO

ESCREVER – “É UM PROCESSO, QUE ATRAVESSA O VIVÍVEL E O VIVIDO”	11
DIÁLOGOS INICIAIS	13
PAISAGEM DOS ENCONTROS.....	15
DOS ENCONTROS	17
O ENCONTRO COM O CAMPO DA PESQUISA – MARCAS QUE RESSOAM.....	19
ZVGUN	23
EM SALA DE AULA	28
ENCONTRO COM UM TRAJETO DE FORMAÇÃO	29
A CARTOGRAFIA – CARTÓGRAFA APRENDIZ	33
UM CULTIVO DA ATENÇÃO.....	34
PAISAGEM DOS PENSAMENTOS.....	37
FORMAÇÃO	39
EXPERIÊNCIA.....	40
ECOSOFIA - SINGULARIZAÇÃO.....	43
TRAJETÓRIA DE FORMAÇÃO – A ESCRITA DE SI.....	46
PAISAGEM DOS ENTRELAÇAMENTOS.....	51
IDAS A CAMPO - OS ENCONTROS COM O PROFESSOR ILTON.....	53
UM PRIMEIRO ENCONTRO – “QUEM PASSA POR BATUVA, NÃO SAI SEM ENGOLIR UMA PEDRA MOLHADA”	53
UM SEGUNDO ENCONTRO - “NÃO É QUE A MENINA VOLTOU!”	56
ENTRE FIOS, MAPAS, PAISAGENS, ENTRELAÇAMENTOS –ENREDAMENTOS.....	60
MINHA TRISTE E ALEGRE HISTÓRIA DE VIDA	61
O QUE É SER QUILOMBOLA	65
EM SALA DE AULA	73
EDUCAÇÃO MENOR	74
AS AULAS DE CIÊNCIAS – “A CIÊNCIA QUE NÃO ESTÁ NOS LIVROS	77
DESABAFO	80
UM ÚLTIMO “DEDO DE PROSA”. TALVEZ.....	86

ÚLTIMO AVISO	89
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	90
APÊNDICES.....	94
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO	94
APÊNDICE B – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM PROFESSOR ILTON	95

ESCREVER – “É UM PROCESSO, QUE ATRAVESSA O VIVÍVEL E O VIVIDO”¹

Aos meus interlocutores nesta travessia,

Se me atrevo hoje a escrever é por um “ato de coragem” caro professor Ilton que vieste a me inspirar e também a me atormentar. Tormentos ou tremores das vozes que nesse tempo de pesquisa me causaram – ainda causam – a experimentação de uma escrita. Digo tormento, como o atormentar de uma paixão que padecemos, mas que também nesse meu padecer assumo essa paixão, aceitando esse algo que está externo a mim, esse algo que não sou eu e que não possuo, mas, que me possui, que me cativa, que me encanta, me contagia.

Uma escrita do que se passou nessa travessia, que envolve o fazer pesquisa, melhor, do que me passou nesse processo de formação. Como escrever? Como escrever o que aconteceu, o que me aconteceu, sem perder sua potência, sem reduzir a uma descrição, sem cores e sabores, sem um tom que me faça perder o encanto que tua escrita, provocou, assim como de outros intercessores - que também me atormentaram nessa pesquisa. Além do mais, conforme afirma Larrosa², um dos intercessores que ainda me atormenta, existe uma questão de confiança. Confiança quando se trata de ler, de escrever e de conversar. Foi na confiança das orientações, de encontros e conversas, que fui me inspirando para experimentar uma escrita. Confiança que encontrei nas primeiras acolhidas, nos momentos de conversa com o professor Ilton. Confiança também construída nas orientações com a professora Kátia e com meus amigos e colegas no grupo de pesquisa, Juliano, Emerson, Murillo, Geceoní, Flávia, Pollyana. Confiança. Palavra primeira, dita, no momento da minha qualificação. O ato de confiar a entrega da nossa escrita à leitura do outro.

¹ DELEUZE, Gilles. *Crítica e Clínica*. São Paulo: ed. 34, 1997, p11.

² LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. 1.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

Além da confiança, outra questão foi posta a apreender, a construir: uma atitude de escuta; “aprender a afinar o ouvido”³. Um gesto de como escutar o que foi escrito, o que foi dito e também o não dito. O movimento de cair nas superficialidades, me perder nas profundezas, de ocultar uma audição, restringir a uma visão, a me velar, a um toque. Riscos. Mas o que seria essa “travessia” sem os riscos e perigos de não saber de antemão onde se vai parar – e se vai parar em algo ou algum lugar? E escrever o que me passou nessa travessia, mais difícil ainda, pois ao me expor ao que desconheço e deslocar-me de lugares que vinha ocupando até então, produzindo sentidos outros, deixando de ser, num sempre vir a ser algo que desconheço. Um “vir a ser” sempre nesta necessidade da presença indispensável e atormentadora de vocês, caros amigos.

Um abraço

Denise

³ Ibid., p. 168.

DIÁLOGOS INICIAIS

Esta pesquisa se faz a partir de uma trajetória de formação. A produção de pensamentos outros a propósito da formação. Através de um exercício cartográfico, que constrói-se com diferentes paisagens – paisagens que se constituem através do olhar: de olhares outros. Uma multiplicidade de elementos para essa produção. Multiplicidade do/no olhar, sons, cores, toques, sabores – se interpenetram também nas leituras e na escrita...

Paisagens criadas a partir de acontecimentos, encontros, conversas, compondo caminhos e descaminhos: traçados, construídos, inventados, percorridos. Nem sempre em traçados lineares, ora em vias sinuosas, ora desviando do caminho principal. Em alguns momentos, criando atalhos, e criando outros caminhos; como territórios de passagem, de possibilidades para desterritorializar, mobilizar, forçar o pensamento. Produzidas com variadas vozes, dispositivos, conceitos.

Nossos principais dispositivos e disparadores para pensar a formação: notas de campo; o livro “Minha Triste e Alegre História de Vida”; depoimentos do professor e autor do livro citado, Ilton Gonçalves. Evocamos autores vindos dos campos da filosofia, da educação, das artes, entre outros, para compor com essas diferentes vozes esta cartografia. A cartografia, aqui escolhida como metodologia, visa acompanhar os processos, composições, produções. Nos quais, ganha também visibilidade a formação da própria pesquisadora.

Na travessia que envolve o fazer pesquisa, a produção de olhares, que buscam evidenciar a invenção de si e sua relação com o fazer pedagógico. Invenção de si – produção de subjetividades – que se constitui atravessada pelas forças sociais, culturais, políticas, ambientais, entre outras. Tais processos se tornam peculiares pela sua diferenciação dos modelos prontos e seus elementos padronizantes. Inventando outros modos de existência, outras sensibilidades, relações singulares aos processos de construção de si interpenetrada nos processos educativos.

A primeira paisagem constitui aquela dos “Encontros”. Encontros com pessoas, com autores, conceitos, trajetórias de vida/formação, poesias, literatura. A paisagem

dos pensamentos compõe-se dos deslocamentos de conceitos e noções, que provocaram o início desta pesquisa e de seus horizontes.

Desdobra-se então em outra paisagem, onde buscamos um “Entrelaçamento”; compomos narrativas entrelaçadas com os depoimentos e com nossos interlocutores. Aprendendo com alguns elementos que armam uma tapeçaria, fio a fio, aonde a agulha que vai envolvendo, elegendo os fios, ora tecidos, ora destecidos.

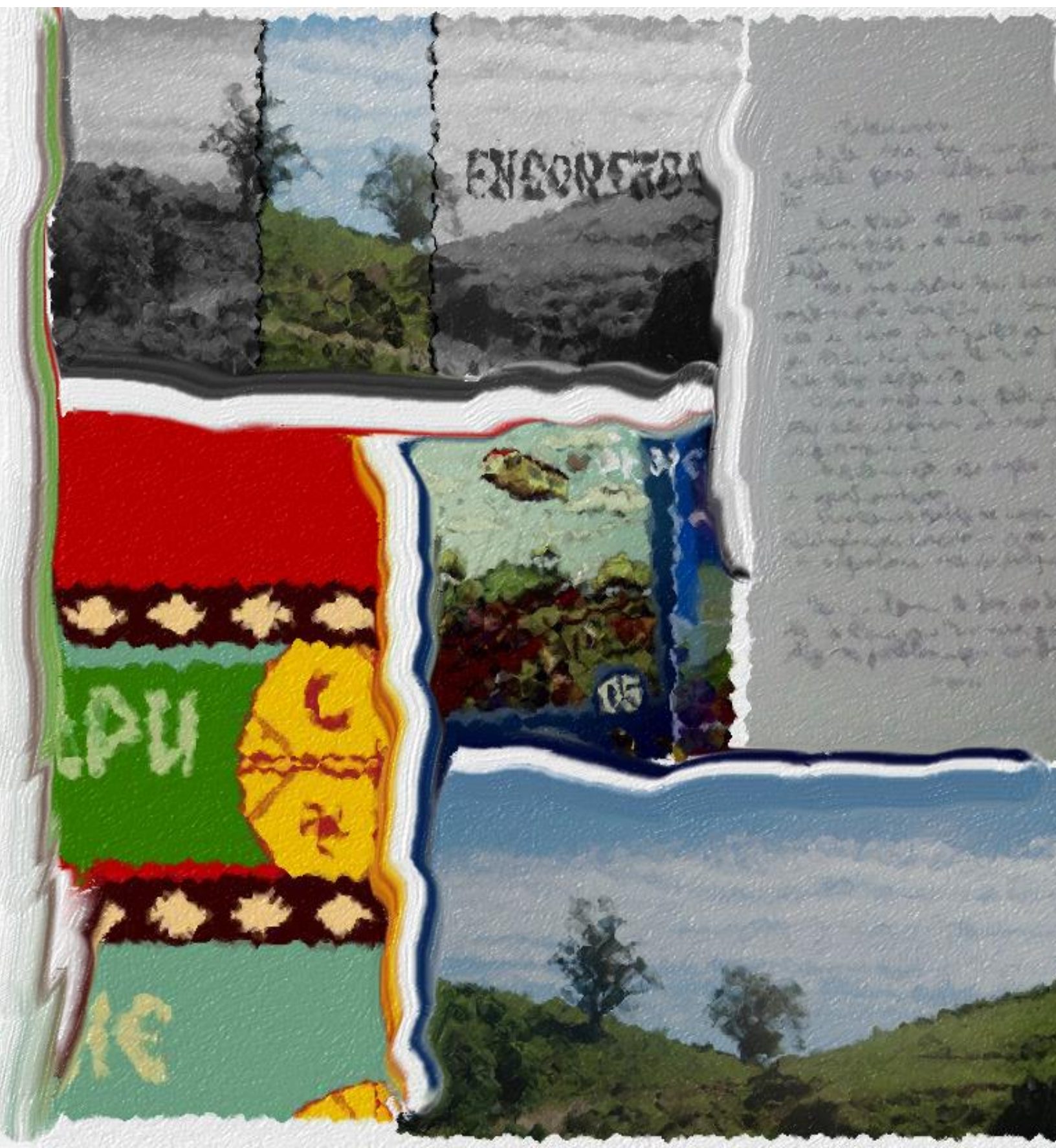
Buscando neste exercício tessituras que envolvem o fazer pedagógico, os processos de formação e a invenção de si, num mapa tecido, em movimento, que não pretende se findar em imagens estáticas, em caminhos definitivos. Assim apresentamos uma estrutura para compor este trabalho. Uma cartografia, numa experimentação, que se faz entre os movimentos da travessia do pesquisar.

Neste exercício, não buscamos expor uma trajetória para que se torne uma prescrição, ou modelo. Mas, escolho um movimento de problematização, de reflexão, de invenção, que permita situar nosso olhar, para a abertura de possibilidades, que aportados em pensamentos “roubados”, contagiam essa pesquisadora/professora em formação.

PAISAGEM DOS ENCONTROS

Encontrar é achar, é capturar, é roubar, mas não há método para achar, só uma longa preparação. Roubar é o contrário de plagiar, copiar, imitar ou fazer como. A captura é sempre uma dupla-captura, o roubo, um duplo-roubo, e é isto o que faz não algo mútuo, mas um bloco assimétrico, uma evolução a-paralela, núpcias, sempre “fora” e “entre”.

Gilles Deleuze & Claire Parnet



DOS ENCONTROS

Daqui em diante uma longa preparação...

Vamos pensar aqui, com a questão colocada em *Diálogos*⁴, onde Deleuze evoca Espinosa: *o que pode um corpo? De que afetos ele é capaz?* A ideia que Espinosa inspira é de que os afetos são devires, onde ora eles nos enfraquecem, diminuem nossa potência de agir (tristeza) ora aumentam nossa potência (alegria).

Assim fui tomada pelas potências dos encontros, alegres e tristes e emprestando – roubando - um fragmento que me inspirou e inspira a pensar nesses e com esses encontros, é que evoco Kasper,

Com Espinosa, recupera-se o sentido político da alegria, definida como potência de afetar e ser afetado, oposta às paixões tristes - como o ressentimento e a culpa -, as quais nos separam de nossa potência. As paixões tristes são o flanco através do qual o poder nos toma, nos paralisa, roubando nossa potência de agir e nossa capacidade de sermos afetados. A alegria, ao contrário, religa-nos à nossa potência. (KASPER, 2004, p. vii)

Aponto aqui uma necessidade de abertura, para criar e experimentar a partir e com esses encontros. Em seu doutorado Kátia Maria Kasper, aponta um modo de aprendizagem que se dá por contágio. Segundo a autora, conhecer por contágio ‘é o devir outro na vizinhança de outrem’ (KASPER, 2004, p.51.). Por que não pensar no contágio dos encontros? Fui contagiada a partir de encontros, aqui um encontro alegre onde conheci a professora Kátia Maria Kasper. Nesse encontro a possibilidade da orientação de um novo projeto de pesquisa.

⁴ DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. tr. br. Eloisa Araujo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.

De um contato com o grupo de pesquisa - sua filosofia, política e estilo -, outros modos de fazer, de pensar, de sentir. Encontros com novos colegas, noções, conceitos, autores, pensadores; um reencontro com a literatura - encontros com multiplicidades.

Deleuze aponta a importância dos intercessores para o pensamento.

O essencial são os intercessores. A criação são os intercessores. Sem eles não há obra. Podem ser pessoas - para um filósofo, artistas ou cientistas; para um cientista, filósofos ou artistas - mas também coisas, plantas, até animais, como em Castañeda. Fictícios ou reais, animados ou inanimados, é preciso fabricar seus próprios intercessores. (DELEUZE, 1992, p.156)

Na relação com meus intercessores, encontro modos outros de me exprimir, de um “eu” que ora se torna um “nós”, um eu já povoado por uma multidão. Multidão de vozes, ideias, pensamentos que compõem a escrita deste trabalho.

Nos encontros, as *marcas* - marcas que surgem, que revivem, que se reatualizam - da inquietação, do desassossego. Suely Rolnik, no artigo “Pensamento, corpo e devir – uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico” nos fala das marcas que se fazem em nosso corpo ao longo da nossa vida. Para a autora,

Uma vez posta em circuito, uma marca continua viva, quer dizer, ela continua a existir como exigência de criação que pode eventualmente ser reativada a qualquer momento. Como é isso? Cada marca tem a potencialidade de voltar a reverberar quando atrai e é atraída por ambientes onde encontra ressonância (aliás, muitas de nossas escolhas são determinadas por esta atração). Quando isto acontece a marca se reatualiza no contexto de uma nova conexão, produzindo-se então uma nova diferença. (ROLNIK, 1993, p. 2)

O desejo de uma pesquisa, de uma nova abertura, aqui para o desconhecido, para outras possibilidades, outras composições. Conforme Rolnik, as composições geram em nós estados inéditos, produzindo abalos na consistência de nossa subjetividade. Quando isso acontece, trata-se de

uma violência vivida por nosso corpo em sua forma atual, pois nos desestabiliza e nos coloca a exigência de criarmos um novo corpo - em nossa existência, em nosso modo de sentir, de pensar, de agir etc. - que venha encarnar este estado inédito que se fez em nós. E a cada vez que respondemos à exigência imposta

por um destes estados, nos tornamos outros. Ora, o que estou chamando de marca são exatamente estes estados inéditos que se produzem em nosso corpo, a partir das composições que vamos vivendo. Cada um destes estados constitui uma diferença que instaura uma abertura para a criação de um novo corpo, o que significa que as marcas são sempre gênese de um devir. (ROLNIK, 1993, p. 02)

Algumas ideias foram povoando o pensamento, forçando a pensar. Pensar, conforme aponta Rolnik, inspirada em Deleuze, “concebido e praticado por um misto de acaso, necessidade e improvisação: **acaso** dos encontros, onde se produzem as diferenças; **necessidade** de criar um devir-outro que as corporifique; **improvisação** das figuras deste devir” (ROLNIK, 1993, p. 05).

Surge então a necessidade de produzir uma outra atitude, outro modo de deixar-se atravessar pelo que não se conhece, de retomar as inquietações, as marcas, novas ou as que trazia, esquecidas. Deixar “desabrochar”. Deixar-me “contagiar”.

O ENCONTRO COM O CAMPO DA PESQUISA – MARCAS QUE RESSOAM

Minha caminhada de formação profissional, inicia-se muito antes de entrar na graduação. Mas como um marco, pontuo minha entrada no ano de 2008, no curso de Licenciatura em Ciências, na Universidade Federal do Paraná, Setor Litoral. Um novo curso, primeira turma, licenciatura em Ciências – qual ciência? Perguntavam-me muitas vezes ao comentar o que estava cursando. Seria já de início uma questão de entender e compreender que ciência é essa, afinal. Uma proposta diferenciada, entre os movimentos políticos que potencializavam uma outra formação de professores de ciências. Uma construção não disciplinar, nem voltada a um processo de aprendizagem avaliativa em termos de ranking de notas – as quais não existem, mas sim conceitos de aprendizagem que contavam com a autoavaliação.

No currículo cria-se espaço para Interações Culturais e Humanísticas (ICH), que permitem outras atividades formativas, eleitas sem regras e exigências quanto ao campo de formação específico. Assim atravesso espaços das artes, nas oficinas de

teatro, de dança, também na produção de sabores nas atividades de gastronomia. E ainda nas oficinas temáticas sobre os “olhares da ciência”, das caminhadas a beira mar nas atividades de preparação física, trocas de vivências nos espaços escolares, e nos diálogos acompanhados com “café e polêmica”. Nas sextas-feiras, um espaço de pesquisa que oportuniza os primeiros encontros para construção de um projeto de aprendizagem (P.A), sem dúvida uma experiência que deixou marcas, que aos poucos vão ressoando nos meus processos de formação continuada e nas ações em sala de aula.

Nesse projeto de aprendizagem atravesso os espaços de ensino-aprendizagem em ciências disparados pelos primeiros contatos com as Abelhas Nativas sem Ferrão. Quatro anos de muitas vivências, de aprendizados que proporcionaram um transitar em diferentes áreas de conhecimento, em outras maneiras de pensar a relação com a natureza, nas atividades na escola, nas saídas a campo. No apreender do movimento atento e de cooperação que as abelhas demonstravam. Nas ilhas das comunidades indígenas outros conhecimentos, a linguagem que origina os nomes, as histórias, as memórias.

Das relações com as propriedades do mel, a partir do conhecimento empírico indígena, às propriedades bioquímicas do mel aprendidas no laboratório. Um transitar entre territórios até então antagônicos numa visão positivista de ciência, para uma relação paralela de mundos de conhecimentos.

Nesse processo de formação inicial ficam marcados os movimentos políticos pedagógicos que constituem um currículo, a construção de um outro modo de relacionar-se com o conhecimento, e ainda questionar que conhecimento é esse. Mas o que ficou evidente foram os sujeitos - suas políticas, sua maneira de pensar encarnada em seu modo de agir.

Desse percurso, constituído por diversas experiências e vivências, destaco, especificamente uma experiência, um acontecimento. Inspirada em Gilles Deleuze, penso o acontecimento carregando uma força, uma potência capaz de desmanchar um território subjetivo, desfazer um modo de existência constituído. Acontecimento, em sua virtualidade, como abertura de novas possibilidades de sentir, pensar, agir.

Vamos a ele: Em 2011, surgiu a oportunidade de fazer intercâmbio estudantil. Estudei durante um semestre na Universidad de Santiago de Chile - USACH. No momento da escolha das disciplinas, busquei as que poderiam me ajudar na formação pedagógica - assim escolhi disciplinas da psicologia da educação, teorias de desenvolvimento profissional docente. Com as disciplinas voltadas para a possibilidade de convalidação, ainda me restavam alguns horários para buscar outras atividades na universidade. Notei a empolgação de minhas colegas de quarto - também brasileiras, estudantes do curso de Letras -, por certa disciplina que haviam escolhido. Sabendo do meu tempo “ocioso”, fui convidada por elas para participar de um grupo de leitura - inspirado no filme “Sociedade dos poetas mortos” – e, para que eu pudesse conhecer um pouco mais, fui convidada a cursar a “tal” disciplina.

Mesmo sendo estudante do campo das Ciências Naturais – como fui identificada pela secretária da faculdade de Letras - pude me inscrever nesta disciplina.

Género y escrituras de mujeres Mapuches, era o nome da disciplina. Até então não estudara sobre as questões de gênero e mal sabia de que se tratava o termo mapuche. Assim ocorreram as primeiras aproximações com um campo literário, cultural e político, a partir das escrituras das mulheres Mapuches - povo originário do Chile. Tratava-se de uma disciplina eletiva, poucos estudantes, muitos deles estrangeiros, dois apenas chilenos, ambos com descendência mapuche.

Nossa professora, também com raízes mapuches, nos envolvia com tanta alegria e motivação ao ter a possibilidade de trabalhar com esta disciplina - mesmo com número reduzido de alunos e em sua maioria estrangeiros -, nos deixava perceber as resistências que encontrava no campo acadêmico.

O contato com a cultura, os modos de vida, a cosmovisão mapuche, encantou-me. Pelo estilo de suas escritas em poesias; mais do que apresentado como um gênero da literatura, apresentava-se como uma experiência de escrita - política, ética, estética.

Em suas poesias e algumas prosas, encontrávamos a vivacidade do cotidiano, memórias, cantos, ensinamentos, saberes, orações e denúncias. Denúncias de um povo que, frente ao domínio espanhol, fica à margem numa luta ainda atual por suas terras e seus modos de vida. Assim também a inclusão dos textos mapuches ao campo

literário, que se dão no início pelos movimentos alternativos, em revistas independentes com uma circulação restrita.

Percebi nesse movimento, o uso da escrita, da linguagem, em seu deslocamento, e em sua subversão, um ato político - de resistências.⁵ A política da memória, que emergia na “oralitura” – produções literárias baseadas em manifestações estéticas orais de uma etnia determinada – na produção estética de cada autora em sua apresentação escrita. Seus propósitos que atravessavam à escrita, onde muitas vezes evocavam vozes antigas sobre sua origem, sobre o ensino de sua cultura, sobre as contingências políticas atuais, apresentavam uma pluralidade de temas e de maneiras de compor.

Como uma das formas de avaliação da disciplina, teríamos que escolher, a partir das autoras (poetas) trabalhadas, uma poesia. Escolha a partir das nossas afinidades com o tema, ou que nos tocou durante a leitura. A partir da poesia, desenvolveríamos uma pesquisa sobre a autora, seus escritos, contextos: do que falava, dos elementos culturais que eram evocados, do estilo, entre outros elementos. Assim, a partir do poema *Zvgun* (que significa língua em mapundugum - idioma mapuche), me aproximo da autora e ativista mapuche Maria Teresa Panchilho.

Um encontro, um acontecimento - a possibilidade de conhecer sua comunidade, Traiguén, território Nagche, aproximadamente 620 quilômetros de Santiago. Me aproximo dos seus modos de vida, da sua cosmovisão, do idioma mapuche - mapuzungun-, do seu trabalho como poeta e ativista.

Retorno um pouco, para tentar esclarecer a escolha pelo poema *Zvgun*. Tínhamos recém passado por um terremoto em Santiago, algo que certamente me marcou, uma experiência e tanto, que me faz recorrer ao vivido:

⁵ Para mais, ver: artigo de Fernanda Moraga, professora responsável pela disciplina citada: A propósito de la “diferencia”: Poesia de mujeres Mapuche. *Rev. chil. lit.*, Santiago, n. 74, abr. 2009. Disponível em http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-22952009000100011&lng=es&nrm=iso e o livro *Kümedungun/Kümewirin. Antología poética de mujeres mapuche (siglos XX-XXI)*. Caniguán, Jacqueline (versión mapudungun). Santiago de Chile: LOM, 2010

“Acordar, não poder permanecer em pé, uma sirene, um aviso. Gritos, objetos caindo. Eu também caía. Todo momento tentando lembrar dos procedimentos nesses casos, que nos informaram assim que entramos na residência estudantil. Uma porta; eu e minha companheira de quarto, tentando nos alojar seguramente, conforme gritava o senhor responsável pela residência “Quedan debajo de una viga”. Estávamos no 5º andar, além das sirenes que alertavam o terremoto, também ouvíamos as sirenes do corpo de bombeiros; princípio de incêndio no prédio. Foram aproximadamente três minutos de atividade - eternos minutos -, depois somente restou o alívio, de estarmos todos bem, para então, tomarmos consciência da gravidade e dos danos causados”.

De volta à escolha do poema. Maria Teresa Panchillo, fala sobre sua língua, sobre a forma como se relaciona com a natureza. No poema, fala sobre a relação do povo (*che*) com a terra (*mapu*), a maneira como a escutam, como a respeitam, como a tratam e dialogam - quando se aproxima um *nvyvn* (um grande terremoto). Assim encontrei ressonâncias, com o escrito e o vivido, com uma outra possibilidade de sentir e agir, com os tremores (*temblores*), que eram constantes. Numa outra maneira de viver “en la mapu y con la mapu”.

ZVGUN

Aquí en La tierra

hablamos todos:

Las aves los animales

Las àguas.

Silba como el viento La culebra

Cuando viene el tiempo de lluvia

Y el silbar es su palabra

*Hay tiempo en que las ziukas
 Hablan cantando al amanecer
 CHOLLPIZ, COLLPIWI
 Es el tiempo en que el MAPU brota
 Rayo a rayo hacia el sol
 Y hay que levantarse para saludarlo.*

*En el mismo tiempo de reproducción
 Las ranas cantan em coro de noche
 La luna en menguante
 Abre cascarones
 en los escasos pajonales
 que van quedando
 Hay outros que siempre hablan llorando
 como el MAYKÑO
 KUKU, KUKU EN...
 así es su idioma,
 Para conversar con su abuela paterna.*

*Los gakiñ dicen:
 GAK GAK
 GAK GAK
 como recién nacidos llorando,
 Daban ganas de escarbar
 en el barro del pantano
 pero cuando se buscando
 se meten más adentro de la tierra
 o se cambían de lugar.*

Cuando niñas lo intentamos con mi hermana

Y mais pewmas en la noche

fueron solo pesadilhas

SE ENOJARON...

ESO NO SE HACE!

Dijo mi madre.

Si se dejaran ver

sería PERIMONTUN.

También hay animales

que se ríen en su idioma

como los perros

y caballos.

Mi Guardián salta y corre agarra su olla o un palo

se ríe

nos habla en su próprio zugun

cuando volvemos a la casa

o si llega algún conocido.

Pero llora

cuando ve al WEKUFV EN LAS NOCHES

y cuando siente que viene el Nvyvn

con grado a terremoto;

entonces la gente se levanta y sale,

se sienta en el suelo agarrada a la tierra

le habla al temblor

IÑCHE TA FANEN,

FANEN

FANEN

FANEN

FANEN

FANEN

yo soy pesada

pesada

pesada

pesada

pesada

pesada

¿ Y el AGUA?

Oh el agua!

Tiene un idioma único

habla cantadito

una melodía en las mañanas

al medio día outra

y en las tarde

otra diferente

hay que escucharla no más

para saber que dice.

Así es la vida en mi MAPU

En la lógica occidental

cualquiera me diría

eso se llama Sonido

Pero desde que somos CHE

siempre fue así y será

ZVGUN

Tantos outros poemas me tocaram. Principalmente os poemas recentes que evidenciavam as relações políticas de resistência presentes naquele momento, vivenciado por mim. Este contato provoca um desconforto também. Lembro que alguns colegas chilenos perguntaram se no meu país, conhecia algo nesse campo da literatura escrita pelos povos tradicionais. Eu e algumas de minhas colegas desconhecíamos. Até então...

EM SALA DE AULA

*Quando estou em sala de aula,
Não sou apenas professor,
Sou das crianças companheiro,
Amigo, orientador.*

*O futuro deste país,
Nas mãos destes pequenos há de ficar.
Pois, que assim proceder,
Bom futuro esperará.*

*O país está no abismo,
Num buraco de escuridão.
Portanto, dedico todo afeto,
Para transformá-los em cidadãos.*

*Na sala sou professor, colega, pai, amigo, mãe e irmão.
Às vezes, pedreiro, carpinteiro;
Eletricista, enfermeiro, médico-cirurgião.
Tentando colocar nesses meninos,
Bons Hábitos e ampla visão.*

*Cuidar bem de toda classe,
é o papel do professor.
Pois, que assim não fizer,
Não é bom educador.*

ENCONTRO COM UM TRAJETO DE FORMAÇÃO

Essa poesia foi escrita como uma tarefa, onde cada professor deveria escrever como se sentia em sala de aula. Compõe uma das poesias que encontrei no livro “Minha Triste e Alegre História de Vida”, de autoria do professor Ilton Gonçalves. Um encontro com uma autobiografia, em estilo poético. Assim iniciam meus contatos com o livro, com o professor Ilton Gonçalves, com sua história e seus processos de formação.

Nesse momento, nesse espaço de pesquisa, encontrei ressonâncias com as marcas anteriores, que relacionavam à escrita, e suas formas, seus sujeitos e principalmente a relação de quem escreve com o que escreve. Se encontrei na poesia das mulheres mapuches um estilo de recriar e contar suas vivências e lutas, também o encontrei no livro do professor Ilton, seu estilo de escrever sobre suas vivências, lutas e experiências de formação. E, quem sabe, uma outra aproximação, que se dá pela marginalidade da escrita, pelo lugar de origem destas escritas, de onde escrevem e para quem escrevem, do povo mapuche, a uma comunidade quilombola.

Interessava-me investigar como construiu seu trabalho. Como vem se constituindo profissionalmente? Por quais caminhos tem se tornado esse professor? Através de quais encontros? Investigar com sua obra e através de depoimentos produzidos no contato com ele, principalmente seus percursos formativos.

Inicialmente minhas inquietações transitavam em torno de como pensar e problematizar a formação de professores de Ciências. Uma inquietação demasiadamente ampla, para a qual, buscamos focar nos processos formativos. Evidenciar os processos singulares de formação, que escapam aos modelos dominantes e suas formas de padronização dos modos de ser, de pensar, de agir.

Neste sentido, como articular minhas inquietações com os encontros que ressoavam naquele momento? Uma indicação de leitura abriu possibilidades para um encaminhamento inicial. No livro *Experiências de vida e formação*, de Marie-Christine Josso⁶, encontro algumas pistas. Ela apresenta reflexões teórico-metodológicas a respeito do trabalho com histórias de vida e suas experiências formativas.

⁶ JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

Assim, aliamos-nos também a Josso, para pensar a formação. O objetivo de seu livro, conforme Josso, consiste em “indicar pistas para reflexão e apresentar sua compreensão atual sobre o que é formação e sobre o lugar que nela ocupam as experiências ao longo das quais se formam e se transformam as nossas identidades e a nossa subjetividade” (JOSSO, 2004, p. 37).

Aproximamo-nos de algumas reflexões de Josso a respeito da formação, mas no contato com o pensamento de Jorge Larrosa a respeito da mesma temática, destacamos algumas divergências entre ambos. Ao longo da pesquisa Jorge Larrosa, Gilles Deleuze e Félix Guattari vão se tornando os principais interlocutores.

Pensamos a formação, partindo do lugar da experiência. Experiência como algo *que nos passa e ao nos passar nos transforma*, conforme Larrosa. Encontramos em Josso, uma outra visão onde “[...] a formação descreve os processos que afetam as nossas identidades e a nossa subjetividade. Ela indica, assim, um dos caminhos para que o sujeito oriente, com lucidez, as próprias aprendizagens e seu processo de formação. Se a aprendizagem experiencial é um meio poderoso de elaboração e de integração do saber-fazer e dos conhecimentos, o seu domínio pode tornar-se um suporte eficaz de transformações” (JOSSO, 2004, p. 41).

Conforme nossa leitura, Josso quer conduzir a formação. Larrosa fala do intempestivo, não está preocupado em ter o controle sobre um caminho. Nossa abordagem encontra mais ressonâncias nesse autor do que em Josso.

Neste momento o caos.

As possibilidades da pesquisa, mas como escrever? Como compor tudo sem tantas reduções utilitaristas e também compor com o rigor de um trabalho acadêmico de mestrado?

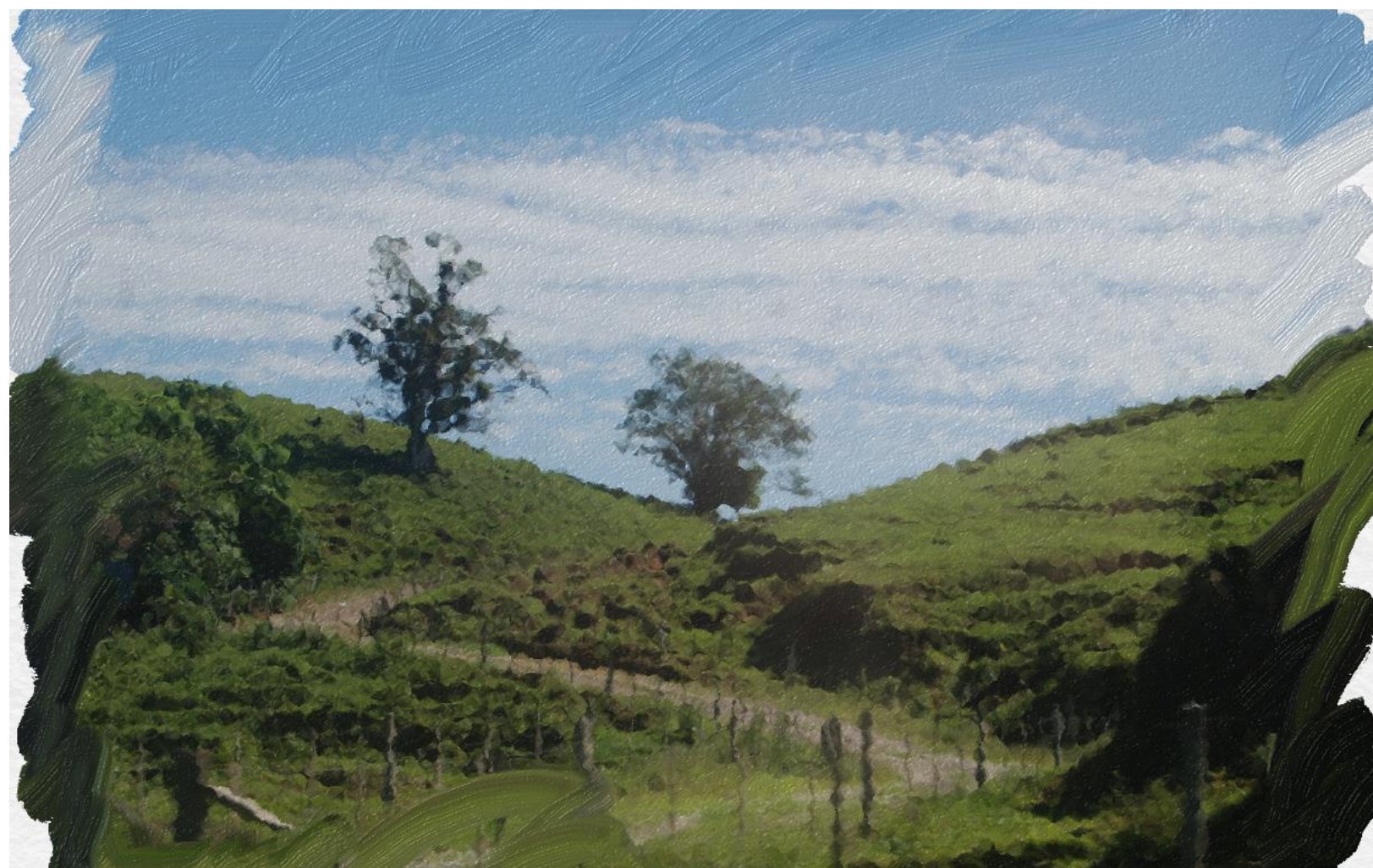
Já estava claro que nossas expectativas não indicavam a criação de um modelo, ou de uma regra sobre a formação de professores. O nosso foco está no processo da aproximação, da disponibilidade, da abertura, da ruptura, dos afetos. Sem

nos colocarmos num papel de julgamento, de emissão de prescrições, mas numa política dos encontros, dos acontecimentos, e dos processos que vão compondo esta pesquisa.

No mesmo período, em contato com outras dissertações, teses, e com as discussões no grupo de estudos e orientação, me aproximo de uma outra possibilidade metodológica, até então desconhecida por mim. Na verdade um outro método, a cartografia. Assumo a possibilidade da construção/formação de uma postura de cartógrafa, concomitantemente ao exercício de cartografar uma trajetória de formação. Como um processo de criação, que força o pensamento, que retoma as inquietações e junto aos agenciamentos com diferentes interlocutores, proponho, ou melhor, propomos este trabalho.

Assim busco construir essa cartografia, e produzir a partir das paisagens que a compõem, a minha própria experiência de escrita.

Afirmando sempre que o caminho que não está pronto, sendo construído no movimento, como diz apropriadamente Antonio Machado: “Caminante, no hay camino, se hace camino al andar.”⁷



⁷ MACHADO, António. *Proverbios y cantares In. Poesías completas*. 14ª ed. Madri, Espasa-Calpe 1973. Disponível em < <http://www.poesia-inter.net/amach164.htm> >

A CARTOGRAFIA – CARTÓGRAFA APRENDIZ

Uma outra forma de fazer, de compor, de criar uma pesquisa. Aproximação com uma possibilidade de pesquisar sem a ideia comum de uma linha reta, de um caminho que, de antemão procura saber aonde vai, como irá traçá-lo e o que vai encontrar. “Um método não é um caminho para saber sobre as coisas do mundo, mas um modo de pensamento que se desdobra acerca delas e que as toma como testemunhos de uma questão: a potência do pensamento” (OLIVEIRA; PARAÍSO, 2012, p.163). Exercícios do pensamento, criação de paisagens. A possibilidade de compor paisagens em movimento; “um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem” (ROLNIK, 1986, p.15).

Movimentos de dobras. Dobras da aprendizagem do método, que permite um olhar para a própria formação da pesquisadora-cartógrafa. À medida que vai sendo afetada pelos encontros, pelas intervenções. Podemos entender esse processo como uma experiência, aqui pensando com Larrosa (2004) no que nos acontece, no que nos passa.

A experiência,

(...) a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (LARROSA, 2002, p.24)

Nessa interrupção, também desmanchamentos. Desmanchar os olhares, os pensamentos, despir-se da opinião e da necessidade de respostas prontas e acabadas. Tarefa difícil, quando se tem marcas de longo tempo, atitudes naturalizadas, pensamentos condicionados.

Mas neste exercício do olhar – o que olhar? Como estar atento ao que nos passa, ao que nos toca? - Como se dispor para o inesperado, na sutileza da disponibilidade e da abertura?

A entrada do aprendiz de cartógrafo no campo da pesquisa coloca imediatamente a questão de onde pousar sua atenção. Em geral ele se pergunta como selecionar o elemento ao qual prestar atenção, dentre aqueles múltiplos e variados que lhe atingem os sentidos e o pensamento. A pergunta, que diz respeito ao momento que precede a seleção, seria melhor formulada se evidenciasse o problema da própria configuração do território de observação, já que, conforme apontou M. Merleau-Ponty (1945/1999) a atenção não seleciona elementos num campo perceptivo dado, mas configura o próprio campo perceptivo. (KASTRUP, 2007, p.16)

Em Passos, Kastrup e Escóssia (2009) encontramos oito pistas para o método da cartografia, mas de antemão somos alertados de que não há receitas, ou procedimentos *a priori*, um norte pré-determinado. Para eles, as “pistas que guiam o cartógrafo são como referência que concorrem para a manutenção de uma atitude de abertura para o que vai se produzindo e de calibragem do caminhar no próprio percurso da pesquisa – o *hódos-metá* da pesquisa” (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2009, p.13).

Às vezes somos tomados por uma necessidade de certezas, do que virá e de como acontecerá durante a pesquisa. Como se precisássemos dar visibilidade para as regularidades, de modo que as hipóteses sejam rapidamente confirmadas ou se transformem em exemplos e verdades. Mas o que fazer com o que não estava previsto? Não sabemos bem o que fazer com o inesperado, principalmente com o que nos aconteceu, ou melhor: em como estar atento ao que nos acontece.

UM CULTIVO DA ATENÇÃO

Em seu artigo sobre “O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo, Kastrup (2007), define a atenção cartográfica como “concentrada e aberta, caracterizando-se por quatro variedades: o rastreio, o toque, o pouso e o reconhecimento” (p.15).

A autora nos apresenta o rastreio sendo um gesto de varredura do campo. Mas não como um rastreio que busca informação – o mais “importante é a localização de pistas de signos de processualidade” (KASTRUP, 2007, p.18).

Destaca ainda que a atenção do cartógrafo é, em princípio, aberta e sem foco, e a concentração se explica por uma sintonia fina com o problema.

Nos movimentos da atenção, pode surgir algo que a toque. Este toque pode ser sutil ou não, lento ou veloz ao acontecer. “Sua importância no desenvolvimento de uma pesquisa de campo revela que esta possui múltiplas entradas e não segue um caminho unidirecional para chegar a um fim determinado” (KASTRUP, 2007, p.19).

Acredito que, nesta pesquisa, o toque surge junto com as marcas onde encontramos territórios para reatualizar aliados nos encontros que me afetaram.

Um terceiro gesto que Kastrup elenca é o pouso - “indica que a percepção, seja ela visual, auditiva ou outra, realiza uma parada e o campo se fecha, numa espécie de zoom” (KASTRUP, 2007, p.19). Surge a possibilidade de compor um novo campo, uma reconfiguração do que se observa. Nesta atitude da escolha do que aproximar (zoom), inevitavelmente acabamos excluindo, mesmo que momentaneamente, alguns dos elementos que compõem o campo da pesquisa, seja selecionando, recortando, e fechando. Mas que permanecem ali, com a possibilidade de uma atenção vinda de um toque, que pode ocorrer talvez em outro momento.

O quarto gesto ou variedade atencional, como a autora coloca, é o reconhecimento atento. Kastrup traz as seguintes provocações: “O que fazemos quando somos atraídos por algo que obriga o pouso da atenção e exige a reconfiguração do território da observação? Se perguntamos 'o que é isto?' saímos da suspensão e retornamos ao regime da reconhecimento” (KASTRUP, 2007, p.120) A autora sugere uma outra atitude investigativa do cartógrafo, mobilizando a questão do “o que é isto” para “vamos ver o que está acontecendo” (KASTRUP, 2007, p.20) sem pretender representar algo, mas acompanhar um processo.

E nesta perspectiva procuramos não pesquisar **sobre**, mas sim **com** e a partir dos processos que marcaram tanto os percursos de formação do professor Ilton Gonçalves, como os desta pesquisadora. Pretendemos, conforme Bergson *apud*

Kastrup (2007, p.20) – que o reconhecimento atento nos possibilite reconduzir ao objeto para destacar seus “contornos singulares”.

PAISAGEM DOS PENSAMENTOS

Porque pensar no es calcular, ni argumentar, sino, justamente, quebrar los paradigmas existentes, proponer otras formas de ver las cosas, otras lógicas, otras formas de racionalidad, otras formas de relacionarse con el mundo, con los demás y con nosotros mismos.

Jorge Larrosa



FORMAÇÃO

Para a composição desta paisagem dos Pensamentos, inicia-se aqui um breve horizonte conceitual que vamos trabalhar, entrelaçando na constituição da trajetória cartografada. Buscamos nesta paisagem aliados para podermos operar, problematizar, tensionar a noção de formação. Mas, como uma pesquisa em processo, está sempre aberta e buscando sempre novos aliados, vindos pelas necessidades que encontramos no campo - pelos movimentos, pelos depoimentos e ainda por inquietações que certas vezes nos tomam mesmo que vindas de sonhos, de algumas conversas, de filmes, de canções, e de poesias...

Nesta primeira paisagem evocamos os autores Jorge Larrosa, Félix Guattari, Gilles Deleuze como principais aliados para compor uma articulação que procura expandir a noção de formação.

Inspirados em Larrosa, vamos trabalhar com uma noção de formação, que vai além das práticas formais de ensino. Pensamos os processos de formação como processos de produção de subjetividades, de constituição dos sujeitos. “Nessa perspectiva, a noção de formação ultrapassa, extrapola os espaços e tempos das instituições formais, sendo vista como um processo vital de construção de si, no embate com as forças do social. Envolve, portanto, uma articulação ética, estética e política” (BRAGA; KASPER, 2013, p.40).

Jorge Larrosa (2007, p. 135) discute a ideia clássica de formação, a qual, segundo ele, tem duas faces: formar significa dar forma e desenvolver disposições preexistentes; formar significa conduzir o homem à con-formidade em relação a um modelo ideal. Tal modelo foi fixado e assegurado de antemão. Para além dessa visão clássica de formação, o autor pensa a formação sem ter uma ideia prescritiva de seu caminho, seu percurso e sem uma ideia normativa e excludente de seu resultado. Para Larrosa, a ideia de formação

(...) não se entende teleologicamente, em função de seu fim, em termos do estado final que seria sua culminação. O processo de formação está pensado, melhor dizendo, como uma aventura. E uma aventura é, justamente, uma viagem no não planejado e não traçado antecipadamente, uma viagem aberta

que pode acontecer, e na qual não se sabe onde vai chegar, nem mesmo se vai se chegar a algum lugar. De fato, a ideia de experiência formativa, essa ideia que implica um se voltar para si mesmo, uma relação interior com a matéria de estudo, contém, em alemão, a ideia de viagem. Experiência (*Erfahrung*) é, justamente, o que se passa numa viagem (*fahren*), o que acontece numa viagem. E a experiência formativa seria, então, o que acontece numa viagem e que tem suficiente força como para que alguém se volte para si mesmo, para que a viagem seja uma viagem interior. (LARROSA, 2004, p.52-53).

Neste sentido, pensamos então a formação. E nesta viagem, ou melhor, nesta trajetória de formação, encontramos a partir de um gesto de toque, o que me propiciou o pouso na relação dos processos de invenção de si com a invenção do fazer pedagógico.

Inicia-se aqui então uma outra abertura, para essa capacidade de invenção, potencializada pela experimentação, pela experiência. Pensada a partir de acontecimentos e experimentações, uma experiência de formação pensada como aquilo que nos passa e ao passar nos transforma. Formação como experiência, como transformação que possibilita criar, singularizar. Braga e Kasper (2013) em seus estudos a partir da tensão conceitual da singularização de Félix Guattari e da formação como um devir criativo e plural, de Jorge Larrosa, nos apresentam outro modo de operar e refletir sobre a formação. Formação “entendida como experimentação vital e como um processo de singularização” (BRAGA; KASPER, 2013, p.39), pensamento ao qual buscamos nos aliar e nos inspirar para pensar também os processos de formação da trajetória aqui cartografada.

EXPERIÊNCIA

A noção de experiência que evocamos aqui é apresentada por Larrosa (2002), em seu artigo “Notas sobre a experiência e o saber de experiência”. Larrosa propõe pensar e explorar a educação a partir do par experiência/sentido. Diferente do que costumeiramente encontramos, a partir das relações entre a ciência e técnica, ou das relações entre teoria e prática.

No campo da educação não nos soa estranho o termo experiência. Ele tem sido bastante usado no campo de formação de professores. Porém, a noção de experiência que Larrosa propõe passa longe de uma experiência como prática ou acúmulo de anos de trabalho. Diferencia também, a experiência do experimento, convertida em uma etapa do método, do caminho seguro da ciência. Sendo assim necessário,

limpar a palavra *experiência* de suas contaminações empíricas e experimentais, de suas conotações metodológicas e metodologizantes. Se o experimento é genérico, a experiência é singular. Se a lógica do experimento produz acordo, consenso ou homogeneidade entre os sujeitos, a lógica da experiência produz diferença, heterogeneidade e pluralidade.” [...] “Se o experimento é repetível, a experiência é irrepetível, sempre há algo como a primeira vez. Se o experimento é preditível e previsível, a experiência tem sempre uma dimensão de incerteza que não pode ser reduzida. Além disso, posto que não se pode antecipar o resultado, a experiência não é o caminho até um objetivo previsto, até uma meta que se conhece de antemão, mas é uma abertura para o desconhecido, para o que não se pode antecipar nem 'pré-ver' nem 'pré-dizer'. (LARROSA, 2002, p. 28)

Somos então território das experiências, do que nos passa. Mas muitas coisas se passam, porém, como diz Larrosa, “ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo está organizado para que nada nos aconteça” (2002, p.21).

O autor alerta-nos ainda que a experiência é rara devido a alguns fatores. É rara pelo excesso de informação. Somos bombardeados por uma infinidade de informações que chegam de todos os lados e meios. Sentimos sempre a necessidade de estarmos bem informados. Porém toda essa informação se reduz apenas a um “estar” informado; não se busca no sentido de “sabedoria”.

Além disso, ainda a experiência é rara pelo excesso de opinião. Se pensarmos na escola, ou em outras instâncias que trabalham com formação de professores, não é difícil notarmos como, muitas vezes, os educadores se utilizam da produção da opinião (que nada tem de conhecimento), induzindo-a e, posteriormente, tomando-a como meio de avaliação - buscando correspondências a partir de sua opinião, nas falas de seus alunos. Esse sujeito “é alguém que tem uma opinião supostamente pessoal e supostamente própria e, às vezes, supostamente crítica sobre tudo o que passa, sobre tudo aquilo que tem informação” (LARROSA, 2002, p.22).

Outro “inimigo” da experiência é a falta de tempo. Para Larrosa, “tudo que se passa, passa demasiadamente depressa, cada vez mais depressa”. (2002, p.23). Assim com a velocidade do tempo, com a necessidade de novos estímulos, logo são substituídos. Encontramos isso nos espaços de formação, também, com o pouco tempo que se trabalha em disciplinas, que se consomem conceitos e teorias, para rapidamente se apropriar e utilizar. Algumas vezes, também sendo rapidamente descartadas ou substituídas pelo que está na “moda”.

Outro ponto que o autor nos chama a atenção é para o excesso de trabalho. E retoma a questão do trabalho como experiência. “Existe um clichê segundo o qual nos livros e nos centros de ensino se aprenda a teoria, o saber que vem dos livros e das palavras, e no trabalho se adquire a experiência” (LARROSA, 2002, p.23). É recorrente ouvir que os professores com mais tempo de trabalho são mais experientes, mas Larrosa vai mais além, considerando o trabalho visto como uma mercadoria. Nesse sentido, é inimigo mortal da experiência e o autor critica qualquer contagem de créditos para a experiência.

Nota-se como tantos inimigos e restrições, acabam nos impedindo de experienciar. Podemos dizer que a raridade para que aconteça uma experiência também provém de que nem todo indivíduo é capaz e não se dá abertura para que algo aconteça.

Do ponto de vista da experiência, o importante não é nem a posição (nossa maneira de pormos), nem a “o-posição” (nossa maneira de opormos), nem a “imposição” (nossa maneira de impormos), nem a “proposição” (nossa maneira de propormos), mas a “exposição”, nossa maneira de “ex-pormos”, com tudo o que isso tem de vulnerabilidade e de risco. Por isso é incapaz de experiência aquele que se põe, ou se opõe, ou se impõe, ou se propõe, mas não se “ex-põe”. É incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada o toca, nada lhe chega, nada o afeta, a quem nada o ameaça, a quem nada ocorre (LARROSA, 2002, p.24).

Podemos pensar mesmo na cartografia em uma pesquisa, na necessidade de se expor. Somos tomados pelo medo, pelo desconhecido, pelo não controlável, pelo

inesperado, pelo que pode não dar certo, ou aquilo que foge das hipóteses, das categorias *a priori*.

Na possibilidade de uma experiência de formação, ou a partir dessa experiência o que tocou e o que transformou, se torna possível uma viagem de formação, do voltar para si mesmo e buscar outros sentidos. A noção de experiência pensando com Larrosa, nos atravessa em vários momentos deste trabalho, nos estimulando ou nos precavendo de atitudes ou escolhas.

As aproximações com a noção de experiência e o saber da experiência, nos inspiram ao pensar nesses processos como aberturas para uma singularização. Se a experiência envolve o que me passa, me marca e me transforma, podemos operar com a possibilidade de um outro modo de fazer, de pensar, de sentir os processos de formação e suas relações de ensino e aprendizagem, no qual evidenciam os processos de singularização.

Podemos encontrar outros movimentos, onde fugimos do que nos molda, nos configura em um padrão. Assim, abertos aos atravessamentos, que nem sempre controlamos, ou percebemos suas dimensões. Atravessamentos esses, sociais, do nosso entorno e que formam nossos modos de pensar, de sentir, de agir. Podemos aqui estabelecer conexões com o conceito de **Ecosofia** de Félix Guattari.

ECOSOFIA - SINGULARIZAÇÃO

Em sua obra *As três ecologias*, Félix Guattari aborda uma temática contemporânea, onde as transformações técnico-científicas, e o acelerado crescimento demográfico, engendram em contrapartida fenômenos de desequilíbrios ecológicos, evidenciando uma deterioração nos modos de vida humanos individuais e coletivos. Modos de vida marcados por uma padronização de comportamentos, inclusive mobilizados pela mídia e o consumo, reduzindo as relações da subjetividade com sua exterioridade a sua mais pobre expressão. (GUATTARI, 1995, p.08). O autor aponta

para a produção de uma subjetividade coletiva manipulada pela mídia, o enuncia como *Capitalismo Mundial Integrado* (CMI), onde,

tende, cada vez mais, a descentrar seus focos de poder das estruturas de produção de bens e de serviços para as estruturas produtoras de signos, de sintaxe e de subjetividade, por intermédio, do controle que exerce sobre a mídia, a publicidade, as sondagens etc. (GUATTARI, 1995, p.30-31).

Frente a este panorama, Félix Guattari propõe a Ecosofia como uma interação ético-política entre os saberes dos três registros ecológicos: ambiental, social e mental. Na articulação desses três registros expressa a forma como os indivíduos interagem entre si, com o ambiente e consigo mesmos. A articulação entre os três registros envolve uma maneira de inventar outros modos de vida que escapam às normas e aos padrões da lógica do capitalismo contemporâneo. Pensamos a formação como processo de produção de subjetividade, aliando a perspectiva ecosófica, nas relações entre os modos de vida – uma invenção de si - com o fazer pedagógico, que ocorre articulado com o espaço. Um fazer pedagógico que ocorre articulado com o espaço cultural, social, político, ético, estético, em que se desenvolve. Relações dos processos de formação em seus territórios existenciais, que não se restringem somente a uma formação institucional pautada nas relações teórico-metodológicas. Buscando um distanciamento dos modismos pedagógicos que se apóiam em formas e padrões de como constituir-se professor. Aproximando-nos dos processos onde o docente constrói-se singularmente, a partir das forças que o atravessam nos mais variados espaços de formação.

Através das três ecologias, Guattari questiona os modos de vida, nos trazendo preocupações e indagações sobre algumas formas de se relacionar consigo e com o mundo.

Encontramos na ecosofia social a possibilidade de desenvolver práticas específicas que tendam a modificar e a reinventar essas maneiras de ser e atuar nos diferentes espaços e movimentos da vida. A ecosofia mental busca reinventar as relações do sujeito com o corpo:

Ela será levada a procurar antídotos para a uniformização midiática e telemática, o conformismo das modas, as manipulações da opinião pela

publicidade, pelas sondagens etc. Sua maneira de operar aproximar-se-á mais daquela do artista do que a dos profissionais "psi", sempre assombrados por um ideal caduco de cientificidade. (GUATTARI, 1995 p.16)

Na perspectiva da ecosofia ambiental, “tudo é possível tanto as piores catástrofes quanto as evoluções flexíveis. Cada vez mais, os equilíbrios naturais dependerão das intervenções humanas”. (GUATTARI, 1995, p.52)

Para Guattari (1995, p.24), essa recusa a olhar de frente as degradações desses três domínios, tal como isto é alimentado pela mídia, confina num empreendimento de infantilização da opinião e de neutralização destrutiva da democracia. E para uma desintoxicação dos discursos sedativos que a mídia destila, conviria então apreender o mundo através dos três registros que compõem a ecosofia.

Longe de esgotar o pensamento e os conceitos abordados por Guattari, pousamos nestes que podem contribuir para compor nossa paisagem de pensamento.

Guattari interessa-se pelas possibilidades de ressingularização, de abertura de outras possibilidades de se estar no mundo, outros modos de agir, de pensar, de sentir. Interessa-se pelo que potencializa os processos criativos que se contrapõem às formas dominantes de subjetivação por ele denunciadas.

A ressingularização remete-nos ao que, no contexto educacional, Silvio Gallo (2008. p.59) chama de “educação menor”. Assim como Deleuze e Guattari (1977) afirmam uma literatura menor em seus escritos a respeito de Kafka, Gallo produz esse deslocamento para pensarmos uma educação menor, que “é um ato de revolta e de resistência. Revolta contra os fluxos instituídos, resistência às políticas impostas [...] uma educação menor é um ato de singularização [...]”. (GALLO. 2008, p.64-65).

Para Guattari, os indivíduos podem tanto repetir e seguir esses modelos, padrões e normas dominantes, apresentados nas diversas instâncias sociais, como podem também rebelar-se e criar outros modos, singularizar. Conforme Guattari e Rolnik,

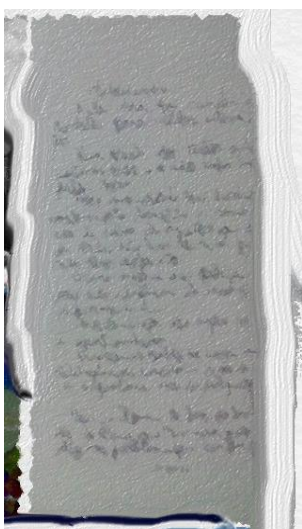
O modo pela qual os indivíduos vivem essa subjetividade oscila entre dois extremos: uma relação de alienação e opressão, na qual o indivíduo se submete à subjetividade tal como a recebe, ou uma relação de expressão e de criação, na qual o indivíduo se reapropria dos componentes da subjetividade, produzindo um processo que eu chamaria de singularização”. (GUATTARI;

ROLNIK, 1986, p.33)

Nessa perspectiva a subjetividade não se refere ao indivíduo, mas está “em circulação nos conjuntos sociais de diferentes tamanhos: ela é essencialmente social, e assumida e vivida por indivíduos em suas existências particulares” (GUATTARI; ROLNIK, 1986, p.33).

Interessa em nossa pesquisa pensar a formação como um processo de invenção e reinvenção de si. E temos especial interesse na singularização, no que escapa dos modos e das lógicas dominantes. Isso que como sujeitos da experiência, expostos conforme Larrosa (2002), nos possibilita experimentar form(ações) outras. Encontramos na trajetória de formação do Professor Ilton, seus processos de invenção de si e do seu fazer pedagógico, muitas vezes uma política da educação menor. Ressaltamos ainda seu estilo de narrar o que lhe passou nos acontecimentos de formação, que não se restringem a cursos de formação continuada ou à escola, à sala de aula, mas que na abertura para a alteridade encontrou espaços para se reinventar.

TRAJETÓRIA DE FORMAÇÃO – A ESCRITA DE SI



À diferença da informação, o relato não se preocupa em transmitir o puro em si do acontecimento, ele o incorpora na própria vida daquele que conta, para comunicá-lo como sua própria experiência aquele que escuta. Dessa maneira o narrador nele deixa seu traço, como a mão do artesão no vaso de argila.

Walter Benjamin

Em seu livro, o professor Ilton Gonçalves, aborda sua história de vida e em estilo poético, algumas passagens que o marcaram em sua trajetória como educador. O que toca em um primeiro momento é a sua maneira de compor e de narrar seus processos e vivências de formação, o seu traço nessa escrita de si.

O processo da prática de uma escrita de si proporcionou-nos uma abertura para também compor nesta paisagem, as relações do vivido, das memórias, com uma prática da escrita de si, para pensar a formação.

Inicialmente evidenciaremos aproximações em relação à noção foucaultiana de escrita de si.

Ao abordar a escrita de si, Foucault traz algumas questões quanto a esta prática. Num primeiro momento, através da abordagem das técnicas de si na cultura greco-romana, retrata a escrita de si como um ato de escrita voltada para si, na constituição de si. Como ocorre na prática dos *hypomnemata*, na qual “tratava-se de se constituir a si próprio como sujeito de ação racional pela apropriação, a unificação e a subjetivação de um ‘já dito’ fragmentário e escolhido” (FOUCAULT, 1992, p.160).

Escritas que se constituem em documentos pessoais, diários, cadernos pessoais, cartas, que não se configuravam em narrativas de si em tom confessional, mas antes em uma auto-reflexão, da sua constituição moral e ética “como elemento para o treino de si, a escrita tem, para utilizar uma expressão que se encontra em Plutarco, uma função *etepoiética*: é um operador da transformação da verdade em *ethos*”. (FOUCAULT, 1992, p.134). Nos escritos de Foucault, a escrita de si remete a um registro de práticas que evidenciam um exercício de pensamento, também um voltar-se para si mesmo aferindo na sua constituição ética e moral como uma técnica de vida, de constituição de si. Uma escrita de si voltada para a constituição de si, mas também voltada para o outro. Por exemplo, “no caso da narrativa epistolar de si próprio, trata-se de fazer coincidir o olhar do outro e aquele que se volta para si próprio quando se aferem as ações quotidianas às regras de uma técnica de vida” (ibid, p.160). Foucault ainda evidencia as relações que se efetuam simultaneamente entre os correspondentes

O trabalho que a carta opera sobre o destinatário, mas que também é efectuado sobre o escritor pela própria carta que envia, implica pois uma “introspecção”; mas há que entender esta menos como uma decifração de si por si mesmo do que como uma abertura de si mesmo que se dá ao outro. (FOUCAULT, 1992, p.152).

Notamos na escrita do professor Ilton, um estilo que se aproxima daquele apontado por Foucault no qual refere-se a escrita como uma prática de constituição de si. A escrita do professor Ilton envolve uma escrita de si, na maneira como está envolvido nela, refletindo sobre sua autoconstrução.

A escrita no livro corresponde a uma escrita de si, onde envolve registros e aspectos da sua história de vida. Em suas poesias registra momentos de encontros de formação em que participou, de suas experiências em sala de aula, de sua caminhada como representante da comunidade. Ao registrar o vivido, produz nesse processo a partir da sua escrita um momento igual de formação.

Em seu artigo “Práticas de Escrita de Si como Espaços de formação”, Maria Rosa Rodrigues Martins de Camargo (2008), nos mostra algumas pistas para este outro olhar, outro modo de pensar a formação. Provoca-nos a pensar também nessas relações da escrita de si com a trajetória de formação.

Referir-se ao lembrado é transitar (dançar?) pelo que escapa às formalizações, cada relato é único, próprio, coisa que penetra, contamina, deixa marcas e provoca abertura para quem lê; são relatos do lembrado que vem pela memória e materializa-se em fragmentos materiais deixados por quem pratica uma escrita de si. A relação entre a experiência vivida e o lembrado abre pistas para pensar a formação. (CAMARGO, 2008, p.117)

O escrever sobre si, a “aventura de contar-se”⁸. “Tornar aventura a escrita é alocá-la em um espaço de invenção, de interlocução aberta à produção de sentidos na dinâmica de suas dobras, de possibilidades de experimentação pela e na linguagem, de experiência”. (CAMARGO, 2010, p.14).

Ao aventurar-se na prática da escrita de si, a construção de uma narrativa constitui também em uma experiência de formação. Josso (2004) clarifica como, de certo modo, as recordações relatadas numa narrativa de formação são, ou podem vir a ser, experiências formadoras. Ainda sobre o falar de recordações, a autora propõe recordações-referências onde:

⁸ Termo inspirado no livro de Margareth Rago. **A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

Falar de recordações-referências é dizer, de imediato, que elas são simbólicas do que o autor compreende como elementos constitutivos da sua formação. A recordação-referência significa, ao mesmo tempo, uma dimensão concreta ou visível, que apela para as nossas percepções ou para as imagens sociais, e uma dimensão invisível, que apela para emoções, sentimentos, sentido ou valores. (JOSSO, 2004, p.40)

Encontramos em Cunha (1997) uma proposta que se trata de uma reflexão sobre as narrativas como dispositivo educativo, seja na pesquisa ou no ensino. Para autora

Recupera-se o sentido das narrativas e parte-se do pressuposto de que, trabalhar com elas na pesquisa e/ou no ensino é partir para construção/desconstrução das experiências do professor. Defende-se a ideia que as narrativas provocam mudanças na forma como as pessoas compreendem a si próprias e aos outros [...] Explora-se a dupla vertente de possibilidades no campo: a investigação da narrativa usada no ensino e na pesquisa que usa a narrativa. (CUNHA, 1997, p. 185)

Nas relações com uma prática da escrita de si, podemos encontrar algumas referências nos escritos do campo da autobiografia na formação de professores. Encontramos na área da educação uma forte vertente da aproximação do método autobiográfico com campo da formação docente, “o que veio favorecer o aparecimento de um grande número de obras e estudos sobre a vida dos professores, suas carreiras e os percursos profissionais, as (auto)biografias docentes ou o desenvolvimento pessoal dos professores” (NÓVOA, 1995, *apud* MOURA, 2004, p.124-125).

Não nos fechando em uma pesquisa autobiográfica, mas talvez experimentando enredar cartografia e autobiografia, encontramos neste campo elementos que nos ajudam no entrelaçamento que buscamos. Ao buscar essa aproximação da escrita como também espaço de formação, nos ressoa de forma significativa o pensamento de Camargo (2010), onde em seu modo de interpretar o ato de escrever, seja na escrita de cartas, na escrita de si, ou nos estudos autobiográficos, pode nos ajudar nessa aproximação da prática da escrita como formação.

Na relação tensa configurada pelo íntimo, o espaço autobiográfico, no qual inserem-se os estudos autobiográficos, temporalizados, contextualizados é

convertido em sinal de perigo e de fronteira, em lugar de passagem e de possibilidade de transgressão entre público e privado, que por sua dimensão imaginária não é só região desconhecida, mas também de movimento, de ruptura. Ao sinal de perigo atribuímos a desestabilização, o deslocamento das situações estáveis; à perspectiva de fronteira, atribuímos a fertilidade dos limites borrados entre o que se sabe e o que não se sabe, entre o que se diz pela escrita e o que a escrita não consegue dizer. São questões fundamentais para o que pode ser entendido como formação. (CAMARGO, 2010, p.28)

Neste momento encontramos os principais interlocutores, que nos ajudaram a compor esta paisagem dos pensamentos, sejam eles roubados, ou que nos inspiraram e inspiram para outra composição capaz de entrelaçar com o que encontramos no campo cartografado.

PAISAGEM DOS ENTRELAÇAMENTOS

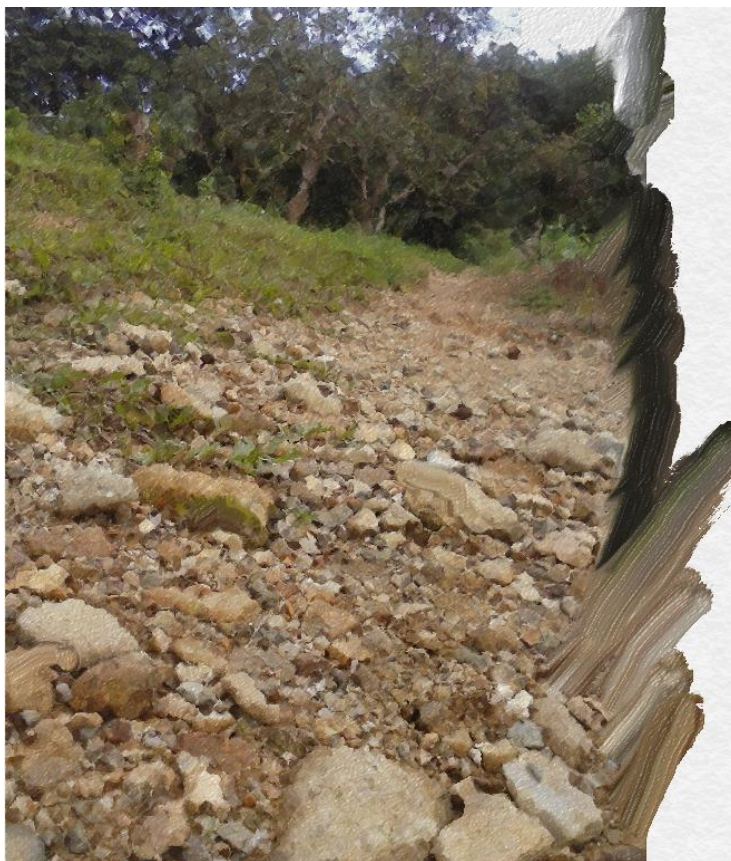
Vou criar o que me aconteceu. Só porque viver não é relatável. Viver não é vivível. Terei que criar sobre a vida. E sem mentir. Criar sim, mentir não. Criar não é imaginação, é correr o grande risco de se ter a realidade. Entender é uma criação, meu único modo.

Clarice Lispector



IDAS A CAMPO - OS ENCONTROS COM O PROFESSOR ILTON

“Envolvida com o que encontrei em seu livro, e com a possibilidade de poder cartografar essa trajetória, fui ao encontro do Professor Ilton Gonçalves”.



UM PRIMEIRO ENCONTRO – “QUEM PASSA POR BATUVA, NÃO SAI SEM ENGOLIR UMA PEDRA MOLHADA”

Meu primeiro encontro com professor Ilton, foi em companhia da professora e também amiga Ana Josefina Ferrari. Chegamos a Guaraqueçaba, seguimos a Batuva comunidade quilombola.

Paisagens de uma beleza cênica, elementos que nos despertam atenção e contemplação – uma certa tranquilidade, com seu verde predominante e exuberante; serras, baías, ilhas, rios e cachoeiras se estendem num horizonte azul.

Na chegada à comunidade, uma parada; conheço Valdirene, a filha mais velha do professor Ilton, com quem a professora Ana Josefina trabalha em seu projeto de pesquisa e extensão. Acompanho um pouco a conversa, para conhecer mais as atividades com as quais estavam envolvidas. A proposta era que Valdirene e seu irmão

produzissem um vídeo com os seus olhares sobre a comunidade quilombola. Histórias de vida, memórias, contos e causos, paisagens que poderiam registrar com a filmadora que lhes fora entregue. Fujo um pouco para admirar a paisagem e me situar num breve devaneio, sobre as forças e os encontros que me levaram até ali.

Logo seguimos para nos encontrarmos com o professor Ilton. Passamos por uma pequena escola. Sou avisada que é a escola que durante muitos anos o professor Ilton trabalhou e que também foi onde estudou.

Devido às chuvas nos dias anteriores, não conseguimos chegar de carro até sua casa. Tomamos um trecho caminhando, com certa dificuldade, pois a chuva trouxe muita lama e buracos. Ao me aproximar da casa, avistei o professor em sua varanda, em uma casa já no alto do morro, cercada por árvores. Fui tomada por uma apresentação um tanto quanto inusitada, sem formalismo e até engraçada. Pareceu-me uma cena cômica, no momento eu ainda atrapalhada em como entrar no jogo das apresentações. Sou alertada “quem passa por Batuva, não sai sem engolir uma pedra molhada”.

Eram tantas as provocações que encontrei que me tiraram de certa forma daquele ar sério e duro com o qual cheguei, para um ar mais alegre e descontraído. Fui tomada por uma outra maneira de estar naquele lugar. Mas como uma pergunta incisiva, volto para meu principal foco de estar ali. Sou questionada pelo professor Ilton “Afinal o que eu queria ali na comunidade e, mais especificamente, com ele?”

Quando almejamos uma pesquisa, ou estar em espaços como em um mestrado, além do que será escrito e estudado, mobilizados pelas inquietações e problemas de pesquisa, há também outros focos que nos tiram de um estado, de um modo de agir; Confesso que nunca fui uma pessoa comunicativa, sempre um tanto reservada e tímida, o que me custou no início das atividades como docente. E que defrontada com essa possibilidade de estar com outras pessoas num processo de formação tornou mais uma vez a provocar essa certa “dificuldade de exposição”. Por isso não nego que ao ser questionada sobre o que queria ali e com o professor Ilton, todo o ensaio e o discurso que havia preparado me fugiram, ficando apenas o rubor em meu rosto... Retomo a fala, e junto comigo trago os meus desejos e as forças que me

trouxeram até ali. “Talvez o que busco seja uma abertura, para com uma possibilidade de aproximação com o outro, criar uma pesquisa”.

No diálogo, as minhas propostas iam clareando a respeito do que buscava, assim como os encontros que me levaram até ali. Minhas ideias ainda estavam num emaranhado de fios, algumas pontas ainda com os nós que não saberia como desmanchá-los, mas alguns fios que já me conduziram até ali, construía um entrelaçamento de possibilidades.

Aos poucos, mesmo sem um planejamento, iniciou uma conversa, algumas narrativas, que vou trazendo pela memória, que algumas vezes me deixam na mão. Mas que, posteriormente, retomei no momento da entrevista, já que encontrei uma resposta afirmativa para possibilidade de compor então a pesquisa com a sua trajetória de formação.

Nesta conversa inicial, vou conhecendo um pouco de suas atividades atuais como líder das comunidades quilombolas do Paraná, alguns movimentos políticos com os quais estava envolvido, ligados à educação e a outras necessidades da comunidade.

Escuto atentamente suas histórias sobre seus antepassados e como hoje se identifica quilombola. E o que é ser quilombola. Sou convidada a conhecer um pouco as terras da comunidade, o seu manejo com as plantações que são ainda fonte para compor sua renda. Conta-me também de outros pesquisadores que tinham vindo até ele, para saber sobre seus modos de lidar com a terra, sobre seus conhecimentos com as plantas e ervas, mas que, ao se defrontarem com a dificuldade do acesso à comunidade, não voltaram mais. De certa forma sou provocada: “Será que você voltará mesmo?”

Assim, estabelecemos nossos primeiros contatos. Já tinha algumas oportunidades e convites para poder conhecer mais sobre a comunidade. Mesmo não sendo o foco da pesquisa, fui habitando outros espaços, que também constituem espaços preñes de formação. Pude acompanhá-lo em uma viagem para Porto Alegre, Rio Grande do Sul, onde comecei as primeiras aproximações com a realidade das comunidades quilombolas do Brasil. Encontro uma pluralidade cultural, as singularidades conforme cada comunidade, sobre seus modos de vida, suas lutas.

Em outra oportunidade, pude acompanhá-lo em um espaço de formação continuada, nos momentos finais deste processo, onde apresentou um pouco da sua trajetória e de suas atividades, mesmo não estando mais diretamente em atividades na escola. Compondo também, junto com as entrevistas, em dispositivos para a paisagem dos **Entrelaçamentos**, da qual pretendemos criar, emaranhando com conceitos, uma experimentação, um pensamento a propósito da formação.

Algumas das adversidades que nos acompanham na realização da pesquisa costumam ser ocultadas na escrita final do trabalho, mas nesta pesquisa se constituem também parte importante enquanto processo de formação. Do meu, enquanto docente e pesquisadora, pois provoca-me a pensar sobre, em como lidar com o que não estava no planejamento, no acordado, com o que “não dá certo”. São os desencontros, as dificuldades, que atravessam a vida pessoal e profissional. Mas que, em contrapartida, também podemos encarar como momentos de inspiração, ou de fuga, de nos agarrarmos na potência do que estamos fazendo, que acreditamos, para nos reinventarmos; possibilidades de trocar os lugares onde nos colocamos, ou nos colocam. Sim, experiências que nos transformam neste processo.

UM SEGUNDO ENCONTRO - “NÃO É QUE A MENINA VOLTOU!”.

Do primeiro planalto à planície litorânea - seguindo à Batuva comunidade de Guaraqueçaba - uma narrativa de encontros.

Percorro a Serra do Mar, rumo às planícies litorâneas, encontro o mar....

Amanhece, mas fica marcado um desassossego em como começar... Após tantas leituras que não dizem o como e nem o “assim que se faz”, mas que criam outro espaço, orientam a sua construção para uma abertura ao novo, ou ao desconhecido... Marcado o encontro com o professor Ilton. Depois de tantos acontecimentos... então parto.

Saio cedo, são aproximadamente quatro horas de viagem, surgem os diferentes cenários, as diferentes cidades: Morretes, Antonina e sigo para Guaraqueçaba.

Começa a estrada de chão... sigo só. Mas, agitada na companhia de meus pensamentos, com a ansiedade do que encontrar, do que dizer, de como atuar, do estar atento, ao “rastreio”, o “toque”, o “pouso”, ao “reconhecimento atento” da cartógrafa. “Vamos ver o que está acontecendo”, o que aconteceu e o que acontecerá. Penso como a cartografia me deixa compor em movimento, diante do que já conheço, rumo ao desconhecido.

Estrada difícil, como diria o poeta “no meio do caminho tinha uma pedra”, no meu tinham muitas. Havia também muitos buracos, lugares de alto declive, muitas paisagens, muito verde... pouca gente, nenhum carro...

Sigo orientações de um grande amigo... Escuto uma música que marcou outros acontecimentos, outros encontros alegres... Preparo o espírito, em busca de aberturas para experiências... Mas não esqueço a seriedade do que estou fazendo, de ser uma pesquisa acadêmica, de estar em um processo formativo, não em busca de uma verdade, de respostas ou de soluções...

Paro o carro. Contemplo uma paisagem no alto de um mirante, onde vejo a baía, as ilhas, e, de longe, a cidade de Guaraqueçaba. Registro a imagem.



Sigo em frente, há uma bifurcação e uma placa escrita em verde: Bатуva. Sabia que estava no caminho. Agora encontro pessoas, movimento, carros, casas, fazendas, búfalos e galinhas na estrada... Nostálgico, lembro da minha infância...

Encontro com alguém à beira da estrada, roçando. Pergunto se conhece o professor Ilton. Para surpresa minha, era seu cunhado. Pergunto se estou próxima da casa dele, a confirmação traz alívio...

Avisto de longe a casa do professor Ilton, mas deixo o carro e sigo a pé pela estrada de difícil acesso.

Ao subir o pequeno morro avisto o professor, estava fazendo algo concentrado, pois demora a notar minha presença.

“Não é que a menina voltou!”. Essas são as primeiras palavras, ao me reconhecer. Talvez desacreditasse do meu retorno pela dificuldade de chegar até lá e por considerar que não podia ajudar muito em uma pesquisa.

Estava fazendo um mapa da bacia hidrográfica de Guaraqueçaba, algumas fontes e rios ainda desconhecidos pela maioria da comunidade, pelo difícil acesso.

Iniciamos nossa conversa, tinha um pré-roteiro sobre o que perguntaria e como abordaria a respeito da sua trajetória de formação, pois ele me aguardava para uma entrevista e estava a princípio preocupado se ia falar algo errado. Tento tranquilizá-lo sobre o que estou pesquisando e sobre os rumos que pretendo com essa entrevista, que não busco nenhuma verdade, ou modelo, nem mesmo segredos, nem julgamentos.

Mas sim produzir “agenciamentos”, para ajudar a compor essa cartografia, nesta abertura do afetar e ser afetado, que foi o que inicialmente me tocou em seu livro.

Inicia-se assim nossa conversa⁹, atravessada muitas vezes por outros rumos que se tomaram espontaneamente e por questões que não estavam previamente dirigidas, mas que no decorrer foram surgindo.

⁹ Transcrições das entrevistas - apêndice A.

Neste momento da pesquisa, surge o desafio do como fazer. Como compor? Certamente não em uma perspectiva de categorizações, ou reduções a exemplificar e prescrever modelos, mas investigar a multiplicidade dos modos de pensar que envolvem a formação e os processos de ensino e aprendizagem.

A ideia é de um entrelaçamento, entre as diferentes vozes que compõem essa pesquisa, para não tentar responder as questões e inquietações iniciais apenas, mas tentar buscar as relações, das diferentes linhas-fios que nos ajudam neste exercício de pensamento.

Assim como uma busca de um outro estilo para esta paisagem que elencamos como a paisagem dos **entrelaçamentos**. Agora a necessidade de criar toma esta cartógrafa-aprendiz.



ENTRE FIOS, MAPAS, PAISAGENS, ENTRELAÇAMENTOS –ENREDAMENTOS.

Nos movimentos da cartografia, uma busca, uma estratégia que procura dar passagem às intensidades, aos sentidos, aos afetos. Nesse sentido, evoco a atividade da tecelagem, onde com agulha e fios, nos enredos se arma a trama, ou mesmo se destece os entrelaçamentos prontos até então. Nesta cartografia que configuramos ao criar as paisagens, nas escolhas das suas construções que em alguns momentos co-emergem nos movimentos da pesquisa. Assim talvez nesta paisagem dos entrelaçamentos, possa se configurar também uma paisagem da análise da pesquisa.

Mas como proceder à análise nos processos da cartografia? O que seria a análise e como o fazer? Em pesquisa cartográfica não se “coleta dados”, ou melhor, não lida com dados prontos à espera do observador-pesquisador. Não se trata de coleta de dados, mas de sua produção, no contato com o campo de pesquisa. Letícia Maria Renault de Barros e Maria Elizabeth Barros de Barros afirmam que “a cartografia se compromete de maneira significativa com a análise do processo de pesquisa a ser empreendido, ainda que tal análise não se exerça sobre dados, isto é, sobre uma objetividade tida como independente da própria pesquisa” (BARROS; BARROS, 2013, p. 374). Em se tratando de um método que visa acompanhar processos, a análise está constituída no próprio processo. Desde as primeiras análises da escolha do sujeito de pesquisa, das vozes evocadas para pensar com o que emerge do campo pesquisado. A pesquisa cartográfica e sua dimensão processual evidenciam também a constituição da própria pesquisadora – a cartógrafa, aqui a cartógrafa-aprendiz. Podemos então apontar na pesquisa uma análise que envolve também o sujeito que a produz, “a análise supõe a participação da multiplicidade que se encontra articulada em um contexto e em um problema de pesquisa” (BARROS; BARROS, 2013, p.384).

De antemão, anunciamos que não pretendemos um exercício de explicações, ou representações, mas uma aproximação com a multiplicidade e a heterogeneidade de encontros, conexões, olhares. Uma aproximação com as experiências dos sujeitos da pesquisa. Criando uma narrativa, um território de enunciados que relatem percursos de

formação, travessias paralelas – a da pesquisadora e a do professor Ilton - entrelaçadas por outras vozes que constituíram a paisagem dos pensamentos, e que emergiram dos encontros com filmes, músicas, literatura. Para o cartógrafo, aqui a cartógrafa “tudo o que der língua para os movimentos do desejo, tudo o que servir para cunhar matéria de expressão e criar sentido, para ele é bem vindo” (ROLNIK, 1989, p.66).

“É assim. Muito jeito. A linha, entrando na agulha, o resto é fácil. Basta estar atenta e saber que um ponto puxa o outro, que puxa outro, que puxa outro, que puxa”.
(LACERDA, 2001, p.22)

Os fios são muitos, assim como as maneiras de entrelaçá-los inicialmente. Porém os movimentos de escolha, a dificuldade em definir o que seria importante puxar para os pontos, o que reter e o que deixar de lado, os recortes de alguns fios, o que fica no jogo de fios. Na arte da tapeçaria trabalha-se com o movimento de entrelaçar os fios da trama – este os fios transversais - aos fios de urdume ou teias – os fios longitudinais.

Tecendo com a escolha dos diferentes tipos de fios e nas aberturas que se fazem com estes na inserção da trama. Talvez tenha encontrado nessa arte uma inspiração na maneira de produzir os meus entrelaçamentos, dos fios vindos dos depoimentos, dos encontros e dos pensamentos. Na tessitura, o que toma o fio da trama passa pela questão da formação e atravessa no entre dos fios de “urdume” das trajetórias de formação - do professor Ilton e da pesquisadora-professora-cartógrafa.

MINHA TRISTE E ALEGRE HISTÓRIA DE VIDA

Até então mergulhada nas leituras da bibliografia sugerida, ainda a questão de propor uma pesquisa de cunho teórico ou uma imersão a campo, algo voltado para o tema de formação e seus processos, mas ainda a dificuldade de configurar algo. Talvez pelo acaso dos encontros, aqui como um bom encontro, entro em contato com o livro de autoria do professor Ilton Gonçalves.

Um presente inesperado em meados do mês de agosto do ano de 2014, uma coleção de livros do “Projovem Campo – Saberes da Terra”¹⁰. Assim, ao ler os títulos, algo me chama a atenção em um daqueles livros, um título que se diferencia. Não falava sobre projetos políticos pedagógicos, escola, ou envolvia diretamente a questão do campo. E foi nas primeiras folheadas que percebi uma escrita singular, uma história de vida, um estilo poético. Tomada pela curiosidade, sigo uma leitura mais atenta.

*“ Minha história não confunde-se com nenhuma. Pode haver coisa em comum, mas com I-L-T-O-N em Guaraqueçaba só existe um.”*¹¹

Iniciam-se meus primeiros contatos com a história de Ilton Gonçalves.

Nascido em Guaraqueçaba, em 11 de janeiro de 1953. Filho de Marcemiro Francisco da Silva e Antônia Gonçalves da Silva, eram cinco irmãos, mas diante de algumas fatalidades, perde dois de seus irmãos muito cedo. Logo segue com o compromisso de por um tempo ir alfabetizando seu irmão caçula. Em 1964, conclui a quarta série, momento de muita felicidade e também de descoberta marcante como relata: Seu pai que até então respondia por Marcemiro, na verdade é Maximiro, assim como sua avó Ana Viana, nos documentos chama-se Rosa Viana.

Em 1978, casa-se com Águeda Cordeiro da Silva, e em 1979, na falta de professor na comunidade do Batuva, é convidado por seu ex-professor Zachio Xavier e pela prefeitura, para desenvolver atividades como professor.

Uma formação que não se inicia nos espaços acadêmicos, e não se limita ao forma-se professor. Em 15 de fevereiro de 1979, Ilton inicia suas atividades na escola da comunidade do Batuva como professor, mesmo sem uma formação inicial. Na comunidade mais afastada um retrato da falta de professor. Inicia-se assim sua caminhada docente e também de liderança da comunidade.

¹⁰ Sobre o programa Projovem Campo, ver em http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=17441&Itemid=817

¹¹ Para composição desta paisagem dos entrelaçamentos, trabalhamos com alguns trechos do livro “Minha Triste e Alegre História de vida” publicado no ano de 2013, e com depoimentos cedidos para esta pesquisa em 30 de janeiro de 2014.

“A princípio quando eu entrei em sala de aula, apesar de eu não ter uma formação, mas assim, eu tinha muita convicção e vontade de fazer com que as crianças multiplicassem em sabedoria. Eu entrei com muita vontade, de dispor da minha vontade mesmo, para trabalhar. Com a expectativa a partir dali então, a cada oportunidade que viesse me aperfeiçoar para continuar trabalhando”. (Depoimento, Ilton)

Logo após a sua entrada enquanto docente, Ilton participa de vários cursos e capacitações. Relata um episódio que marca seu primeiro curso de aperfeiçoamento em Guaraqueçaba. Passa por uma cirurgia, uma *“pequena cirurgia”* como ressalta, levando oito pontos ainda recentes. Aproveita que está na cidade para fazer um curso de formação continuada, com duração de 15 dias, mesmo tempo de descanso prescrito nas orientações médicas.

“[...] não fugindo do foco da entrevista, mas é algo que aconteceu comigo e que me marcou... E também serve como exemplo do que é o esforço quando a gente quer vencer na vida... E então o médico disse: Vou aplicar injeção nele, para ele dormir umas duas horas que aí descansar. E eu ri do médico, falei: injeção pra fazer eu dormir, doutor? O médico disse: “Vai ver”. [...] Mas eu fui pela rua dando risada, desde quando isso ia fazer eu dormir... Eu cheguei, coloquei uma esteira bem na porta e fiquei esperando o sono... Cinco horas era a hora da janta, e olho no relógio e o sono não vinha, e cadê o efeito? Deu então cinco horas da tarde e eu não dormia, levantei, “Eu vou é jantar”. Quando eu cheguei lá no local da janta, as professoras estavam com as marmitas todas prontas para levar para mim. “Mas você está aí, rapaz”. Pois olha tentei dormir mas não consegui, e eu continuei. Não me fez dormir mesmo, aí fiquei. Depois quando fui embora caminhei uns 20 km de a pé, e uns 30 kg nas costas ainda [...]”.(Depoimento, Ilton)

Em 2001, Ilton forma-se no magistério. Já tinha uma longa caminhada na escola e também nos trabalhos na comunidade. Assume outras funções, dentre elas a de secretário da Associação de Moradores de Batuva, presidente da Associação de pequenos produtores rurais de Batuva por duas vezes. Atuou também no conselho de saúde de Guaraqueçaba, no conselho de área de proteção ambiental (APA), assumindo a presidência da Associação da Comunidade Remanescente de Quilombolas Rurais de Batuva. O início do trabalho docente e sua trajetória como liderança na comunidade estão imbricadas, de tal maneira que os espaços de atuação enquanto líder ressoa em seu processo de formação e atuação como professor.

“[...] Assim que comecei a trabalhar como professor em 79, a gente já acaba assumindo uma liderança, porque como trabalhava pro município, tudo que era responsabilidade, que era voluntário, vem pra gente, porque recebia da prefeitura... É vacina o professor faz, é pra buscar, ele vai... Então isso foi tanto, que chegou um tempo que um secretário reclamou de eu fazer tudo isso. E queria me punir porque daqui a pouco, não era mais professor, mas era médico, enfermeiro, tinha que cuidar da saúde... A partir daí quase que a gente começou a se desentender... Mas eu preferia me desentender com o secretário, do que deixar de fazer o que meu coração mandava, porque meu compromisso era com os homens, então eu arriscava meu emprego pra não deixar de atender. Depois fui presidente de comunidade, depois presidente de associação de moradores, de produtores; ora presidente, ora secretário, ora tesoureiro, membro de conselho de saúde em Guaraqueçaba, membro de conselho de assistente social. Tudo que era trabalho voluntário a prefeitura me chamava e eu fazia parte... Por último, fui eleito vice-presidente da secretaria da agricultura de Guaraqueçaba, representando todas as outras comunidades, [...] Então a gente ficou assim, presidente da comunidade quilombola, já com dois mandatos, agora está vencendo... E vice-presidente da federação que representa as 37 comunidades quilombolas do Paraná... Então a gente sempre está comprometido, com a sociedade, com as comunidades [...]”.(Depoimento, Ilton)



O QUE É SER QUILOMBOLA

O que é ser Quilombola?

Embora haja quem diga que não,

É a contemporaneidade que resiste à ideologia do racismo

A individualidade e a marginalização

Povo sofrido, abandonado

E ainda considerado vadio

Não é visto com bons olhos

O que o negro construiu

Todas essas belezas existentes

Pelos tradicionais foram preservadas

E quando delas precisamos somos seriamente penalizados

Terras preservadas até hoje

*Considero, pelo um povo soberano
Após tantos cursos de educação ambiental,
Tem gente passando fome*

*Após a chamada educação ambiental só uma coisa está sendo vista
Coisa que não se via em área rural
Má qualidade de vida e um acúmulo de lixo*

*Como isso acontece?
Pois posso dizer agora
Quem produzia seu alimento local
Hoje busca tudo de fora*

*Quem disser que não tem culpa,
E não atrapalha nosso futuro
Deixa hoje a cidade e vem comigo
Morar em área rural e viver da agricultura*

*E na área da pesca!
Coitado do pescador...
Quando consegue uma tarrafa e um remo
O diabo vem e leva a canoa*

*Queremos que o Brasil saiba
Não queremos tudo feito
Queremos apenas uma coisa
Queremos nossos direitos*

*Por querer nossos direitos
Não precisaria nem pressão*

*Só bastava se cumprir
O que está na Constituição*

*Preto quer políticas públicas
Não pede nada de graça
Preto é honesto e tem vergonha
Tem brio, postura e fortes braços*

*Tanta gente vem de fora
Nos ensinar a preservar
Nosso território está bem cuidado
Vão cuidar do seu lugar!*

*Às vezes até me altero
Não tenho como ficar contente
Por te que justificar
Que preto também é gente*

*Preservar a natureza
Isto é uma coisa certa
Mas não podemos sobreviver comendo mata verde e insetos*

*Dizem os ambientalistas
Que estão preservando muito bem a natureza
Mentira...
Só vieram para cá,
Apreciar e desfrutar nossa beleza*

*Não se pode usar a terra
Tirar dela nossa alimentação*

Produzir um saudável alimento

Hoje é considerado destruição

Ilton Gonçalves, Guaraqueçaba, 2006¹²

Sobre a comunidade quilombola e o “ser quilombola”, a própria cultura e o reconhecimento da comunidade como quilombola, inicia-se há poucos anos. A respeito dessa questão, Ilton aponta os primeiros movimentos em 2003, quando articulou com outros professores e junto à Secretária de educação do Estado do Paraná, os levantamentos da história dos habitantes da comunidade, assim como do legado cultural e material que lhes conferissem uma referência e um pertencimento a uma matriz africana.

*“[...] E daí que a gente foi ouvindo as histórias e vendo... A gente acabou se identificando, depois teve mais da trajetória pra tentar reconhecimento... E foi a partir daí que a gente acabou vendo essa questão e a partir daí aumentou mais o trabalho. Fiquei diretamente envolvido... Não só em busca das melhorias, mas em busca de fazer amizade com outras comunidades quilombolas, e dar as mãos pra ficar junto, e estamos envolvidos até hoje. [...] É uma felicidade que a gente tem, às vezes, poder ajudar, com um pouquinho de conversa, de informação, mas isso ainda é mais aprendizado, pra gente. **Eu acho que com tudo que me perguntam e respondo, eu acho que não estou ensinando, estou aprendendo, porque o esforço pra responder alguma coisa requer um aprendizado novo.** São coisas que eu alcancei nessa trajetória como professor, e ao mesmo tempo liderando a comunidade... Eu não trabalhei só como professor durante esse período, trabalhei como professor, como orientador, como enfermeiro, às vezes, como médico, como eletricista, como carpinteiro, e as vezes até como transporte, porque quantas pessoas eu já carreguei nas costas, no mato, na estrada, levando pra cidade, ficando internado... E até hoje... Então são coisas eu acho que eu alcancei”. (Depoimento, Ilton)*

Em dezembro de 2013, ao acompanhar em uma viagem de Matinhos a Porto Alegre, com professor Ilton e outros membros da comunidade do Batuva, tenho oportunidade de vivenciar um momento de expressiva comemoração frente às lutas

¹² Poesia completa - O que é ser Quilombola – publicado em “Minha Triste e Alegre História de vida” 2013, p.58-60.

pelas titulações dos territórios quilombolas. A comunidade quilombola Paiol de Telha obteve uma importante conquista judicial, que viabilizou as titulações das terras, que até então sofriam com invasões e ameaças. O espírito de coletividade e envolvimento com outras comunidades para unir forças e resistências, Ilton também procurou trabalhar em sala de aula: *“Esse espírito coletivo é trabalhoso, mas é necessário [...] E tem alguns alunos que se formaram e ainda tem essa tendência, falam que aprenderam com a escola [...] E até hoje, que a gente não está junto trabalhando, a gente não deixa de se ajudar”*. Aponto que esse “espírito coletivo” não acontece apenas com a escola, mas com e a partir da relação com outro, como exerceu e ainda exerce o professor Ilton. Hoje Ilton não atua diretamente na escola enquanto professor, mas com trabalho voluntário e nos movimentos sociais, reivindicando mudanças na educação, na saúde e também na segurança da comunidade.

A vida tão singular de Ilton evoca o conceito de ecosofia de Guattari, no qual ele aponta a necessária articulação para se lidar com os problemas do capitalismo contemporâneo: articulação das dimensões do social, do ambiente e da subjetividade humana. Ilton em sua trajetória articula essas dimensões de modo muito peculiar. O modo como se constrói, como professor e líder comunitário. Não se assujeitando, não se submetendo aos moldes e padrões preestabelecidos para se viver, ensinar, lutar...

Temos um processo de formação singular, marcado pela criação de outros modos de agir, pensar, sentir e ensinar, que não os padronizados. Formação que envolve posicionamento político, ético e estético. Construção de uma sensibilidade singular no trato com o ambiente, com as pessoas, sejam alunos seus ou não. Inclusive, Ilton afirma em seu depoimento: *“Para mim cada dia era uma vida, cada conversa para mim era um estudo, cada curso para mim era um aprendizado. Eu sempre tirava proveito de cada coisa que acontecia comigo, ou com quem estivesse comigo por perto”*. Com cada curso de formação que participava, buscava elementos que o ajudassem

“(...) a melhorar minha situação, porque a minha expectativa era uma só, era ver o melhor dos meus alunos, para um dia a comunidade fosse e tivesse pelo menos visão das coisas. Eu pensava assim: a questão é ampliar a visão da população, para que não veja só para frente, mais as laterais também. Então eu procurava tirar de cada curso, cada situação algo para eu aplicar na escola, mas sem me apegar a livros didáticos.

Tirava proveito? Tirava, mas sem me apegar com eles, e com aquela programação vinda da secretária. Eu fugia muito dessas coisas, porque eu queria aproveitar cada oportunidade, cada necessidade de cada criança, cada aluno, eu aproveitava e focava sobre aquela situação.” (Depoimento, Ilton)

UMA INVENÇÃO DE SI E DO FAZER PEDAGÓGICO

Anos de estudo, a qualificação. Apta a: encontrar quarenta, cinquenta alunos assustados quem como será a nova professora? boa bonita de coração que se abre e chega? a sala exígua, raro, raro limpa, equipamento: zero menos dois = giz e quadro negro, giz duro riscante de vias que não se querem traçar... mesas/cadeiras quebradas, marcadas a gilete/canivete[...] brincar de farei tudo o que seu mestre mandar, baixar a cabeça, porque o berro e o castigo foram injustos, mas o garoto é uma peste, retardado mental, oito anos na primeira série e não sai daí [...] Viu, menina, se quiser ter moral é assim que se faz e aprende logo que eu não estou aqui para ensinar a vida inteira e vocês assim novinha têm a mania de entender e compreender e não castigar aprenda logo que não dá certo depois esses diabos capetas vêm pra cá aporrinhar, quer dizer, aborrecer a gente. (LACERDA, 2001, p.8-9)

Quando me deparo com as maneiras com as quais Ilton inicia sua constituição como professor, surgem algumas inquietações. Quanto aprendizado realizado no processo, no próprio contato com os estudantes, com a comunidade! O que remete à minha própria “iniciação” como professora. Por quais caminhos se chega a ser professor ou professora?

Seguindo com a conversa¹³, pergunto como foi a relação professor-aluno, que perfil ou posturas foi construindo?

*“A princípio, eu procurei ser amigo das crianças, que me respeitassem não por temor, fazer com que eles passassem a ter **confiança** em mim e gostar de mim. Porque eu achava que os fazer terem **medo**, temer a mim não ia resolver, eu ia ter mais sucesso se eu fizesse com que eles confiassem em mim, fossem meus amigos e que **acreditassem no meu trabalho**. Então foi o que eu fiz, e me dispus assim de uma forma **bem aberta** para eles perguntarem tudo o quanto eles quisessem em relação ao estudo ao aprendizado, e que eu estarei disposto a responder, e o que não tivesse condição de responder eu ia ser bem sincero, que eu não daria uma explicação que não tivesse certeza. Porque eu já tinha essa ideia comigo, que professor dentro de sala de aula, ele não pode mentir, ensinar alguma coisa, que daqui a pouco outro professor ensina que aquilo não era assim. Então eu já tinha essa preocupação de ser aberto*

¹³ Me refiro a conversa quando dos encontros que produziram os depoimentos.

*com eles, e disposto, a tudo aquilo que eu não soubesse responder, jamais responderei; só quando tivesse certeza. “Vou buscar recurso para vocês não aprenderem errado, vocês são proibidos de aprender errado e eu sou proibido de ensinar errado”. Então dessa forma eu consegui fazer com que minha clientela, tivesse bastante confiança, a gente não era fechado em sala de aula, a gente era **divertido**, a gente **brincava**, com limite sim, mas dando **liberdade** para as crianças perguntar, reivindicar, **rir...**” (Depoimento, Ilton)*

Confiar, acreditar, brincar, rir ...

Alguns verbos que se fazem presentes. Fios raros que perpassam alguns modelos de formação de professores, buscadas nas primeiras relações em sala de aula por Ilton.

Confiar, verbo que me remete a um trecho singular de Larrosa, que retoma a confiança e o acreditar no outro, nesses processos de “ensinagem e aprendizagem”.

Nós não podemos responder quando nos perguntam o que é que se vai prender lendo, escrevendo e conversando. Só podemos dizer: confie. Ou melhor: confie em mim. Porque a confiança não pode ser impessoal e, ainda que se possa confiar em um desconhecido, sempre é em alguém que se confia, em alguém que inspira confiança, que não oferece nada, não garante nada, mas inspira confiança. (LARROSA, 2014, p.168)

Outro verbo, que no momento da primeira escuta não “tocou”, mas com ajuda das artes, consigo atentar-me para sua importância. **Brincar**. Como ressoa durante todo o documentário “Tarja Branca – A Revolução que Faltava”¹⁴. Marca o pensamento de uma das depoentes, Lydia Hortélio:

Afirmar a vida, é antes de mais nada a alegria, é viver em plenitude e liberdade e é no brincar, no brincar que a gente vive isso. Tem gente que morre, que uma ou duas cordas foram acionadas e as outras ficaram em silêncio a vida inteira, e é no brincar, é brincando que você dedilha a lira inteira (TARJA BRANCA-A REVOLUÇÃO QUE FALTAVA, 2014)

¹⁴ TARJA BRANCA – a revolução que faltava. Direção de Cacau Rhoden. Brasil. Produzido pela Maria Farinha Filmes, 2014. 80 minutos.

Mas quando o “brincar” entra nas atividades de formação de professores? O que está em jogo, quando a brincadeira tem espaço? Lembro de algumas orientações no momento dos estágios supervisionados, a questão da disciplina em sala de aula.

Dos corpos-criança inquietos, vibravam ao sinal do início do recreio, mas um grito interrompia a agitação – “Ninguém sai para o recreio! Todos de castigo!” – Ah! Pudessem eu apagar o constrangimento de tal ato. Afinal ainda persistia a ideia que uma sala exemplar, constituía uma sala-silêncio.

[...] os ruídos foram mais demorados. Eles me incomodavam realmente, concreta perturbação da ordem. Impediam a exatidão da lição, o silêncio da leitura silenciosa, a correta audição das palavras do ditado, a sacralidade de uma atmosfera adequada e conveniente à hora dos problemas. [...]. Por isso, o incômodo dos barulhos [...] Na sensibilidade nova, recém-desenhada sobre a pele e o coração, agastava-se a mocinha, incapaz de resolução. Urge, contudo, a decisão drástica, na imposição da disciplina que não pode mais tardar: SE NÃO PARAM OS BARULHOS HOJE, A TURMA TODA FICA EM RECREIO. (LACERDA, 2001, p.11-12).

Ilton em seu poema “*Ser Criança*”, atenta-se para esse corpo-criança em sala de aula: “Quando uma criança fica quieta deve ser observada com rigor, porque quando uma criança se cala, pode estar com fome, sede ou com dor” (GONÇALVES, 2013, p.49). Uma das marcas que o professor relata na sua trajetória envolve essa questão.

“Tem algumas coisas que marcaram na minha vida, como por exemplo, nós falamos de conhecer a realidade, quando você... Vou repetir só para contextualizar: Quando você realmente conhece o lugar onde você está, com quem você vive e com quem você trabalha, eu acho que facilita o seu trabalho. Uma coisa que me marcou na vida, quando estava em sala de aula, tem várias coisas, mas vou contar essa que me marcou. Eu tinha um aluno, hoje ele está homem... Então na escola eu conhecia a família inteira... Um dia ele chegou e já se levantou e ficou em pé, aí foi quase a aula toda, ele sentava um minuto e já ficava em pé. Aí, eu não repreendi, mandei sentar uma vez, ele sentou e logo levantou. Outro dia ele chegou sentou, sempre muito educado... Sentou um pouco e já levantou. Eu pensei: “Tem algo diferente nesse corpo”. Aí chegou o intervalo, eu pedi para ele ficar. Os outros alunos já ficaram com os olhos acesos. Fechei a porta, falei que não era castigo... Falei: “Vamos conversar como dois amigos... adultos agora, me explique bonitinho e não me enrola, porque você não está parando sentado como antes?” Ele respondeu: “Ah professor é que eu estou com uma feridinha”. Eu falei: “Deixa eu ver...” Quando ele abaixou as calças aquilo grudou tudo... Era uma ferida só da cintura até a altura da perna... Estava uma casca só. Aí eu fiquei

imaginando como é que um aluno desses pode ficar sentado, como é que um professor cobra e exige tanta coisa do aluno, mas não procura saber. [...] Ele tinha mais irmãos na escola, pedi que eles entregassem um bilhete pros pais, que assim que terminasse a aula eu ia com ele para o hospital até Guaraqueçaba. [...] e eu nunca achei que isso era coisa de mais que eu estava fazendo... Era trabalho que eu estava fazendo na escola, e até em um dia de revolta eu escrevi um poema sobre isso que às vezes o professor na sala não é só professor, ele é médico, carpinteiro, amigo, não só professor. Aí começaram a reclamar comigo que daqui a pouco eu tinha que pedir a conta de ser professor e ir ser médico [...]" (Depoimento, Ilton)

EM SALA DE AULA

Com turmas multisseriadas Ilton relata que organizava seu trabalho a partir de uma disciplina, com conteúdos respectivos a cada série. No início, sua turma chegava a um total de 53 alunos. Seu trabalho era o desafio de contemplar a todos e, como ele próprio ressalta, “não deixar ninguém para trás”

*“[...] Eu tentava fazer que nem a **abelha**, “não deixar a rainha para trás”, porque talvez aquele que estava mais atrasadinho poderia ser uma rainha... E se eu deixasse para trás ficaria “uma colmeia tão grande sem quem pudesse preparar o mel”. Então, minha tendência era levar todos, eu não deixava, e sempre assim, de uma forma que uma se complementa a outra, porque sempre tinha aquele aluno da segunda série, que poderia ter deixado algo para trás e que poderia cooperar junto com aquele que estava na primeira... Todas as disciplinas eu dividia assim, fosse matemática, ciências ou geografia, porque senão ficaria muito difícil, quatro turmas, quatro séries, dar ao mesmo tempo matemática, geografia ou português, ou outra disciplina, então eu dava uma sequência”. (Depoimento, Ilton)*

Abelha. Grifo essa palavra, pois no momento em que escuto a analogia sobre o cuidado com os alunos, lembro-me das minhas primeiras atividades de pesquisa, durante a graduação, no projeto de aprendizagem, que marca significativamente minha formação. Como aponte nas marcas que ressoam.

Posso afirmar que abelhas me acompanharam durante três anos dessa caminhada. Com elas e a partir delas, aproximações com o ensino de ciências, com outra perspectiva para pensar a educação ambiental. Outra maneira de operar observando sua organização, curiosidades que envolvem o ambiente, a maneira como

influencia desde um equilíbrio biológico, até a relação que os primeiros povos construíram com esse contato. As Abelhas Indígenas Sem Ferrão. Jataí, Mandurí, Mandaçaia, Boca de Sapo, Mirim, Tubuna, Iraí. Nomes cheios de significados, que me aguçaram a aprender um pouco mais a respeito de suas origens. O mel singular de cada espécie, seu uso medicinal, que aprendo em contato com meliponicultores – quem se dedica a criação dessas abelhas. Da relação entre abelha e flor, detalhes que fazem relações singulares. E então da relação de cooperatividade que torna o ninho forte, numa relação não hierárquica, pois não há rainha sem operárias e vice-versa. Na entrada para a casa do professor, vejo algumas caixinhas de abelhas. Talvez dessa aproximação venha a leitura que apresenta em relação aos cuidados com as crianças em sala de aula.

EDUCAÇÃO MENOR

No trabalho com as turmas diversificadas, pergunto a respeito dos conteúdos escolares, da exigência de se ensinar certos conteúdos e ainda como articulava o ensino com a participação dos alunos, trazendo suas inquietações.

“Tinha uma diretriz curricular, mas só que é assim, eu me apegava mais às necessidades, e não me apagava ao conteúdo programático, porque às vezes não condizia. E até mesmo porque eu não era preso aquele conteúdo que vinha pela secretaria. Hoje parece que tem que ser... porque às vezes você vai com uma programação de casa, pronta... Você chega à sala e a necessidade não é a mesma, eu me apropriava da situação de cada aluno que chegava na sala de aula, eu não ficava preso ao conteúdo. Às vezes eu poderia até programar uma aula de matemática, mas se eu chegava lá, e ao me deparar com o que vinha com a criança, eu tinha necessidade de dar uma de geografia, aí eu me apropriava com o trajeto que eles faziam de casa até a escola, eu já me organizava, e me preparava para qualquer mudança que houvesse. E depois eu voltava para fazer o complemento daquilo que tinha programado. Mas eu não perdia oportunidade da situação, e às vezes eu podia me preparar para uma aula de português, mas no repente, eu me deparava com uma criança que levava um problema de saúde de casa, não estava no cronograma, mas eu aproveitava e fazia um trabalho sobre a prevenção da saúde, falando, escrevendo e então depois dali eu poderia tirar um apanhado daquele resumo, daquela conversa, e aproveitava as palavras que surgiam e trabalhava com o português. Eu procurava

aproveitar tudo”. (Depoimento, Ilton)

[...] eu sei, meu Deus, que não devia ser assim, mas eles dizem e mandam. Ensinar o hino nacional é importante, não é [...] É ou não é? [...] E se eu não souber nunca? [...] Hoje a aula foi tão cansativa: ensinar todas aquelas palavras do Hino, mostrar o que querem dizer. E isso fora a lista de sinônimos que preciso dar pra eles amanhã. Preciso estudar, me ajuda, Deus, eu não sei o que é florão, nem fúlgido, plácidas, impávido, mas principalmente o que desconheço é igualdade. Vou ver no dicionário lá na escola. Não posso ficar ensinando o que não sei. Se os meninos me perguntam? E se alguém entra de repente? A diretora? Deus me livre! (LACERDA, 2001, p.17)

A respeito de suas aulas e da maneira como as conduz, mostra uma forma que não se prende apenas às regras e normas. Uma arte de expor-se ao que acontece, com atenção e cuidado. Parece construir esses espaços plenos de vida e abertos aos acontecimentos como *modus operandi* de suas aulas. Assim, o professor Ilton vai nos mostrando a construção de um modo de trabalhar, de ensinar, que nem sempre aparece, se olharmos com uma visão panorâmica. Um olhar para o cotidiano, para os detalhes, para a construção das relações pedagógicas vai delineando outras possibilidades desse fazer. Mesmo com toda adversidade relativa às estruturas físicas, organizacionais. Vemos assim delineada uma “educação menor”, conforme nos apresenta Silvio Gallo, a partir de sua leitura de Deleuze. O menor aqui não é no sentido pejorativo, de inferior, ou algo assim. O menor envolve aquilo que escapa aos âmbitos das estruturas, das políticas, das diretrizes etc. A educação menor acontece no “âmbito da micropolítica, na sala de aula, expressa nas ações cotidianas”, nas microrrelações, “construindo um mundo” (GALLO, 2003, p.78). Uma educação que acolhe as multiplicidades, “desenvolvida pelos professores na solidão de sua sala de aula, para além de planos, políticas e determinações legais” (GALLO, 2007, p. 28).

Gallo não apresenta uma oposição ou contrariedade à uma educação maior, que está presente nas políticas, nos parâmetros, nas diretrizes, que por vezes dizem “o que ensinar, como ensinar, para quem ensinar, porque ensinar” (2002, p. 174). No âmbito da educação menor ocorrem as invenções, as criações. Nela, a diferença pode ganhar espaço e tempo.

Percebo na abertura do professor para o que lhe chega, possibilitando o acontecimento em sala de aula, a presença do improvisado. E aqui improvisar ganha uma

conotação precisa e extremamente relevante. Não nos referimos a um improvisar de quem não sabe o que faz, ou não preparou aula e vai improvisar. Trata-se de um modo de atuação em sala que dá espaço ao movimento, escapando aos enrijecimentos pedagógicos. É intencional, é uma estratégia. O improvisar como possibilidade de acolhimento do novo, do que emerge sem ter sido planejado pelo professor. Um imprevisto que acontece numa situação criada, como disparador de pensamento e de novas ações. Como envolver o que interpela nossas ações, contrariando nossos planejamentos predeterminados? Como acolher a alteridade em sala de aula? Parece que o professor nos ensina a respeito disso. De não ter medo de acolher o que os alunos trazem. De aprender a fazer isso. De não temer esse contato com os alunos, com sua realidade. E assim trazê-los para o trabalho pedagógico, ensinar/aprender **com** eles. Um imprevisto que acontece pelo modo como nos afetamos e nos deixamos afetar pelo o outro. Nesse sentido, são oportunas as pesquisas de Kátia Kasper (2004, 2009) a respeito dos processos de formação e criação de corpos clownescos. Contribuem para se pensar a relação entre improvisação e alteridade nos processos de ensino-aprendizagem, apontando as potencialidades de tais processos quando marcados por uma política de relação com a alteridade que envolve “uma abertura para o outro” e a “abertura para deixar-se capturar pela imprevisibilidade da vida”. (KASPER, 2009, p.207). “Não só deixar-se atravessar pelos imprevistos, mas também produzi-los, operar na imprevisibilidade: arriscar-se” (Idem).

A iniciação clownesca torna-se uma experiência de devir-outro, aprendendo a afetar e ser afetado, envolvendo uma atitude de escuta do mundo com o corpo todo, um estado de alerta e ao mesmo tempo de grande entrega e disponibilidade. Nesse sentido, ele extrapola o termo pessoal, pois trata-se das ressonâncias dos encontros. Trata-se de algo que ocorre entre o *clown* e o outro — seja uma laranja, uma pessoa, um vento, uma borboleta que passa. (KASPER, 2009, p.206)

Acolhendo o que lhe chega, potencializando espaços experimentais, trazendo e acolhendo o que toca as crianças em seu cotidiano. Neste processo evidencia os espaços de ensino-aprendizagem do afetar e ser afetado pelo outro. Expondo-se ao que lhe chega, mesmo que fuja de um roteiro preestabelecido, pode ir construindo

outros, além de outras rotinas e outras aprendizagens – tanto para o professor quanto para os alunos.

Nesse sentido, potencializa-se o espaço de sala de aula como um espaço experimental. Abrem-se possibilidades de singularização.

AS AULAS DE CIÊNCIAS – “A CIÊNCIA QUE NÃO ESTÁ NOS LIVROS”

Buscando mapear alguns aspectos da sua trajetória, um fio que tento puxar é o do ensino de ciências. Interessada na sua construção docente e também por se tratar de minha área de formação. Não busco um modelo de ensino ou maneira de categorizar sua prática a partir de sua fala. Reforço que não se trata de uma pesquisa sobre didática de ciências ou avaliação de práticas. Mas um exercício de aproximação, que se dá na constituição docente, de relações mais articuladas com modos de ser, de pensar e agir, do que propriamente com métodos e práticas do como ensinar ciências. Por outro lado, é importante salientar que esses modos também se relacionam com possíveis construções de práticas pedagógicas.

“O ensino da ciência, é o seguinte: temos tanta coisa em mente que não está no livro, que o livro não mostra, e pra nós aqui na região, eu acho que a ciência melhor é a ciência que venha atender a nossa própria necessidade. Embora a gente amplie essa questão, que é ampliar a visão do conhecimento um pouco mais abrangente, mas pelo menos nas séries iniciais, uma ciência que venha atender as necessidades do seu dia a dia, pra mim é mais adequado. E pra trabalhar ciência, não precisa pegar um livro tão extenso, tão explicativo, com tantas coisas, que pra trabalhar ciência temos aqueles belos rios, além da ciência, com o rio a água trabalha a saúde, meio ambiente, temos as paisagens, trabalhar ciência, meio ambiente, natureza, temos os animais, a fauna a flora, a gente aproveita, então pra trabalhar a ciência, tínhamos matéria prima pra trabalhar...” (Depoimento, Ilton)

sobre o ensinar ciências, alguns resgates:

[...] acho até hoje, temos tanta coisa que se perdeu, e nessa ciência damos um resgate do que se perdeu, e a gente tenta fazer um resgate... Como as fases da lua, colheita de matéria prima pro sustento [...], época da colheita, do plantio, então a ciência os pais sabem, mas não sabem passar pros filhos, aí que eu diria, porque não levar pra criança na escola? Aproveitar isso que a criança tem em casa, mas não sabe discernir, por que

às vezes o pai sabe fazer, mas não explicar, e levar pra escola, pra não se perde um serviço, e uma ciência que é uma ciência, mas não está no livro, e por não saber essa ciência, perde uma madeira que não tira pra fazer casa, outra coisa[...] isso tem a ver com a ciência, daquilo que não está na academia pra você aprender, então a gente aproveita e trabalha a ciência. (Depoimento, Ilton)



Retomando a ideia de educação menor, vejo articular-se na prática do professor modos singulares de ensinar, que escapam aos moldes e padrões acadêmicos e aos ditames da educação maior. A invenção de si como professor em um processo de singularização.

Ainda sobre essa “ciência que não está nos livros” podemos pensar a respeito da própria produção do conhecimento. Silvio Gallo apresenta, a partir da leitura de Deleuze e Guattari, a ideia de uma ciência maior e uma ciência menor. A ciência maior se apresenta como o conhecimento oficial, também chamado de “ciência régia”, onde “funciona de acordo com os mecanismos da máquina de Estado; [...] opera gerando grandes modelos e sistemas, com o objetivo de produzir uma explicação abrangente e coerente do mundo, na qual caiba tudo” (GALLO, 2007, p.25).

A ciência menor (podendo também ser chamada de “ciência nômade”), envolve um conhecimento “marginal”, que escapa aos modelos e sistemas. Conforme Gallo (2007, p.24), a ciência menor, procura traçar linhas de fuga, onde produz saberes autônomos conectados de forma aleatória, produzindo efeitos e experiências novas. “Não tem a intenção de criar uma visão de conjunto e abrangente do mundo, mas peças fragmentárias que podem articular-se em diferentes *puzzles*” (*idem*). Gallo nos alerta para não cairmos em uma “tentação” de criar oposição simples entre a ciência menor e maior, mas evidencia uma outra relação onde,

Há processos de captura da ciência menor pelo âmbito da maioridade, e ela sofre então uma operação de institucionalização, passando a jogar segundo as regras estratificadas da maioridade. Mas existem também resistência e fuga da ciência menor, mantendo-se na independência da marginalidade. Historicamente, temos exemplos daqueles que ao menos publicamente, abdicaram de suas ideias, adequando-se ao poder estratificante da Santa Inquisição, mas também dos que resistiram, clandestinamente ou de forma pública, chegando a morrer na fogueira, como Giordano Bruno, mas sem ceder à pressão dos jogos da maioridade. (GALLO, 2007, p.27).

Portanto, se há processos de captura da ciência menor pela maioridade, há também uma relação de resistência, de ruptura, de desterritorialização. Não ocorre uma substituição de um modelo pelo outro, mas evidencia-se uma tensão entre os fluxos instituídos e as forças que criam resistências. Podemos destacar no reapropriar-se da ciência maior, tentativas de expressão e criação da ciência menor. Uma ciência menor, que “não está nos livros”, transita mais próxima de uma “ciência dos pais” com seus saberes sobre o ambiente, envolvendo seus modos de vida, suas atividades de subsistência. Apostamos nas minoridades, na construção de um conhecimento marginal, que busca escapar ao controle do conhecimento que regula “o que se sabe, o que se deve saber, o que se pode saber” (*ibid*, p.26). Um olhar para o menor, que se reinventa, nas relações com o conhecimento, com o ambiente e os modos de viver. Emaranhando-se na prática cotidiana que afeta a maneira de vê o próprio processo de ensino e aprendizado, e na própria produção de conhecimento e na relação com o conhecimento.

Ilton aponta, as relações tênues causados pelas tensões entre os conhecimentos trabalhados nos cursos de aperfeiçoamento e também das políticas públicas instituídas, diante dos modos de vida na comunidade. Ao abordar o tema da ecologia, Ilton destaca essas relações de tensões, de uma ecologia que está na teoria, nos livros, que desarticula a natureza, aos modos de viver.

“Na questão de ecologia, a gente não trabalhava muito, porque os cursos eram mais coibindo o trabalho da população... E eu fazia porque eu gostava, mas sabendo que não ia aplicar, porque se fosse aplicar, eu tinha que voltar e proibir o pessoal de trabalhar, e conhecendo a necessidade, com eu ia vir pra cá... E aplicar pras crianças e falar pra não matar passarinho, não pescar, não derrubar uma árvore, não tirar um palmito, não fazer uma horta, porque tudo mexe com a ecologia, e vão viver do quê?... Então eu, claro ensinava algumas coisas, como respeitar a natureza, como por exemplo, nunca ir ao ninho do passarinho, tirar os ovos, por ali tem uma mãe, é como alguém tirar você da sua, ou ir numa árvore, e em vez de tirar uma fruta, botar a árvore pra baixo, porque ano que vem tem fruta, se cortar não tem mais... A gente cansou de ver caçadores, que iam caçar, e batia a fome e em vez de tirar a fruta, passava o facão, derrubava no chão e pegava a fruta, e esquecia que se ano que vem, fosse lá, ia ter fome, e cadê o pé? Isso eu passava pras crianças, pra não fazer isso, porque como diz o ditado “barriga não dói uma vez só”. E sempre mostrando que um pássaro quando perde o filho chora, fazia comparação e explicava o período da caça, quando está procriando, o período no mato, que mata a mãe e fica o filhotinho... Então essa coisa básica a gente passava, mas não totalmente conforme... Não porque eu ia incentivar a matar o pai das crianças de fome? Já tinha uns que iam sem tomar café, aí não dá... Então o básico da consciência a gente trazia pra escola... e até pro adulto a gente passava, o tempo da caça... (Depoimento, Ilton)

DESABAFO

Por volta de 1875

A comunidade que moro começou

Iniciando com a agricultura

Muitas coisas se plantou

Por ser uma terra boa

*De qualidade muito fértil
Sustentou meus bisavós
Sustentando os bisnetos
Sempre produziu arroz
O milho, a mandioca, o feijão
Se produziram legumes*

*Cereais, frutas e legumes
Pelos povos sempre foi feito
Um alimento saudável substituindo o leite*

*Para uma boa alimentação
Não precisava da comunidade
vizinha
Porque se faltasse carne
Tinha ovos de galinha*

*Mas como tudo que é bom
É verdade, dura pouco
Se traz um frango gelado
E elimina a carne de porco*

*Por volta de 85
Se cria a lei da preservação
Com ela leva a lavoura
E também a criação*

Num mundo desenvolvido

País rico e sereno

Só se come coisa vencida

E ainda só veneno

[...]

A lavoura acabou

Era coisa tão bacana

Hoje se planta um pouquinho

Até mesmo a banana [...]

Ilton Gonçalves



Ainda sobre a questão da preservação da área de proteção ambiental (APA), sobre essas relações, entre as questões de sobrevivência e as leis que então vigoram. Ilton conta que a lei é do ano de 1985, mas somente após 10 anos foi divulgado para a comunidade o pertencimento das terras como APA. Pergunto ao professor se levava isso para sala de aula naquela época.

“Não, eu não via essa preocupação, porque eu tenho meu lado sensível, e tenho meu lado ignorante... Mas hoje sei que tudo isso influencia na sua vivência, se você convive aqui na natureza, você sabe até que ponto você está depredando realmente a natureza, e pra quem nasceu e se criou aqui e vê a natureza, como está hoje... Com mais mato do que gente, não pra pregar isso rigidamente, “vamos preservar, vamos preservar”, não acaba, pode até diminuir alguma coisa, mas com o povo nativo não acaba... Então não atrapalha assim, em relação meio ambiente, educação... tanto que escrevi no livro, tem tanta educação ambiental e tem gente passando fome, e a natureza está aí...”
(Depoimento, Ilton)

O professor afirma algo que parece ignorado por muitos, apesar de parecer evidente: as comunidades nativas cuidam. Algo que emerge dessa relação podemos pensar com Guattari que chama atenção, ao separar a natureza da cultura, “precisamos aprender a pensar ‘transversalmente’ as interações entre ecossistemas, mecosfera e Universos de referências sociais e individuais” (1995, p.25). Rompendo com uma visão de mundo que compartimentaliza as relações da subjetividade com o ambiente e com a sociedade. Pois “a recusa a olhar de frente as degradações desses três domínios, tal como isto é alimentado pela mídia, confina num empreendimento de infantilização da opinião e de neutralização destrutiva da democracia” (1995, p. 24). Algo potente que se alia a suas ações e seus modos de articular enquanto professor e líder, são essas relações que Ilton estabelece. E em sua escrita Ilton expõe essas questões, incorporadas em suas próprias experiências, naquilo que viveu, que lhe marcou, que o impulsiona ainda na luta e nas resistências.

Prosseguindo nossa conversa, sobre a produção da escrita do livro, pergunto ao professor Ilton em relação a esse processo, o que levou a escrita, e sua maneira de exprimir algo de cunho biográfico.

*“ [...] sobre a ideia de escrever o livro, o que me levou foram muitas coisas e a poesia foi uma delas. Mas o que mais motivou foi **deixar o registro, um pouco sobre minha história de vida, pros filhos e netos** e a história passa, e o que o está acontecendo hoje não é uma história, mas passando uns vinte anos já é uma história. E hoje estamos aqui amanhã não mais, e deixar um pouco do que fiz, do que conheci das pessoas que conheci também, para os meus netos e filhos. Foram alguns dos motivos que me fizeram escrever. Porque eu pude trazer um pedacinho da história dos meus pais. E outra coisa que também me motivou, foi assim, eu sempre li as histórias e livros de outras pessoas aí pensei: **“Essas pessoas são pessoas iguais a mim; se eu***

escrever podem não dar importância, mas talvez alguém que não me conhece pode ler e ver que é de alguém que escreveu o que viveu". E outro motivo: o município pequeno não dá valor para nada, nem ao professor, ao carpinteiro, ao cantor pra nada, só valoriza pra quem vem de fora. Então isso também me motivou porque aqui tem muita coisa interessante mas ninguém é motivado, então foi um jeito de também mostrar as lideranças(...) Que tem muita gente capaz, e eu era capaz, e tem mais gente capaz, de escrever, porque sei que tem mais pessoas que tem mais estudo que eu e que tem mais facilidade. O que eu quis era **despertar a coragem** das pessoas aqui de mostrar suas capacidades. E mostrar para sociedade que o sofrimento e a pobreza não são sinônimos de burrice, mas a falta de oportunidade sim que nos impede de conhecer mais. Então foram minhas razões". (Depoimento, Ilton)

Conheço agora um pouco do que o levou a escrever, uma escrita de si, um modo de existência. Da coragem de escrever o que viveu. Na intencionalidade do despertar a coragem no outro, nos contextos que inibem tal coragem. Uma escrita que se desdobra para a sua própria trajetória e descobre-se, ainda, como um processo de formação. Daí também pensar a formação no próprio processo de produção da escrita.

Retomo a conversa, quanto ao estilo de escrita, o que levou a escrever poesias?

"E a história da poesia, foi assim: Quando eu comecei a ser alfabetizado eu comecei com poesias, e assim tinha mais facilidade. Então sempre que pegava um livro procurava as poesias para ler, eu gostava, e por conta disso, depois até parei de estudar mas continuava lendo, escrevendo. E depois que cresci e comecei a trabalhar como professor num curso Pedagogia no encerramento, me despertou algo para escrever sobre aquele encerramento. E me foi oportunizado de ler o que tinha escrito, e aí foi assim: todo encerramento de curso ou outras coisas eu escrevia conforme o que vivi, o que passou ali durante o curso com os colegas. Só que até então não dava muito valor, mas um amigo meu pediu pra eu não jogar fora, para eu guardar, porque um dia poderia pôr em um livro. Aí quando veio a ideia do livro pensei em escrever uma parte em poesia, e assim como aconteceu comigo, pensei que as pessoas poderiam se interessar em ler poesia, e escrevi alguns trechos, por achar que também poderia despertar interesse dos leitores. Escrevi muitas, algumas em momentos de revolta, principalmente quando se trata em questões ambientais, escrevi um pedacinho sobre meus pais, e como eu tinha uns documentos com fotos, e já foi bom porque teve netos que não conheceram meus pais ... Foi bom, uma missão cumprida." (Depoimento, Ilton)

Da prática da escrita das poesias, interpenetrada pelos encontros de formação, assim como de outros momentos que o marcara, Ilton constrói suas práticas e se reinventa. Há uma relação de dobra entre quem escreve com o que se escreve. Algo

com que nos deparamos nos pensamentos escritos de Maria Rosa Rodrigues de Camargo (2014, p.86): “Faz de sua bio-grafia a escritura-vida, a vida escrita, a vida na escritura”.

“Não foi fácil... esse livro. Falar da gente não é fácil” (Depoimento, Ilton)

Não é nada fácil escrever, escrever um livro, uma história, uma dissertação. A escrita - a linguagem e suas lacunas, como aponta Foucault (1987, p.24) “por mais que se diga o que se vê, o que se vê não se aloja jamais no que se diz”, aqui estendemos também ao que se escreve, à experiência que se quer narrar. Relembro a fala de uma professora, onde sempre estamos buscando um modo de falar, na escrita acadêmica, buscamos um teórico-autor, pensamentos alheios, para nos ajudar a dar sentido e falar da experiência. Da experiência, da travessia que envolve a formação, mas como Larrosa aponta, nunca sozinhos, algo que acontece sempre na abertura para alteridade. “Não há experiência, portanto, sem a aparição de alguém, ou de algo, ou de um isso, de um acontecimento definitivo, que é exterior a mim, estrangeiro a mim, estranho a mim, que está fora de mim, que não pertence ao meu lugar [...]” (LARROSA, 2011, p.06).

Encerrando nossa conversa, o sentimento que me toma é o de gratidão. Sei que “num dedo de prosa” muitas coisas ficam, outras se vão. Na prosa que foi se delineando para os desfechos, pergunto ao professor se gostaria de comentar algo, sobre essas tardes que passamos conversando.

*“Não, não, acho que foi muito gratificante, **revivi muita coisa**, algumas lembranças, e sempre que quiser voltar estarei aqui esperando na varada (risos) e com as “pedras da cachoeira”. Não sei se o que eu disse pode te ajudar, mas o que puder contribuir, como disse sou assim mesmo às vezes se assustam comigo no início, mas não sou de “enfeitar a prosa”. Eu que agradeço”. (Depoimento, Ilton)*

Reviver. Faz parte da pesquisa fazer o outro reviver?

A professora-pesquisadora-aprendiz de cartógrafa, diz sim”! Revivo a cada palavra que ora escrevo, nas lacunas entre o vivido e o escrito. Com o desafio de trazer

a experiência desse processo de “trans-formação” neste momento da escrita – a escrita também configurada neste processo, uma experiência; do escrever o que me aconteceu nesta travessia do fazer pesquisa.

UM ÚLTIMO “DEDO DE PROSA”. TALVEZ.

Vou procurar dar a esse espaço um tom não de acabamento, mas de um momento de redobrar-se para o próprio processo do fazer pesquisa. A pesquisa foi sendo produzida através de uma abertura para encontros. Aberturas para aprender, ensaiar modos de me aproximar do outro - nos depoimentos, nas leituras. Uma abertura para inserir-me no processo de formação em uma pós-graduação.

Uma pesquisa atravessada por uma “história” de vida, seus processos formativos. Não nos detendo numa cronologia dos acontecimentos, abrindo lacunas entre as memórias e as intensidades. A narrativa não buscou também ater-se a um tempo linear, mas tendo em vista dar visibilidade e pensar as intensidades, os acontecimentos.

Na intensidade que busquei nas conversas, essa a minha maneira.

Não há nada a compreender, nada a interpretar. Gostaria de dizer o que é um estilo. É a propriedade daqueles dos quais habitualmente se diz "eles não têm estilo...". Não é uma estrutura significativa, nem uma organização refletida, nem uma inspiração espontânea, nem uma orquestração, nem uma musiquinha. É um agenciamento, um agenciamento de enunciação. Conseguir gaguejar em sua própria língua, é isso um estilo. É difícil porque é preciso que haja necessidade de tal gagueira. (DELEUZE; PARNET, 1998, p.12)

Transitar, mesmo que a pequenos e curtos passos, nas leituras de uma fundamentação teórica. Este transitar que significou uma possibilidade de construir essa pesquisa. Nas leituras e nos encontros com o professor Ilton, os pensamentos a respeito dos processos de formação se deslocam. Envolvendo nas relações singulares dos acontecimentos, das marcas, dos encontros, um modo de operar. Possibilidades abertas pelos processos, pelas experimentações. Experiências singulares e singularizantes de formação, provocando uma abertura para outras possibilidades, outros modos de agir sentir, pensar. Na vizinhança das relações que envolvem a

invenção de si e do fazer pedagógico, atravessadas por diferentes forças - sociais, culturais, ambientais, políticas, éticas, entre outras - que atravessam os processos de formação.

Assim, fio a fio, ensaios de possíveis remates desta cartografia. Dos caminhos percorridos, das paisagens que se constituíram nesse movimento. Mas, sem um final, talvez uma chegada até aqui, mas não o final da caminhada.

Evocando Deleuze (1997, p.11)

“Escrever é um caso de devir, sempre inacabado, sempre em via de fazer-se, e que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida. É um processo, ou seja, uma passagem de vida que atravessa o vivível e o vivido. A escrita é inseparável do devir”.

A escritura vida.

A escrita de si.

Num devir outro. Reinventar-se.

“quem sou eu não é algo que progressivamente encontro ou descubro ou aprendo a descobrir melhor, e sim algo que fabrico, que invento e que construo no interior dos recursos semióticos de que disponho, do dicionário e das formas de composição que obtenho das histórias que ouço e que leio, da gramática; em suma, que aprendo e modifico nessa gigantesca e polifônica conversação de narrativas que é a vida”¹⁵

¹⁵ LARROSA, Jorge, 1996, p. 477, citado por KASPER, Kátia M, 2008, p.07.



ÚLTIMO AVISO

*Caso alguma coisa me acontecer,
informem a família,
foi assim, assim tinha que ser*

*tinha que ser dor e dor
esse processo de crescer*

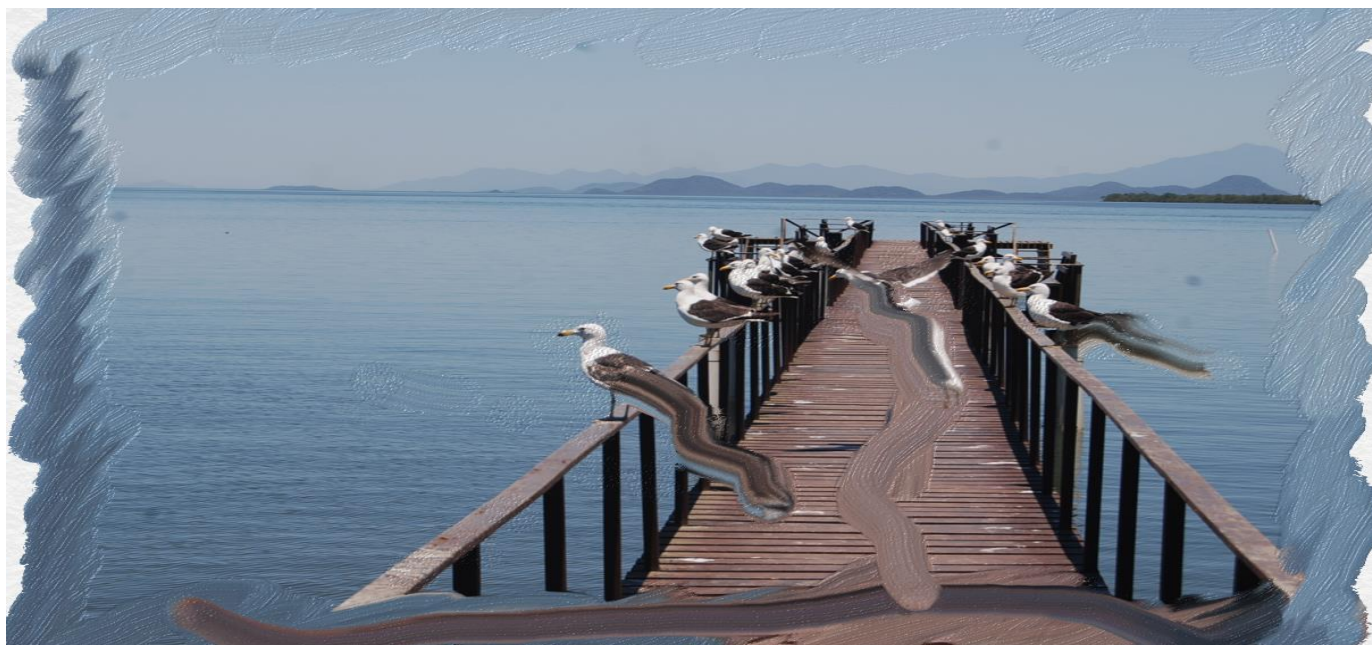
*tinha que vir dobrado
esse medo de não ser*

*tinha que ser mistério
esse meu modo de desaparecer*

*um poema, por exemplo,
caso alguma coisa me suceder,
vá que seja um indício*

quem sabe ainda não acabei de escrever. (Paulo Leminski)

*... e o caminho é longo! Sem
fim...
(Maria Rosa R. M. de Camargo,
exame de qualificação, 2014).*



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org.) - **A Aventura (Auto) biográfica: teoria e empiria**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; SOUZA, Elizeu Clementino de (Orgs.) **Tempos, Narrativas e Ficções: a invenção de si**. Porto Alegre: EDPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2006.

ALBERNAZ, Roselaine. M. **Formação ecosófica: a cartografia de um professor de matemática**. Rio Grande, 217 p. Tese (Doutorado em Educação Ambiental) - Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2011.

BARROS, Letícia Maria Renault de; BARROS, Maria Elizabeth Barros de. O Problema da Análise em Pesquisa Cartográfica. **Fractal, Rev. Psicol.**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 2, agosto 2013. Disponível <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-02922013000200010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 14 de agosto de 2014.

BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, M. de M. e A. J. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

BRAGA, Jonathan Taveira; KASPER, Kátia Maria. Formação, experimentação, invenção. Juiz de Fora: **Instrumento** – R. Est. Pesq. Educ., v. 15, jan./dez., p. 39-46, 2013.

CAMARGO, Maria Rosa R. M. de. Sobre leitura e escritos autobiográficos: apontamentos teóricos. In: CAMARGO, M. R.R.M., org., SANTOS, V. C. C., colab. **Leitura e escrita como espaços autobiográficos de formação**. [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p.13-29.

_____. Práticas de escrita de si como espaços de formação. **Educação: teoria e prática**. v.18, n.31, jul.-dez. Rio Claro. SP, 2008.

CUNHA, Maria Isabel. Conta-me agora! As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. **Rev. Fac. Educ.** vol.23 n.1 – 2 São Paulo jan./dez. 1997.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka – Por uma literatura menor**. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Tradução de Peter P. Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1992.

_____. **Crítica e Clínica**. Tradução de Peter P. Pelbart. São Paulo: Ed., Editora 34, 1997.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. tr. br. Eloisa Araujo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.

FOUCAULT, Michel. Las meninas. In: **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

_____. A escrita de si. In: **O que é um autor?** Lisboa: Passagens. 1992, p. 129-160.

GALLO, Silvio. **Deleuze & a Educação**. 2. Ed., - Belo Horizonte: Autêntica. 2008.

_____. Acontecimento e resistência: educação menor no cotidiano da escola. In. CAMARGO, Ana Maria Faccioli de e MARIGUELA, Márcio (orgs.). **Cotidiano escolar: emergência e invenção**. Piracicaba: Jacintha, 2007.

_____. Em torno de uma educação menor. **Revista Educação e Realidade**. Porto Alegre, v. 27, n.2, p. 169-178, jul./dez. 2002. Disponível em <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/25926/15194>> Acesso em: 15/ de mar. de 2014.

_____. Educação: entre a subjetivação e a singularidade. In: **Educação**, Santa Maria, v. 35, n. 2, p. 229-244, maio/ago. 2010. Disponível em: <http://www.ufsm.br/revista_educacao> acesso em 20 de nov. de 2013.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. 5ª Ed., Campinas: Papirus, 1995.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. 2ª Ed., Petrópolis: Vozes, 1986.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

KASPER, Kátia Maria. **Experimentações clownescas: os palhaços e a criação de possibilidade de vida**. Campinas, 442 p. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2004.

_____. Experimentar, devir, contagiar: o que pode um corpo? **Pro-posições**. Campinas, UNICAMP. v. 20, n. 3, set/dez 2009, p. 199-214.

_____. **Singularização: experimentação, corpo, educação, arte, ecosofia**. Projeto de pesquisa registrado no BANPESQ/THALES com o nº 2008023336. 2008

KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. **Psicologia & Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 19, n.1, jan/abr 2007, p. 15-22.

LACERDA, Nilma Gonçalves. **Manual de Tapeçaria**. Rio de Janeiro: Revan, 2001, 3ª Ed., janeiro de 2006.

LARROSA, Jorge. Literatura, experiência e formação. In: COSTA, Marisa V. (org.) **Caminhos investigativos I: novos olhares na pesquisa em educação**. 3ª Ed., Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

_____. **Conversando sobre escola, experiência e formação docente**. Reflexão & Ação, Vol. 19, nº 2, 2011. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/2445/2127>> Acesso em 03 de abril de 2014.

_____. **Nietzsche & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 3ª Ed., 2009.

_____. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. In: **Revista Brasileira de Educação**. Campinas, Nº 19 Jan/Fev/Mar/Abr. 2002.

_____. **Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas**. 4ª Ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____. Palavras desde o limbo: notas para outra pesquisa na educação ou, talvez, para outra coisa que não a pesquisa na Educação. **Revista Teias**. Nº 27 v. 13. Jan./Abr. 287-298, 2012.

_____. **Tremores**: escritos sobre experiência. 1ª Ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

MACHADO, Antonio. Proverbios y cantares In. **Poesías completas**. 14ª Ed., Madrid, Espasa-Calpe 1973. Disponível em < <http://www.poesia-inter.net/amach164.htm> > acesso em 12 de março, 2014.

OLIVEIRA, Thiago Ranniery Moreira de; PARAISO, Marlucy Alves. Mapas, dança, desenhos: a cartografia como método de pesquisa em educação. **Pro-Posições**, Campinas, v. 23, n. 3, dez. 2012.

PASSOS, Eduardo.; KASTRUP, Virgínia.; ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do método da cartografia**: pesquisa intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade**. Campinas, S.P.: Editora da Unicamp, 2013.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

_____. Pensamento, corpo e devir: Uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico. **Cadernos de Subjetividade**, v.1 n.2: 241-251. 1993. Disponível em < xa.yimg.com/kq/groups/219_05116/.../name/pensamentocorpodevir.pdf > acesso em Jan. de 2014.

TARJA BRANCA . A revolução que faltava. Direção de Cacau Rhoden. Brasil. Produzido pela Maria Farinha Filmes, 2014. 80 minutos.

APÊNDICES

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Universidade Federal do Paraná – Setor de Ciências Exatas, Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática

Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado(a) na pesquisa de campo referente a pesquisa intitulada(provisoriamente) **Experiência, Singularização, Ecosofia: cartografia de um processo de formação**, desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Fui informado(a), ainda, de que a pesquisa é orientada pela Professora Doutora Kátia Maria Kasper, a quem poderei contatar / consultar a qualquer momento que julgar necessário, através do e-mail katiakasper@uol.com.br. Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. **Fui informado(a) dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo, que, em linhas gerais, consiste em investigar aspectos e marcas de experiências singulares e singularizantes de formação. Pensar processos de formação, como processos de produção de subjetividades, de constituição dos sujeitos.** Autorizo minha identificação e minha colaboração serão por meio de depoimentos gravados a partir da assinatura desta autorização. Estou ciente de que, caso eu tenha dúvida ou me sinta prejudicado(a), poderei contatar o pesquisador responsável ou sua orientadora. O pesquisador principal da pesquisa me ofertou uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Fui ainda informado(a) de que posso me retirar dessa pesquisa a qualquer momento, sem prejuízo para meu acompanhamento ou sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos. Considerando-me esclarecido(a) concordo em participar da pesquisa proposta e expressando a concordância com a divulgação pública dos resultados.

Professora responsável: Dra. Kátia Maria Kasper – UFPR Pesquisador responsável: Denise Ap Lima Pereira – UFPR Telefone para contato: 41 3453 0654 / 41 9665 5592. Nos colocamos à disposição para maiores esclarecimentos.

Assinatura do pesquisador: _____

Nome do(a) participante: _____

Assinatura: _____ Telefone para
contato: _____ Data: ____/____/____

APÊNDICE B – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM PROFESSOR ILTON

TRANSCRIÇÃO - ENTREVISTA COM PROFESSOR ILTON GONÇALVES - realizado no dia 30 de janeiro de 2014, na comunidade do Batuva município de Guaraqueçaba. PR.

Bom professor primeiro agradeço a possibilidade deste encontro, como já conversamos no primeiro encontro o que eu gostaria é uma conversa, que fossemos, conversando, sobre sua trajetória e a constituição do professor... Bom eu li no seu livro que foi em 1979, que começou com o professor Zachio Xavier quantos anos o professor tinha?

Acho que estava com uns seis ou sete anos. Deixa-me fazer as contas...

Em 79 professor?

Ah, quando eu comecei a trabalhar, e não a estudar... eu tinha 23 anos.

(....)

E como foi entrar em sala de aula sem ter uma formação, como foi constituindo o professor Ilton em sala de aula?

A princípio quando eu entrei em sala de aula apesar de eu não ter uma formação, mas assim, eu tinha muita convicção e vontade de fazer com que as crianças multiplicassem em sabedoria, eu entrei com muita vontade, de dispor da minha vontade mesmo, para trabalhar. Com a expectativa a partir dali então, a cada oportunidade que viesse me aperfeiçoar para continuar trabalhando.

Quanto tempo depois que entrou em sala, faz a primeira especialização, porque o professor fez

a princípio a especialização?

Sim, fiz a especialização de professor com o magistério, mas durante esse período eu participei de muitos cursos. No ano em que eu comecei a trabalhar em 1979, eu já comecei com uma capacitação de 15 dias, foi um aperfeiçoamento. Até foi interessante que nesses primeiros dias de cursos que era início da minha carreira, eu passei por uma pequena cirurgia, que eu chamo de pequena, e eu estava em curso, foi uma cirurgia que eu levei oito pontos. Eu aproveitei que estava em Guaraqueçaba que tinha um médico bom, aproveitei pra fazer o curso e cuidar a saúde, com 15 dias que eu vim embora eu já estivesse sarado da cirurgia.

Então não teve nem tempo de repouso? O tempo de repouso foi trabalhando?

É o repouso foi trabalhando, até num dia tinha duas professoras que estavam dando o curso e depois de uns três ou quatro dias, desconfiaram que eu estivesse mal, que eu estava passando mal, e resolveram me tirar da sala e levar para o hospital, eu sentia que estava bom, mas eles achavam que eu não estava bom, aí chamou outra professora e me levaram para o hospital, conversaram com o médico e pediram um medicamento para me fazer dormir que eu duvidei tanto que uma injeção me fizesse dormir, mas foi à recomendação, e o medico então disse que era isso que ia fazer, era umas três horas da tarde... Não fugindo do foco da entrevista, mas é algo que aconteceu comigo e que me marcou... E também serve como exemplo do que é o esforço quando a gente quer vencer na vida... e então o médico disse: “Vou aplicar injeção nele, para ele dormir umas duas horas que aí descansa.” E eu ri do médico, falei: “Injeção pra fazer eu dormir doutor?” O médico disse: “Vai ver”. Então eu parava na casa de uma tia minha e um tio que hoje ele é falecido, aí falei: “Mas se faz efeito tão rápido assim não dá tempo de eu chegar lá”. “Dá tempo sim, só vai ligeiro sem não você dorme na rua”. Aí me aplicou a injeção. Mas eu fui pela rua dando risada, desde quando isso ia fazer eu dormir... Eu cheguei, coloquei uma esteira bem na porta e fiquei esperando o sono... Cinco horas era a hora da janta, e olho no relógio e o sono não vinha, e cadê o efeito, deu então cinco horas da tarde e eu não dormia, levantei. “Eu vou é jantar”. Quando eu cheguei lá no local da janta as

professoras estavam com as marmitas todas prontas para levar para mim, “mas você tá ai rapaz”, pois olha tentei dormir, mas não consegui, e eu continuei não me fez dormir mesmo, ai fiquei, depois quando fui embora caminhei uns 20 km de a pé, e uns 30 kg nas costas ainda.... Então voltando à questão do aperfeiçoamento eu continuei fazendo os cursos, quase todo mês tinha curso a cada quatro meses, três meses tinha curso, aperfeiçoamento, capacitação de matemática, geografia, português, ciências, meio ambiente e tantas outras coisas. E eu aproveitava todas, então isso foi me ajudando muito sabe, melhorar minha situação, para desempenhar um trabalho. Porque a formação só fui fazer mesmo depois de... Acho que 2001, que me formei no magistério, quando os filhos estavam todos criados, já tinha anos de escola. Então foi mesmo a base do esforço da vontade de ver o trabalho fluir, de ver as crianças aprenderem, me dei bem com as crianças, me dei bem com os pais das crianças, e foi assim que eu cheguei até aqui, nos dias atuais.

E com foi essa relação do professor com as crianças quando pisou em sala de aula, que tipo de perfil e postura desenvolveu?

A princípio, eu procurei ser amigo das crianças, que me respeitassem não por temor, fazer com que eles passassem a ter confiança em mim e gostar de mim, porque eu achava que os fazer terem medo, temer a mim não ia resolver, eu ia ter mais sucesso se eu fizesse com que eles confiassem em mim, fossem meus amigos e que acreditassem no meu trabalho, então foi o que eu fiz, e me dispus assim de uma forma bem aberta para eles perguntarem tudo o quanto eles quisessem em relação ao estudo ao aprendizado, e que eu estarei disposto a responder, e o que não tivesse condição de responder eu ia ser bem sincero, que eu não daria uma explicação que não tivesse certeza. Porque eu já tinha essa ideia comigo, que professor dentro de sala de aula, ele não pode mentir, ensinar alguma coisa, que daqui a pouco outro professor ensina que aquilo não era assim, então eu já tinha essa preocupação de ser aberto com eles, e disposto, a tudo aquilo que eu não soubesse responder, jamais responderei, só quando tivesse certeza, “vou buscar recurso para vocês não aprenderem errado, vocês são proibidos de aprender errado e eu sou proibido de ensinar errado”. Então dessa forma eu consegui fazer com que minha clientela, tivesse bastante confiança, a gente não era fechado em sala de aula, a gente era divertido, a gente brincava, com limite sim, mas dando liberdade para as crianças perguntar, reivindicar, rir, quando necessário... Então não tive dificuldade.

O professor começou com primeiro ano, com quais séries?

Com todas as séries, era multisseriada, era do primeiro ao quarto ano, tudo no mesmo período.

E como o professor trabalhava com cada série, como escolhia o conteúdo... como era essa organização?

Eu fazia o seguinte, quando eu tinha quatro séries, eu tinha que manter essas crianças todas ocupadas, pra que não sobrasse tempo para ficarem brincando atrapalhando o outro, então eu dividia... Mas eu não diversificava, por exemplo: no meu período matemática, geografia, português, eu não diferenciava a matéria de primeira a quarta, se eu estava trabalhando português eu ficava só com português, o que eu diferenciava eram as matérias a cada clientela. Porque se eu estava no mesmo quadro com a mesma matéria, eu entendia assim, que se eu estava passando pras segundas séries e a terceira a matéria, diversificava os limites de conteúdos, mais uma complementava a outra, sobrava tempo com que eles fizessem a terceira e recuperassem a segunda, de uma forma que eu procurava manter todas as séries ocupadas, para uma não atrapalhar a outra, era um trabalho árduo, porque daí eu não tinha tempo pra sentar nem pra ir ao banheiro, pra nada, porque eu tinha que manter eles ocupados.

Eram em média de quantos alunos?

Quando eu comecei era em média de 45 a 48 alunos, depois do quinto ano em diante de trabalho foi diminuindo um pouco, mas até uns 4 a 5 anos era de 40 em diante, não tinha menos que isso. Eu cheguei a ter até 53 alunos em uma sala.

Professor trabalhava com a alfabetização também?

Sim, desde as séries iniciais, com alfabetização.

E como é trabalhar com alfabetização com 45 alunos professores?

Só que é assim né, ali desses 45 alunos, estavam as séries iniciais e da primeira à quarta. Eu procurava me desdobrar para dar atenção a todos, e sempre me preocupando com quem estava mais atrasado. A tentativa era não deixar ninguém para trás, do contrário eu sabia que tinha professores, que avançavam com quem estava mais adiantando e não se preocupavam com quem estava mais atrasado, eu tentava fazer que nem a abelha, “não deixar a rainha para trás”, porque talvez aquele que estava mais atrasadinho poderia ser uma rainha... E se eu deixasse para trás ficaria “uma colmeia tão grande sem quem pudesse preparar o mel”. Então minha tendência era levar todos, então eu não deixava, e sempre assim, de uma forma que uma se complementa a outra, porque sempre tinha aquele aluno da segunda série, que poderia ter deixando algo para trás e que poderia cooperar junto com aquele que estava na primeira. E assim todas as disciplinas eu dividia assim, fosse matemática, ciências ou geografia, porque se não ficaria muito difícil, quatro turmas, quatro séries, dá ao mesmo tempo matemática, geografia ou português, ou outra disciplina, então eu dava uma sequência.

E na escola só tinha o professor, ou tinha outros professores?

Não, somente eu.

E como eram as programações dos conteúdos que trabalhava nas aulas, como elencava quais eram os temas que trabalharia em cada série? Tinha alguma diretriz?

Tinha uma diretriz curricular, mas só que é assim, eu me apegava mais as necessidades,

e não me apagava ao conteúdo programático, porque às vezes não condizia, e até mesmo porque eu não era preso aquele conteúdo que vinha pela secretária, hoje parece que tem que ser... Porque às vezes você vai com uma programação de casa, pronta, e assim, às vezes você chega à sala e a necessidade não é a mesma, eu me apropriava da situação de cada aluno que chegava a sala de aula, eu não ficava preso ao conteúdo, às vezes eu poderia até programar uma aula de matemática, mas se eu chegava lá, e ao me deparar com o que vinha com a criança, eu tinha necessidade de dar uma de geografia, eu me apropriava com o trajeto que eles faziam de casa até a escola, eu já me organizava, e me preparava para qualquer mudança que houvesse, e depois eu voltava para fazer o complemento daquilo que tinha programado. Mas eu não perdia oportunidade da situação, e às vezes eu podia me preparar para uma aula de português, mas no repente, eu me deparava com uma criança que levava um problema de saúde de casa, não estava no cronograma, mas eu aproveitava e fazia um trabalho sobre a prevenção da saúde, falando, escrevendo e então depois dali eu poderia tirar um apanhado daquele resumo, daquela conversa, e aproveitava as palavras que surgiam e trabalhava com o português, eu procurava aproveitar tudo.

Então dava-se espaço para as crianças conversarem

Sim, eu dava espaço, porque eu acho assim, que a escola... Eu não tinha trabalhado antes para ter tanta noção disso, mas pelo que eu vivi de quando eu estudava, eu já sentia que quando criança tinha que ter espaço pra gente dizer alguma coisa, às vezes você quer contar alguma coisa que aconteceu com você ou em casa, ou no trajeto que fazíamos da casa a escola, e na época que eu estudei a gente não tinha essa liberdade, e eu achava que se perdia muita coisa, e às vezes até as histórias dos amigos que tinham... E então eu achava que tinha que ter, e meus alunos desde o início já tinham essa liberdade, às vezes dava cinco a dez minutos para cada um falar o que quisesse, mas eu punha limites o espaço é esse quem não quisesse falar nada agora, depois não dava para interromper... e as vezes surgia coisas que me faziam mudar o rumo das aulas daquele dia, então eu aproveitava daquela situação eu aproveitava da matemática, da ciência, da geografia... dos trajetos, do que aconteceu, aproveitava essas oportunidades para as matérias.

Voltado um pouco sobre esses cursos de especialização que fizeste, como era? Tinha algo que trabalhava com sua caminhada, suas experiências? Como foi contribuindo para o professor, para sala de aula.

Eu sempre fui uma pessoa assim Denise, para mim cada dia era uma vida, cada conversa para mim era um estudo, cada curso para mim era um aprendizado. Eu sempre tirava proveito de cada coisa que acontecia comigo, ou com quem estivesse comigo por perto. Então cada curso que eu participava, eu procurava tirar elementos que fossem me ajudar e melhorar minha situação, porque a minha expectativa era uma só, era ver o melhor dos meus alunos, para um dia a comunidade fosse e tivesse pelo menos visão das coisas. Eu pensava assim: a questão é ampliar a visão da população, para que não veja só para frente, mais as laterais também. Então eu procurava tirar de cada curso, cada situação algo para eu aplicar na escola, mas sem me apegar a livros didáticos. Tirava proveito? Tirava, mas sem me apegar com eles, e com aquela programação vinda da secretária. Eu fugia muito dessas coisas, porque eu queria aproveitar cada oportunidade, cada necessidade de cada criança, cada aluno, eu aproveitava e focava sobre aquela situação.

Esses livros didáticos te davam aporte para trabalhar aqui com a questão da comunidade?

Não, porque os livros didáticos para mim não tinham nada a ver com a realidade, da situação. Às vezes a gente lia aqueles livros lá - vovô vê a uva-.... O chalé da vovó...

Para mim aquilo lá era tudo abstrato. Falar de uva pra crianças onde não existe, falar de chalé da vovó e as crianças não saberem o que isso significava. Isso para mim, era simplesmente uma questão de decorar, decoreba das frases, e eu achava assim, que a criança tem que aprender, mas saber o que está aprendendo, uma coisa mais concreta, não abstrata. Se eu achava que aquele texto, daquele livro da uva e do chalé da vovó... não ia fluir na vida das crianças, então porque não falar da bananeira do vovô, da palmeira... Porque a criança sabe o que é esse, então ele aprende a ler e também sabe do que está falando... Então tinha coisas boas no material didático? Tinha, mas nem tudo eu

achava adequado. Até porque se um dia visse a faltar aquilo, eu trabalharia com o que? Eu precisava me apropriar daquilo, para que a hora que não tivesse, eu conseguisse recurso para continuar... por exemplo, se viesse uma enxurrada e eu perdesse os livros no caminho, eu ficaria uma semana sem trabalhar, até que adquirisse livros outra vez... Eu acho que não pode parar.

E como o professor programava suas aulas?

Não era tão fácil né, pra começar, se hoje é pouco, naquela época era mais pouco ainda que eu ganhava, e eu tinha que trabalhar na propriedade, para complementar o que eu ganhava, naquela época, que era anos de 85/86, com dois terços do salário, e eu não reclamei por isso, porque meu trabalho era mais por prazer e não pelo que eu ganhava, realmente trabalhava por prazer, de poder fazer algo para alguém, então eu tinha que me desdobrar na terra, na lavoura, então eu achava uma horinha à noite, nos domingos e feriados para programar alguma coisa, e na maioria das vezes eu não me organizava para levar coisa pronta só para aplicar, até porque a questão de levar tudo pronto, tudo escrito, é o que eu falei anteriormente, você chega lá, e às vezes tem que mudar aquele roteiro, e se não aprende outro jeito de fazer, que vai trabalhar? Se a gente aprende a fazer tudo pronto, escrito no papel, para chegar lá e aplicar. Na região onde a gente vive, que pega chuva pra ir, chuva pra voltar, se perder o roteiro, chegava lá “perdi minha programação, e agora”? não vai dar pra trabalhar? “A maior parte da programação eu achava que tinha que estar no cérebro, então nem sempre eu levava tudo pronto”. Então eu tinha em mente o que fazer, onde estava a maior parte das necessidades das crianças... programa, faz uma programação de aula, chega lá às vezes à realidade da criança não é aquela, é outra necessidade... Então tem que estar preparado para essas questões de emergências, digamos assim.

Essa preparação, essa experiência como se deu?

Vem em grande parte, de quando eu era aluno, porque eu via muito isso, tendo as

necessidades que eu vivia... Hoje eu teria a necessidade de aprender tal coisa, só que eu chegava lá e já tinha a programação, e eu tinha que ver aquilo. Porque às vezes acontece de uma criança querer saber quantos metros de piso tem que comprar pra essa casa, isso quando a criança já está um pouquinho maior, já demonstra interesse, só que eu vou com a programação de português, aí chego lá e uma criança pergunta “professor se tivesse que colocar piso nessa sala aqui, o que eu tenho que saber, para poder comprar?” eu pensava assim, jamais deixar isso pra falar em outro dia, porque uma hora melhor pra você aprender, é quando você quer aprender, quando está com necessidade de aprender. Então eu esquecia o português, e vamos trabalhar essa questão, só que não somente dizer, que ele precisa disso e isso... Eu aproveitava e fazia uma aula daquilo ali, eu ampliava aquela necessidade deles, até para poder despertar interesse dos outros que não perguntaram... E daí já trabalhava uma aula de matemática... Trabalhando a questão das metragens, trabalhando com as réguas com os metros, o espaço, a gente aproveitava o espaço, e então entrava a matemática e depois fazendo aquele resumo do que a gente trabalhou, aí voltava para o português, porque quando você já escreveu tudo aquilo, dava pra trabalhar com o português. Trabalhar com os significados das palavras, formando frases, novas palavras a partir das que já se adquiriu, então eu procurei trabalhar dessa forma.

E a questão do “vencer conteúdo”, tinha essa dificuldade?

Não, porque a preocupação de vencer conteúdo é “você comer depressa pra pegar um ônibus” que vai acontecer daqui a pouco, você pode dar uma má digestão, comeu as pressas, não mastigou e não comeu o suficiente, então você pega o ônibus, mas anda uns 2 km, já está com fome ou com dor. Então vencer conteúdo é empurrar conteúdo goela a baixo. Aí fecha-se relatório, conteúdo, conteúdo, dia tal, porque no relatório você põe o que você quiser, tivesse aplicado ou não, agora eu achava assim, e até hoje o pessoal me pergunta “você estudou muito?” eu respondo não, eu estudei pouco, só que aprendi razoavelmente bastante, mas eu estudei pouco, o que eu acho? Estude pouco, mas aprenda bem, então não adianta empurrar conteúdo numa criança, só porque a secretaria pede que tenha que passar tudo aquilo, mesmo se a criança não entendeu. Então repita o quanto for necessário, não tem que se preocupar se venceu o conteúdo, o

conteúdo é uma lista enorme, e o professor se preocupa com aquilo, cada dia um conteúdo e não aprende nenhum. Então eu preferia ficar dois dias, três dias num conteúdo, mas que ele dominasse, se deu pra aprender deu, se não deu eu volto, pois não acho que resolveria isso. E por conta disso, a gente tinha discussão com a chefia, porque eu via diferente, quantidade não resolvia, pra mim é qualidade... Se aprendeu pouco, mas aprendeu bem, beleza, não adianta “aprender” (fez o sinal de aspas) bastante e tudo mal-entendido. Pra mim é o seguinte, aluno fingir que está aprendendo e professor fingir que está ensinando, então aí eu coloco, dentro dessa questão um pouco de responsabilidade.

– Então como era a pressão na hora dos relatórios, de não dar conta, das diretrizes, do programa?

Falaram-me isso uma vez, ou duas, depois não me pediram mais nada. Fui pressionado pela secretaria bem no final, quando estava para me aposentar, tinha questão política no meio, mas eu fui tranquilo, sempre com minha chefia, tive bastante sorte, não que fossem bonzinhos comigo, mas valorizavam meu trabalho, até porque cada chefia que entrava, falava “tal dia vou à tua escola” eu falei “mude esse dia” perguntavam o porquê e eu dizia “pois já me avisou”. Quando for à minha escola não me avisa, pois ira me pegar do jeito que sou, do jeito que trabalho. Já tenho um pouco de vivência, e se me falarem quando vão, vou querer enfeitar, e a gente quando enfeita demais estraga, eu sou o que sou, e não o que vão pensar. Então não me avisem, me peguem no flagra, pois nem eu, nem as crianças, nem a servente deve saber. Primeiro, se me avisar, vou avisar a servente, que é a minha mulher, o que ela vai fazer? Vai dar uma caprichada na sala, deixar ela um “brinco”, se elas não são acostumadas a limpar. Eu vou colocar cartaz por todos os lados, coisa que não trabalho, só pra deixar bonito, se não me avisar, e pegar a sala limpa, é porque assim que ela se mantém, se me pegar na minha roça trabalhando, é porque é assim que eu me mantenho “chefia não vem e vou cuidar da minha roça ou então vou pegar a canoa vou lá pro rio brincar e fingir que estou dando aula, se não me avisar, e me pegar na sala é porque estou ali, se pegar a sala suja, é por é assim que se mantém, então não me avise.” Eles estranhavam, e eu falava “aonde, vocês vão nas ilhas, não pegam tudo bonitinho? a sim, lá cartaz ali, aqui”... Quem tira muito tempo pra

fazer cartazes.... Está perdendo tempo de ensinar. Não se aprende, colocando cartazes de baixo a cima na parede, professor que tem tempo pra fazer tudo isso, muito “bonitinho” e enfeita, enfeita a sala e faz tais coisas, está perdendo tempo de ensinar, e o ideal pra criança é aprender, e não fazer cartazes. Quando tinha curso, em Guaraqueçaba, professores das ilhas, traziam projeto pronto, cartazes, e eu não levava, mal levava o livro ou registro, e olha, era coisa linda, se eu fosse mais bobo um pouco, eu me encantava com aquilo, e queria trazer pra casa. Mas o que eu sabia daquela professora? Se fossem três vezes em Paranaguá, nas três a via lá, deveria passar o tempo tudo comprando material, pra enfeitar a sala, as crianças, e eu conhecia bem, sabia de colegas que eram assim, depois tive diretor que confirmaram pra mim, “já fui três vezes na ilha, e foi as vezes e não apegue as professoras lá(...)”, É aquilo que tu disse, quando vem aqui é a coisa mais linda. E eu não achava isso bom pra mim, as coisas tinham que ser feitas como tinham que ser feitas, não enfeitar coisas pra turista, pro olho, e o resultado não é tão grande. Não estou criticando companheiros, não generalizando, nem estou citando lugar nem nome, mas eu sabia que acontecia e não queria pra mim... E quando via exemplos bons, que eram bonitos pros outros, então era bonito pra mim, mas não gostava de pegar muitas coisas só porque elogiou, e na realidade não é aquilo mesmo. Mas assim eu fiquei trabalhando bastante tempo.

– E o professor na sua trajetória, teve alguma mudança no modo de ser do professor, com algo que marcou durante a trajetória, mudou sua pratica, sua visão de mundo em ser professor?

Eu confesso que não mudou muita coisa, no meu modo de ser, não sei se é a natureza de eu ser assim, até me sinto muito diferente de muitos, porque tudo aquilo que eu fiz tudo aquilo que estou fazendo, e tudo aquilo que eu almejo fazer, é tudo coisa que eu tinha quando criança é tudo coisa de quando eu sofria (....) Que fosse fome, que eu sofria na infância, eu pensava “será que um dia posso diminuir a fome de alguém?” que a fome doí. Na minha adolescência, andava descalço, de calça rasgada, sofrendo, eu pensava “será que quando for adulto, não posso dar uma camisa a alguém, um prato de comida a alguém?” quando via uma pessoa na cama sofrendo, como criança já pensava “será que quando for adulto, posso ajudar essas pessoas sofrendo na cama com dor.” quando era criança, quando via pessoas analfabetas, sofrendo pra contar dinheiro, pra ler, assinar o

nome, quando criança já pensava “será que um dia vou poder ajudar alguém a não passar esse vexame?” então me parece que a minha cabeça de criança pra hoje, não foi mudada, claro que hoje, a gente tem uma outra facilidade, parece que mudou pois é mais fácil se locomover, comunicar e poder fazer, mas era coisa que já vivia na minha cabeça de criança, mas eu não tinha liberdade de pôr pra fora minhas ideias, não tinha oportunidade pra por isso, e quando criança tinha timidez pra isso, tinha timidez de olhar pra alguém, falar, e depois foi perdendo isso, fazendo alguma coisa. Mas uma mudança não percebo, eu era uma criança com cabeça de homem, me parece.

– É o professor e o irmão do professor que trabalho na escola?

Também, até hoje trabalha, se aposentou e continua, mas devido ao mesmo sofrido, mesma vida que a gente viveu, embora ele talvez se comunique menos que eu, fale menos que eu, ele segue essa linha de trabalho, esse pensamento, sempre procurando fazer algo pelo povo, trabalhando pelo povo, tanto que continua dando aula. Eu fiz o PSS (Processo Seletivo Simplificado), o estado me transferiu de um lado pra outro, então optei mais trabalhar voluntário, do que trabalhar pra ganhar mais dinheiro e ficar subordinado, preferi ganhar menos e ter mais liberdade, trabalhando voluntário.

Está trabalhando agora nas escolas como voluntário?

Na escola não estou mais, assim trabalhando, mas trabalho como voluntário em reivindicação de mudança da educação, mudança no livro didático, é um trabalho voluntário que faço na educação, trabalho na saúde, pela sociedade, como voluntário. Por exemplo, se não estivesse aposentado, mas empregado, não teria tempo disponível pra te atender agora, mas como não estou, e o serviço que tenho é meu, posso ir hoje ou amanhã, então eu me disponho a conversar com você, então foi o que optei, ter mais tempo, eu acho isso um trabalho voluntário, estar conversando com você, não estou ensinando, estou aprendendo, estou passando alguma coisa... Eu descompromissado com patrão, me disponibilizo, do contrário não, ele(irmão) acha que dá pra fazer as duas

coisas, voluntário, com patrão lá e subordinado, pra mim não consigo, sem patrão (....) meu compromisso é com a família, mas ela não me impede, fico bem à vontade, na medida do possível ajudar quem precisa de uma conversa... tempo sempre disponibilizo pra ajudar.

– E em relação ao ensino da ciência, como o professor trabalhava em toda a sua trajetória.

O ensino da ciência, é o seguinte, temos tanta coisa em mente que não está no livro, que o livro não mostra, e pra nós aqui na região, eu acho que a ciência melhor é a ciência que venha atender a nossa própria necessidade, embora a gente amplie essa questão, que é ampliar a visão do conhecimento um pouco mais abrangente, mas pelo menos nas séries iniciais, uma ciência que venha atender as necessidades do seu dia a dia, pra mim é mais adequado, e pra trabalhar ciência, não precisa pegar um livro tão extenso, tão explicativo, com tantas coisas, que pra trabalhar ciência temos aqueles belos rios, além da ciência, com o rio a água trabalha a saúde, meio ambiente, temos as paisagens, trabalhar ciência, meio ambiente, natureza, temos os animais, a fauna a flora, a gente aproveita, então pra trabalhar a ciência, tínhamos matéria prima pra trabalhar, acho até hoje, temos tanta coisa que se perdeu, e nessa ciência damos um resgate do que se perdeu, e a gente tenta fazer um resgate... Como as fases da lua, colheita de matéria prima pro sustento, o plantio, época da colheita, então a ciência os pais sabem, mas não sabem passar pros filhos, aí que eu diria, porque não levar pra criança na escola? Aproveitar isso que a criança tem em casa, mas não sabe discernir, por que às vezes o pai sabe fazer, mas não explicar, e levar pra escola, pra não se perde um serviço, e uma ciência que é uma ciência, mas não está no livro, e por não saber essa ciência, perde uma madeira que não tira pra fazer casa, outra coisa... Isso tem a ver com a ciência, daquilo que não está na academia pra você aprender, então a gente aproveita e trabalha a ciência.

-E como era a prática disso na escola? Levava as crianças pra conhecer os rios, por exemplo?

Às vezes a gente levava, mas muito raramente devido à precariedade da situação aqui, como a criança vive com essa natureza, não necessariamente precisa pegar eles para mostrar, eles sabem ondem tem, e quase todos os dias antes de vir para escola eles passam por rios (...) passam entre as árvores, se deparam com animais, adultos ou filhotes (...) Então às vezes eu saía com eles, mas em lugares de fácil acesso, devido ao risco de acidentes e a gente não ter como socorrer né... E também (...) os pais nunca impediram os filhos de irem né, de ir pro mato, ou pra uma viagem ... Quando eu falava que precisava pegar alguma autorização da secretária, eles mesmo diziam que não havia necessidade, porque se tiver que acontecer, vai acontecer comigo ou com você, porque eu sei que você cuida, então era um voto de confiança que a gente sempre teve dos pais. Mas a gente por precaução nem sempre levava pro mato ou coisa assim... Mas assim a gente trabalhava explicando as épocas de colheita, de lua, sobre o solo, por exemplo, né, onde que uma planta se desenvolve mais ou menos, porque determinado solo dá uma melhor planta ou não... Então aproveitamos pra trabalhar porque é uma coisa que toda a população aqui sabe, sem precisar agrônomo vir aqui dizer se dá arroz(...)ou não dá. A única coisa que precisava era explicar o porquê que se desenvolve uma melhor planta ou não, então a gente trabalhava dessa forma, até pra auxiliar, na questão econômica, como por exemplo, a tirada de uma madeira para uma construção, que período tira, pra não se perde, hoje não se faz mais... Se fazia muita cobertura de casa de palha né... Aqueles que não tinham conhecimento cobriam uma casa, e no mesmo ano estava só o talinho, se acabava, aquele que tinha conhecimento da época da tirada da palha, tinha casa pra cinco, dez anos, com a mesma cobertura... Então são coisas que você não encontra em livros didáticos pra mostrar pra uma criança, eu sempre me foquei mais na questão da realidade, trabalhar a realidade, trabalhar o concreto, e não o abstrato, por isso estou aqui pra aprender um pouco mais, vai fazer uma coisa com conhecimento, você vai mostrar um conhecimento que tem na prática no concreto e não no abstrato, isso tem porque lá existe. Quando for fazer uma redação de uma árvore você conhece ela, e não aquela história da “uva do vovô” que nem se sabe a forma como é, se ela se reproduz, se existe, simplesmente está ali a palavrinha, você só gostou do tom da palavra, mas não sabe o que significa, quando você realmente vive ela, é melhor.

– Então isso que vejo nessa facilidade que o professor teve na formação, da prática com os

alunos, na escola, e de conhecimento desde pequeno da comunidade com esse ambiente. Eu pergunto ao professor, na escola tinha muitos filhos de quilombola mesmo?

Tinha mas na época não se sabia, não era reconhecido, não era divulgada, essa questão do quilombola, mas tinha, porque o que tem hoje é os da época.

E fora, quem mais ia à escola da comunidade que não se caracterizava como quilombola.

Hoje que a gente sabe que a gente trabalhou com crianças que não se caracteriza como quilombola, hoje a gente sabe que a gente tem essa diferença... E outra coisa interessante que eu acho, é que como católico, e 80% dos alunos eram evangélicos, e nunca tivemos problemas.

E isso de trabalhar a religião, e a ciência como é? Pois tem a questão da evolução do homem, e como o professor. Contemplava tudo isso?

Pois é, então você tem que ter o jogo de cintura, de uma coisa não afetar o outro, porque, embora, eu até hoje não acredito que o homem descende do macaco, mas você ler um livro que fala isso, não pode virar uma discussão sobre aquilo... Ensinar aquilo como uma história, e não como uma coisa verdadeira “Você é descendente de macaco, ficou assim porque aconteceu alguma coisa” eu sinceramente não acredito como não acredito que o homem foi à lua, mas está ali pra ensinar, quem foi lá, o que fez... Não vão abrir um descontentamento com o setor da educação, com a comunidade, está lá, fulano de tal foi à lua em tal tempo, teve que ser assim... Mas eu não acredito até hoje... Mas eu não acredito que o homem foi lá, porque a bíblia diz que quando os homens pudessem descobrir o segredo dele, ele mudaria o tempo, e isso e descobrir o segredo de Deus.

Mas o professor ocultava essa parte da ciência pros alunos?

Não, se era pra falar sobre eu jamais esconderia, e daí, talvez seja como a história... Tem que falar sobre o assunto, eu vou falar, não tem meio termo, é como falar a sexualidade na escola, “não dá pra falar por quê?” Tem que falar, ter consciência no assunto, pode criar um atrito, ser considerado um ato libidinoso, e amanhã vai parar na polícia na cadeia, tem que trabalhar com conhecimento, pra se um pai vier reclamar mostrar... Quer processar, processe o ministério da educação, se é pra falar sobre, tem que falar, nunca se deve falar as coisas pela metade, principalmente quando a criança quer saber, isso ou aquilo... Ou é ou não é;

E como o professor abordou a questão da cultura da comunidade?

Não a gente não se aprofundou muito, a questão da cultura, porque, eu acabei tendo um pouco mais de conhecimento mais aprofundado agora, não é vergonha dizer isso, é mais recente, então não se aprofundou muito a questão da cultura, por que tratar de mais evangélicos que católicos, independente de outras etnias, a gente procurou respeitar muito o direito e liberdade de cada um, pra não interferir, no que cada um acredita, então a gente não se aprofundou muito na questão, hoje a gente fala mais da questão da cultura nossa, do quilombola, porque existe, o que aconteceu com ela, porque hoje tem isso aqui, hoje a gente já está trabalhando com a criança... Trabalha com a comunidade, com a mentalidade mais feita, hoje já temos a noção do que a gente é, porque antes gente não conhecia, não que a gente não fosse descoberto, é que a gente não conhecia nossa trajetória como é... Mesmo eu achando quando estudava, e depois quando dava aula, que os livros didáticos, principalmente que se referem a índios e negros, achava que tinha muita coisa distorcida e escondida, escondendo o lado bom, e mostrando o lado negativo, mas hoje a gente pode falar com mais tranquilidade, não muito, mas tem noção de porque de tudo isso.

Mas a população quilombola, o que o senhor diferencia da educação, o que ficou faltando?

O que ficou faltando até hoje, é o reconhecimento de valores... Professores novos que entram ainda com preconceito da questão negra, e como não pode ir direto discriminando, não por respeito, mas medo, então às vezes querem mudar nossos hábitos, nossos costumes... e ainda é cultura... modo de viver como família, modo de alimentação, modo de fala, hoje as vezes as pessoas tem conhecimento dos nossos hábitos e costumes e vem querer mudar tudo isso, porque o ser quilombola, o ser descendente de matriz africana, não nos obriga a manter a religiosidade africana, não nos obriga a ser candomblé... A acreditar em outros deuses, não nos obriga, mas nos obriga a termos que respeitar, então não somos obrigados a manter a religiosidade da matriz africana... Mas existem muitas coisas que nós querendo ou não, ainda mantemos, modo de vida, alimentação, forma de trabalhar, talvez só hoje a gente observa, que aonde tem o pai chefe os filhos estão em volta, isso é tradição é cultura, aí chega um e diz “larga mão rapaz, de viver só rodeando pai, mão, pega um canto aqui, assim se não vive, tem que procurar teu futuro...” Isso é querer obrigar a mudar uma cultura, e por si próprio a gente tem esse conhecimento de criação antiga, meu pai, meu avôs viveram aqui os filhos tudo e volta... Vai embora acaba voltando... Uma coisa que está no sangue e não sai, meu pai se criou aqui, saía, voltava, os filhos saíam, meus filhos a mesma forma... Mas parece que tem uma coisa que atrai e isso é uma característica, que a gente nem sabia o porquê. É de um amor àquilo que faz, tem gente que adquire uma coisa e esbanja, usa machado, machado tá bom e joga fora, a nossa traição sem saber nos obrigava a cuidar e não jogar fora... Só hoje que eu sei o porquê que eu era assim, meu pai era assim, uma ferramenta que não corta mais a gente guarda, é uma coisa que é tradição da matriz africana, eles não jogam fora.

Sobre essa tradição teve contato quando?

De 2003 pra cá... que a gente foi reconhecer, entender o por que....

E qual foi o pontapé inicial pra retomar essa cultura? Pra se identificar como quilombola?

É uma história que começou de 2003 pra cá, hoje a gente reconhece um pouco mais do tempo quando a gente começou, a gente tinha esse modo de viver sem saber por que, hoje a gente acabou redescobrimo que é assim... Começou em 2003, no governo do Lula... E já tinha isso desde o FHC, através da ONU... Dessas comunidades que vieram... Abrem precedentes, porque o FHC engavetou lá, e não publicou, no governo do Lula, ele divulgou essa questão, e daí surgiu a questão dos levantamentos de onde estava a escolinha, e aqui no Paraná foi através do GT Clóvis Moura... Foi no grupo de trabalho, e daí os professores das secretarias do estado que foram comigo fazer o levantamento, de quem foram, como chegaram até aqui, por alguma história que ouviram da família Pontes... E daí que a gente foi ouvindo as histórias e vendo... A gente acabou se identificando, depois teve mais da trajetória pra tentar reconhecimento e tal... E foi a partir daí que a gente acabou vendo essa questão e partir daí aumentou mais o trabalho, aí fiquei diretamente envolvido... Não só em busca das melhorias, mas em busca de fazer amizade com outras comunidades quilombolas, e dar as mãos pra ficar junto, e estamos envolvidos até hoje.

Aqui em Guaraqueçaba, de comunidades quilombolas são?

Batuva e Rio verde. Não que não exista outras, é que não foi trabalhada essa questão, não houve recurso pra ser trabalhado, divulgado, a gente sabe que tem muitas famílias que são descendentes, mas na época foram trabalhadas essas duas comunidades... Que são reconhecidos até hoje.

Mas na época só tinha alunos de descendência de matriz africana ou tinha outros alunos?

Tinha outros alunos... Mas na época a gente não sabia, sabia que existia uma discriminação dos alunos, dos branquinhos com os negrinhos... Essas características, sem saber o por que. Embora eles fossem xingados de “negro da África” era um palavrão, quando estava na escola, era palavrão... E como a gente não conhecia a história não se reconhecia... Hoje não, se falara isso pra gente... A gente até gostaria que

alguém xingasse, mas de forma vexatória mesmo, alguns amigos até fazem, de brincadeira, intimidade, mas gostaria que xingassem mesmo, mas hoje ninguém faz...

E quando o professor era criança, estudava aqui na comunidade, quem mais morava aqui? Que tipo de colônia tinha aqui?

Bom eu acho que, ainda prevalece às mesmas, os mais velhos morreram foram embora, mas são as mesmas.

Mas de qual descendência?

Ainda tem alguns descendentes de português, alguns de italiano, mas bem pouquinho... então assim tinha algumas histórias... Mas nunca ninguém, mesmo dos mais velhos, divulgavam isso, porque vieram, de onde vieram, como vieram, depois de muito tempo contavam... E na época o jovem não tinha liberdade de perguntar pro mais velho nada.

E isso era ocultado por quê?

Não sei exatamente, o mais velho não tinha o hábito de transmitir, e o mais jovem não tinha a liberdade de perguntar, hoje os filhos perguntam pros pais, avós, mas até o tempo que me criei à gente não tinha liberdade de perguntar nada, era um desrespeito... E se o mais velho tivesse conversando, criança não podia está no meio, então por isso as coisas ficavam escondidas, por isso ficou difícil... Hoje a gente descobre tudo... Se bem que depois que a gente ficou adulto, conseguimos fazer amizade com os mais velhos... Mas enquanto criança, não tinha esse direito de perguntar nada, então fica a dificuldade, já era da tradição mesmo que não podia ficar falando e criança ouvindo...

(pausa da conversa – os netos do professor Ilton chegaram da escola, todos ainda espantados, e curiosos com minha presença ali, ao me apresentar, e ao falar que estou fazendo uma pesquisa, a neta mais nova que está no segundo ano do ensino fundamental me conta - “eu quando crescer também vou pesquisar, sobre, como um tubarão engole uma pessoa?” Noto depois que em sua mochila no meio dos materiais, um livro infantil sobre “A aventura de Jonas” Retomamos a entrevista, acabei me perdendo um pouco do tema anterior, retomo sobre o tempo em sala de aula)

Quanto tempo o professor ficou na escola?

32 anos, só 32 anos...

E hoje o professor olhando toda a sua experiência e caminhada, como o professor vê?

Bom tem várias situações, eu já trazia isso na cabeça ou no coração, mas uma coisa a gente achou que aprendeu, um pouco, mas outra coisa é que, eu sinto assim, que boa parte daquilo que tinha desejo enquanto criança, eu pude concretizar, e em terceiro eu me sinto muito bem, muito feliz, pelo pouco que pude fazer, que a minha vontade é fazer mais, mas pra fazer mais, já depende de condição financeira, e não só de boa vontade, e eu não consegui... Mas eu consegui aprender um pouco, aprendi a lidar, com vários tipos de pessoas, pessoas de vários temperamentos, vários hábitos e costumes, e me trouxe um pouco dessa felicidade, que eu vejo, bastante coisas, é fruto do meu trabalho, e sinto assim, que valeu a pena ter me esforçado, lutado, e me traz um pouco de alegria, e um pouco de ansiedade, porque eu tinha vontade de fazer mais, porque eu continuo vendo tanta necessidade aí, porque através de promessas de políticos a gente não consegue, então me deixa angustiado, um pouco, porque eu precisava ter adquirido condição financeira, pra mim não sofrer mais algumas necessidades, e um pouco da felicidade que eu tenho, não posso esconder, é pela família que eu tenho, mulher, pelos filhos que eu tenho, e pelos amigos que eu adquiri nessa minha trajetória, amigos que eu acho que não era digno de chegar perto pra conversar, e hoje a gente chega, conversa, brinca, até

extrapola a brincadeira né... A gente tem essas coisas que a gente achava que nunca ia chegar lá, e graças a Deus a gente, tem essa coisa de felicidade, um pouco a gente fez, um pouco do que a gente aprendeu, uma felicidade pela família, e uma felicidade, pelos amigos que a gente adquiriu(...) É uma felicidade que a gente tem, as vezes, poder ajudar, com um pouquinho de conversa, de informação, mas isso ainda é mais aprendizado, pra gente, eu acho que com tudo que me perguntam e respondo, eu acho que não estou ensinando, estou aprendendo, porque o esforço pra responder alguma coisa requer um aprendizado novo, são coisas que eu alcancei nessa trajetória como professor, e ao mesmo tempo liderando a comunidade... eu não trabalhei só como professor durante esse período, trabalhei como professor, como orientador, como enfermeiro, às vezes, como médico, como eletricitista, como carpinteiro, e às vezes até como transporte, porque quantas pessoas eu já carreguei nas costas, no mato, na estrada, levando pra cidade, ficando internado... E até hoje... Então são coisas eu acho que eu alcancei.

Quando o professor assume a liderança da comunidade?

Na verdade, assim que comecei a trabalhar como professor em 79, a gente já acaba assumindo uma liderança, porque como trabalhava pro município... Tudo que era responsabilidade, que era voluntário, vem pra gente, porque recebia da prefeitura... É vacina o professor faz, é pra buscar ele vem... Então isso foi tanto, que chegou um tempo, que um secretário reclamou, de eu fazer tudo isso, e queria me punir porque daqui a pouco, não era mais professor, mas era médico, enfermeiro, tinha que cuidar da saúde... A partir daí quase que a gente começou a se desentender... Mas eu preferia me desentender com o secretário, do que deixar de fazer o que meu coração mandava, porque meu compromisso era com os homens, então eu arriscava meu emprego pra não deixar de atender. Então depois fui presidente de comunidade... Depois presidente de associação de moradores, depois de produtores, ora presidente, ora secretário, ora tesoureiro, membro de conselho de saúde em Guaraqueçaba, membro de conselho de assistente social, tudo que era trabalho voluntário a prefeitura me chamava e eu fazia parte... Por último fui eleito, vice-presidente da secretaria da agricultura de

Guaraqueçaba, representando todas as outras comunidades todos os outros presidentes, atualmente é que não está funcionando o conselho e a secretaria de Guaraqueçaba, mas ainda fui eleito como segundo secretário dessa gestão... Só que nunca mais teve reunião da comissão... Então a gente ficou assim, presidente da comunidade quilombola, já com dois mandatos, agora está vencendo, e vice-presidente da federação que representa as 37 comunidades do Paraná... Então a gente sempre está comprometido, com a sociedade, com as comunidades...

E essas questões, mais da sociedade, o professor trazia pra sala de aula?

É a gente começa trazer também, até por uma questão de incentivo ao espírito coletivo, que eu não achava, eu acredito, que enquanto a gente viver isoladamente... Pode até viver, mas uma coisa só pra si e pra pouco tempo... Então acho que esse espírito coletivo, é trabalhoso, mas é necessário... Enquanto você achar que aquilo é bom pra você, e os outros que se virem... Eu penso os outros afundando e não dá a mão pra sair do chão... Então a partir do momento que a gente se torna esse espírito coletivo, faz igual ao menino... Dá uma vara pra ele segurar, ele não conseguiu, mas ele tentou... Então a gente trazia essa questão... E a gente tem alguns alunos que se formaram e ainda tem essa tendência, e falam que aprenderam com a escola... são excelentes pessoas... E até hoje, que a gente não está junto trabalhando, a gente não deixa de ajudar, e ela é servente quando precisa cuidar da mãe, a gente ajuda... Quando ela precisa de mim pra alguma coisa a gente ajuda... Então fica uma coisa gratificante, são resultados que são mais que dinheiro... eu até costumava a dizer, que quando passava visto no caderno, trabalha bem, sempre querem nota... E eu dizia que número sempre é número, e uns parabéns é ótimo, é melhor que nota 10... Quando você recebe uns parabéns da tua mente ninguém apaga... Então acho que às vezes te dar uns parabéns de coração é mais gratificante que te dar uma nota de R\$50. Nota de ações é melhor que nota em dinheiro, então a consideração

de um bem que você faz que você receba que você doa... E isso precisa aprender pra valorizar, enquanto você só faz isso por dinheiro aí é outra coisa...

É por causa disso né que, hoje o pessoal se apega mais no canudo do que no que aprende, vai estudar só pelo certificado, o saber não interessa só o papel, e hoje vemos isso em pesquisas, na TV.... De pessoas que querem uma função, cargos “quero um emprego bom, mas não tenho certificado, então vou entra numa escola aí, que me dá o certificado” e em dois dias aparece certificado... Se sabe fazer o serviço, nem que saber, dá um jeitinho, aprende lá, se aprender... É uma coisa que tem que aprender, dar esse valor as coisas. Vi isso quando trabalhei com adultos

- E como foi à transição de trabalhar com crianças pra adulto?

Sabe que eu não tive dificuldade de trabalhar com adulto, embora... Não que a gente não respeite a criança, mas o adulto precisa de mais cuidado, porque com a palavra você pode trazer ou enxotar dali, mas eu não senti muita diferença, me dei bem com os adultos, trabalharam, foi legal... Bem participativos, e aquilo que eu falo professor não entra na sala só pra ensinar, entra pra aprender também, na escola, ser inteligente, e aprender a valorizar, você aprende com crianças, com analfabetos... Você sempre está aprendendo, você entra na escola não pra ensinar, pra repassar, você também está aprendendo.

E olhando sua trajetória de formação, pensando em formação de professores, o que o professor acha que faltou?

O que pra mim faltou, foi à oportunidade de ter estudado mais... Não lamento, mas faltou... Porque eu tenho vontade de avançar, de estudar, só que não estou tendo oportunidade, porque até hoje se houvesse oportunidade eu voltaria pra sala de aula, com tudo que eu sinto que desenvolvi, eu sinto que tenho necessidade de ter estudado mais.

E que tipo de conhecimento o professor gostaria?

De todos os segmentos, até por uma necessidade, de gente que trabalha com gente, deparamos com gente de várias formações, vários níveis, e vejo a necessidade de ter estudado um pouco mais pra entender um pouco mais a linguagem de outras pessoas... A gente sente essa necessidade, e não adianta negar.

E quanto a práticas pedagógicas?

Não, quanto isso, a gente não tem assim... Preocupação, e não faltaram as coisas, e até aonde trabalhei não senti essa necessidade...

O professor fez uma especialização em ciência?

Não.

E todo o conhecimento que o professor tinha de ciência era...?

Então a gente fez cursos, não cursos aprofundados, porque eram cursos de 3, 4 dias, mas eu fiz vários cursos de ciências, matemática, geografia...

E como eram esses cursos?

Conteúdo, mais conteúdo. Então eu fiz muitos, tanto é que deve ter uma pasta ali, com mais de 70 e poucos certificados. Então o básico a gente conseguiu, só não especialização numa disciplina de ciência, nenhuma outra. Então a gente teve uma preparação, curso pra aperfeiçoar... Não, não. Depois a

gente fazia curso aqui, lá em Paranaguá, Curitiba, depois foi à vivência com outras pessoas, que a gente foi aprendendo. Mas curso específico não.

O professor chegou a dar aula pra ensino médio?

Não.

Só pra fundamental?

Só...

5ª 8ª série, o professor trabalhou?

Não, só com os pequenos.

Com os pequenos, exige uma formação mais especializada?

Não, trabalhei somente até quarta série, das séries iniciais...

-E curso de ecologia, de sustentabilidade, o professor fez algum?

Fiz...

E trabalhava nessa perspectiva?

Na questão de ecologia, a gente não trabalhava muito, porque os cursos eram mais coibindo o trabalho da população... E eu fazia porque eu gostava, mas sabendo que não ia aplicar, porque se fosse aplicar, eu tinha que voltar e proibir o pessoal de trabalhar, e conhecendo a necessidade, com eu ia vir pra cá... E aplicar pras crianças e falar pra não matar passarinho, não pesca, não derrubar

uma árvore, não tirar um palmito, não fazer uma horta, porque tudo mexe com a ecologia, e vão viver do que?... Então eu, claro ensinava algumas coisas, como respeitar a natureza, como por exemplo, nunca ir ao ninho do passarinho, tirar os ovos, por ali tem uma mãe, é como alguém tirar você da sua, ou ir numa árvore, e em vez de tirar uma fruta, botar a árvore pra baixo, porque ano que vem tem fruta, se corta não tem mais... Então esse trabalho não deixava, porque se não vira baderna... a gente cansou de ver caçadores, que ia caçar, e batia a fome... E em vez de tirar a fruta, passava o facão, derrubava no chão e pegava a fruta, e esquecia que... se ano que vem, fosse lá, ia ter fome, e cadê o pé? Isso eu passava pras crianças, pra não fazer isso, porque como diz o ditado “barriga não doí uma vez só” e sempre mostrando que um pássaro quando perde o filho chora, e fazia comparação com ele... Explicava o período da caça, quando está procriando, o período no mato, que mata a mãe e fica o filhotinho... Então essa coisa básica a gente passava, mas não totalmente conforme eles faziam... Ai não porque ai eu ia incentivar a matar o pai das crianças de fome... já tinha uns que iam sem tomar café, ai não dá... Então o básico da consciência a gente trazia pra escola... E até pro adulto a gente passava, o tempo da caça...

Quando que foi considerada aqui a região de APA¹⁶?

85... só que foi divulgado uns 10 anos depois... então ficou 10 anos que ninguém sabia...

Então fiquei pensando, uma escola na região de APA, vai ensinar ciência, numa região que tem toda essa ligação com a extração... isso era considerado nas aulas? O professor vê essa preocupação assim nas aulas?

¹⁶ *Área de Preservação Ambiental*

Não, eu não via essa preocupação, porque eu tenho meu lado sensível, e tenho meu lado ignorante... Mas hoje sei que tudo isso influência na sua vivência, se você convive aqui na natureza, você sabe até que ponto você está depredando realmente a natureza, e pra quem nasceu e criou aqui e vê a natureza, como está hoje... Com mais mato do que gente, não pra pregar isso rigidamente, “vamos preservar, vamos preservar”, não acaba, pode até diminuir alguma coisa, mas com o povo nativo não acaba... Então não atrapalha assim, em relação meio ambiente, educação... Tanto que escrevi no livro, tem tanta educação ambiental e tem gente passando fome, e a natureza tá... Só que é assim, nunca eu fui falar pra uma criança, que ali tinha uma cobra e que enxotasse ela, eu mandava mata, e mando até hoje, e eu mato, e o pessoal que fiscaliza isso sabe, e eu mato, e não escondo que eu mato... Porque quando eu mato uma cobra eu estou salvando minha vida, estou salvando a sua, e de um animal doméstico... Que cobra tem tanto aí, nem se for caça se acaba todas elas, e quem mora aqui sabe disso... Aí enxota uma cobra aqui, ela morde ali na frente, aí vou no orelhão chama uma ambulância e não funciona... Vou pegar um carro, mas ninguém tem carro... E se eu pude evitar isso matando aquela cobra...

E essas questões o professor trabalhava, esse sistema é até questão de sobrevivência?

Sim, eu trabalhava aqui e brigava com os órgãos ambientais sobre isso.

Porque o professor coloca o que vem de lá de regras e obrigação, e o que se vive mesmo aqui, o espaço que se tem pra questionar isso é só na escola, porque o aluno vê o que acontece em casa, o que ele vive aqui na comunidade e o que ele vê nas leis, porque até onde ele vê o que ele está fazendo, e o que vê nas leis ele pode pensar que vai ser preso, por exemplo... E o que ampara ele? Então essas coisas a gente trabalha, até por questão dos cuidados pra não ficar na mão da polícia, por a polícia hoje não é segurança... Até um tempo atrás você se apoiava num policial pra se proteger, hoje é perigoso, mais perigoso que um

bandido sem farda... Então são as coisas, polêmicas, que só quem vive, sabem, e quem tem coragem de falar.

Então fica uma questão... Que o mais difícil de trabalhar é a ecologia ambiental, que às vezes você pensa que está ajudando, e fica uma criança sem saber como viver... “Que daí como vou ajudar meu pai agora, como vou dizer plantar uma hortinha, colher nosso feijão, se for atrás disso meu pai é preso...” Aí o que está acontecendo, é se criando uma corja de “vadio”, desculpa a palavra... se prevalecendo da lei pra não fazer nada... E eu como não queria passar fome, desafiava a lei...

Sim, eu não tinha pensado nisso quando o professor falava que essas leis delimitam as pessoas e não vão trabalhando, e vão fazer o que...

E quando você fala pra eles ai dizem “Mas ninguém impede de trabalha, quando foi dito isso?”. Eu falo “quando vocês pegam o cara na roça trabalhando e vão lá... Mas se for à minha comunidade vai rolar cabeça, que minha foice corta...” (risos). Por isso que é a situação Denise, o que é viver aqui... Por isso as promotoras acharam interessante viver à realidade “não vocês aqui tem que ser visto com outros olhos, tratados diferente, só proibir, proibir...”

Mudar um pouco a perspectiva, das pessoas...

Isso é mudar a cultura de uma pessoa, o hábito. Como chegar na casa de uma pessoa e falar, sua TV vai ficar aqui e não ali, você vai por lá... É a mesma coisa que faça isso, e imponha a lei, sem perguntar se era seu gosto, se queria ali... Então proibir você de trabalhar é te privar de um direito, e eles acham que não tem erro nenhum, e quando a gente fala, eles dizem “ mas, ninguém proíbe”... Então essas situações, que só vivendo elas.

Quem mora aqui sabe os riscos da degradação que pode ocorrer, ou não, da forma como está explorando, já tem uma relação com o ambiente...

Então, eu não vou saber que se tirar tudo da beira, vai bater um vento e derrubar a casa... Ai chega alguém aqui e fala “não cuida da beira”...

(Pausa – chega dona Ágeda, esposa do professor Ilton e também a merendeira da escola, um convite para o café, enquanto esperávamos na mesa continuamos a conversa que se iniciou sobre o livro e que retomei a gravação).

Eu vou quero falar um pouco sobre seu livro, mas antes queria só retomar para quando eu for escrever ter mais claro, o que te marcou, o que aconteceu que te marcou mais em sua trajetória professor?

Tem algumas coisas que marcaram na minha vida, como por exemplo, nos falamos de conhecer a realidade, quando você... Vou repetir só para contextualizar, quando você realmente conhece o lugar onde você está com quem você vive e com que você trabalha, eu acho que facilita o seu trabalho... Uma coisa que me marcou na vida, quando estava em sala de aula, tem várias coisas, mas vou contar essa que me marcou. Eu tinha um aluno, hoje ele está homem... Então na escola eu conhecia a família inteira... Um dia ele chegou e já se levantou e ficou em pé, ai foi quase a aula toda, ele sentava um minuto e já ficava em pé ... Ai eu não reprendi, mandei sentar uma vez, ele sentou e logo levantou. Ai outro dia ele chegou sentou, sempre muito educado... Sentou um pouco e já levantou... Eu pensei tem algo diferente nesse corpo, chegou o intervalo eu pedi para ele ficar, ai os outros alunos já ficaram como olho aceso... Dai fechei a porta, falei que não era castigo... Falei “vamos conversar como dois amigos... Adultos agora, me explique bonitinho e não me enrola, porque você não está parando sentado como antes?” ele respondeu “ah professor é que eu estou com uma feridinha”, eu falei deixa eu ver... Ai quando ele abaixou as calças aquilo grudou tudo... Era uma ferida só da cintura até a altura da perna... Estava uma casca só. Eu fiquei imaginando como é que um aluno

desses pode ficar sentado, como é que um professor cobra e exige tanta coisa do aluno, mas não procura saber. (...) Ele tinha mais irmãos na escola, pedi que eles entregassem um bilhete pros pais, que assim que terminasse a aula eu ia com ele para o hospital até Guaraqueçaba. (...) Naquela época o médico tinha liberado uma ficha para os alunos, que chegando lá ele atendia primeiro... Então o médico perguntou quanto tempo fazia que esse menino estava assim, eu respondi que não sabia, “eu descobri hoje e já trouxe hoje”, mas acho que não é coisa de mais que dois dias. (...) Ai já foi passado o remédio, ai o médico me deixou com a responsabilidade de ficar com o remédio e vai aplicar duas vezes por dia, você mesmo e ele vai ficar suspenso três dias da sala de aula. Querendo ou não a casa dele fica uns quatro quilômetros da minha casa. (...) Então eu ia todos os dias duas vezes, para fazer a aplicação. Ai na volta naquele dia eu leve ele até a casa dele, pedi para o pai se ele tinha recebido o bilhete, ele respondeu que sim, “e agora vim trazer seu filho”, ai o pai me responde, “(...) Como posso pagar por isso?”. Talvez já me pagou porque sempre alguém fala contra mim você é o primeiro a me defender, então amanhã antes de ir para escola passo aqui, e na volta também. Então isso me marcou muito entre tantas coisas, e hoje os vejo por ai adultos, ainda me chamam de professor (...). Então isso acontece quando você conhece com quem trabalha e também os pais da sua clientela, ai qualquer coisa que aconteça você já sabe aonde ir (...) tem confiança dos pais, e isso fiz com muitos outros alunos também (...) e eu nunca achei que isso era coisa de mais que eu estava fazendo... Era trabalhos que eu estava fazendo na escola, e até em um dia de revolta eu escrevi um poema sobre isso¹⁷ que às vezes o professor na sala não é só professor, ele é médico, carpinteiro, amigo, não só professor. Ai começaram a reclamar comigo que daqui a pouco eu tinha que pedir a conta de ser professor e ir ser médico.

(...)

(pausa para o café)

Professor Ilton retomando um pouco sobre o processo de escrita do livro, sobre o que, ou quais

¹⁷ Este poema foi apresentado no corpo do relatório apresentado para qualificação.

foram às motivações que o levaram a escrever este livro? E do seu estilo, em poemas?

Bom primeiro você perguntou sobre a ideia de escrever o livro, o que me levou foram muitas coisas e a poesia foi uma delas, mas o que mais motivou foi o deixar registro um pouco sobre minha história de vida, pros filhos e netos e a história passa, e o que o está acontecendo hoje não é uma história, mas passando uns vinte anos já é uma história, e hoje estamos aqui amanhã não mais, e deixar um pouco do que fiz, do que conheci das pessoas que conheci também, para os meus netos e filhos, foram alguns dos motivos que me fizeram escrever. Porque eu pude trazer um pedacinho da história dos meus pais. E outra coisa que também me motivou, foi assim, eu sempre li as histórias e livros de outras pessoas aí pensei “essas pessoas são pessoas iguais a mim se eu escrever podem não dar importância, mas talvez alguém quem não me conhece pode ler e ver que é de alguém que escreveu o que viveu”, e outro motivo o município pequeno não dá valor para nada, nem a professor, carpinteiro, cantor pra nada só valoriza pra quem vem de fora, então isso também, me motivou porque aqui tem muita coisa interessante mas ninguém é motivado, então foi um jeito de também mostrar as lideranças (...) Que tem muita gente capaz, e eu era capaz, e tem mais gente capaz, de escrever, porque sei que tem mais pessoas que tem mais estudo que eu e que tem mais facilidade, o que eu quis era despertar a coragem das pessoas aqui de mostrar suas capacidades. E mostrar para sociedade que o sofrimento e a pobreza não são sinônimos de burrice, mais a falta de oportunidade sim, que nos impede de conhecer mais, então foram minhas razões.

E a história da poesia, foi assim, quando eu comecei a ser alfabetizado eu comecei com poesias, e assim tinha mais facilidade, então sempre que pegava um livro procurava as poesias para ler, eu gostava, e por conta disso, depois até parei de estudar mais continuava lendo, escrevendo, e depois que cresci e comecei a trabalhar como professor num curso pedagogia no encerramento, me despertou algo para escrever sobre aquele encerramento, e me foi oportunizado de ler o que tinha escrito, e aí foi assim, todo encerramento de curso ou outras coisas eu escrevia conforme o que vivi o que passou ali durante o curso com os colegas, só que até então não dava muito valor, mas um amigo meu, pediu pra eu não jogar fora para eu guardar, porque um dia poderia pôr em um livro, aí quando veio a ideia do livro pensei em escrever uma parte em poesia, e assim como aconteceu comigo, pensei que as pessoas poderiam se interessar em ler poesia, e

escrevi alguns trechos, por achar que também poderia despertar interesse dos leitores. Escrevi muitas, algumas em momentos de revolta, principalmente quando se trata em questões ambientais, escrevi um pedacinho sobre meus pais, e como eu tinha uns documentos com fotos, e já foi bom porque teve netos que não conheceram meus pais e foi bom uma missão cumprida.

E como foi esse processo de escrever e compor sua história de vida, os trechos que foram constituídos, as narrativas, como foi materializar tudo isso?

Olha tem trechos que não foram fáceis, tem trechos na minha vida que foram difíceis, quando perdi meus irmãozinhos, eu escrevia e chorava, porque a gente era assim, muito apegado e brincava de mais, mas não brigava, nos amávamos muito e no repente eu era criança, mas foi triste e essa parte foi a mais difícil, e alguns momentos eu parava e ia chorar e aí voltava para escrever... Não foi fácil esse livro, porque falar da gente não é fácil e coisa triste pior ainda.

E foi assim depois de escrito eu não acreditava que fosse dar certo, porque já tinha passado nas mãos de muitos, mas quando graças a oportunidade de conhecer pessoas, que como disse, uma das coisas que marcou foram as pessoas que passaram na minha vida, se não, sozinho não chegaria. E para poder mostrar que tem pessoas que valorizam, mesmo não tendo o apoio aqui, encontrei na universidade em Matinhos, e quando deu certo, todos puderam ver aqui que eu podia, e aqui até passaram a me respeitar mais e agora têm os livros, mas eu não ofereço eu espero quem tem interesse pedir, e até o ministério público pediu, mas quiseram dar gratificação eu falei que eu não vendo esse livro, eu dou, (...) quando fomos em porto alegre lembra? Eu levei também, para os líderes dos quilombos de lá.

A maioria não, alguns tínhamos os relatos, mas no GPEDI¹⁸ que apresentei um pouco da

¹⁸ Curso de GESTÃO E PROCESSOS EM EDUCAÇÃO, DIVERSIDADE E INCLUSÃO – GPEDI, ofertado pela UFPR Setor Litoral em 2013.

minha trajetória das minhas vivências, mas são espaços poucos valorizados ainda e muitas vezes contado em terceira pessoa (...)

Então professor, muito bom conversar contigo, (...) agradeço muito a disponibilidade e pelo acolhimento do professor aqui na comunidade e na sua casa, como disse queria muito conhecer um pouco mais sobre sua caminhada sua trajetória, é claro que numa conversa não dá para contar tudo, apesar de ter passado rápido o dia de hoje, quem sabe volto para mais alguns dedos de prosa. O professor gostaria de comentar algo?

Não, não, acho que foi muito gratificante, revivi muita coisa, algumas lembranças, e sempre que quiser voltar estarei aqui esperando na varada (risos) e com as “pedras da cachoeira”. Não sei se o que eu disse pode te ajudar, mas o que puder contribuir, como disse sou assim mesmo às vezes se assustam comigo no início, mas não sou de “enfeitar a prosa”. Eu que agradeço.